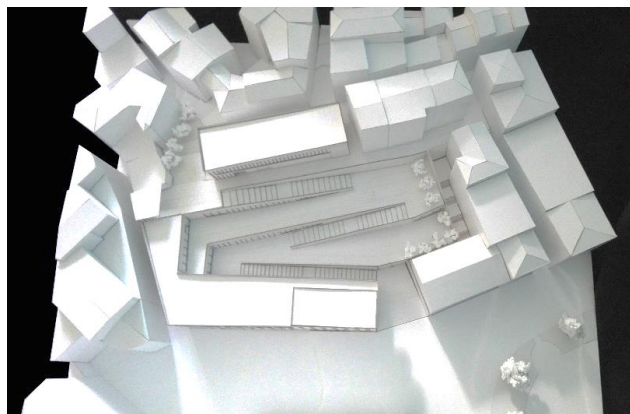


FACULDADE DE ARQUITECTURA

UNIVERSIDADE DE LISBOA

MARTIM MONIZ COMO LUGAR URBANO DE MULTICULTURALISMO

Espaço Mundo: Centro Multicultural de Inovação e Promoção Artística no quarteirão entre a Rua da Palma e a Rua Arco da Graça



Daniela Alexandra Guilherme Vitorino

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica

Professor Doutor António Leite

Professora Doutora Maria Manuela Mendes

Júri

Presidente: Professor Doutor Jorge Ribeiro

Orientador: Professor Doutor António Leite

Vogal: Professor Doutor Carlos Ferreira

Documento Definitivo

Lisboa, FAUL, março de 2018

RESUMO

Apesar de Portugal ser considerado um país de longa tradição multicultural, a cidade de Lisboa tem vindo a ser, cada vez mais, cenário da interação e da convivência entre imigrantes dos mais diversos pontos do mundo. Neste sentido, o ajustamento entre a apropriação do espaço consoante as diferentes culturas e a arquitetura continua a ser uma questão central, para a qual o arquiteto e o sociólogo deverão ter um olhar atento.

Tendo como área de estudo o Martim Moniz que permite perceber uma diversidade social, étnica, cultural e geracional, o presente trabalho pretende compreender se a cidade está preparada para oferecer espaços públicos de convivência intercultural e até que ponto e de que forma, é possível albergar e acomodar a diversidade de indivíduos, grupos e modos de vida, independentemente da sua origem.

De modo a requalificar e reabilitar um quarteirão adjacente ao Martim Moniz, é proposto o desenvolvimento de um Centro Multicultural. Para além de resolver alguns problemas urbanos, provocados pelo tecido urbano denso e fragmentado, consegue, no mesmo espaço, desenvolver atividades variadas que promovem as interações humanas entre toda a população, incluindo autóctones, imigrantes e turistas.

O facto de se estar perante uma estrutura social e cultural heterogénea e marcada por múltiplas tensões constitui um desafio acrescido à ação da Arquitetura. Esta situação leva à adoção de estratégias criativas gerando aquilo que se pretende: dinâmicas de convivência, sociabilidade e criação cultural e artística,

PALAVRAS-CHAVE:

Martim Moniz; multiculturalismo; diversidade; cultura; espaço público; centro cultural

ABSTRACT

Even though Portugal is considered a country with a long multicultural tradition, the city of Lisbon has been increasingly a scene of interaction and coexistence among immigrants from all over the world. In this sense, the adjustment between the appropriation of space according to different cultures and architecture remains a central issue to which the architect and the sociologist must observe closely.

Martim Moniz is a study area that allows to perceive a social, ethnic, cultural and generational diversity. The present work intends to understand if the city is prepared to offer public spaces of intercultural coexistence and to what extent and in what way it is possible to accommodate the diversity of individuals, groups and lifestyles regardless of their origin.

In order to requalify and rehabilitate a block adjacent to Martim Moniz, it is proposed the development of a Multicultural Center. The Multicultural Center will allow not only solving some urban problems caused by the irregularity of the territory and the construction as well as to develop varied activities in the same space that promote human interactions among the entire population including autochthonous immigrants and tourists.

The fact that there is a heterogeneous social and cultural structure and marked by multiple tensions constitutes an added challenge to the action of Architecture. This situation leads to the adoption of creative strategies generating what is intended: dynamics of coexistence, sociability and cultural and artistic creation.

KEYWORDS:

Martim Moniz; multiculturalism; diversity; culture; public space; cultural center

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar um agradecimento especial a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, me acompanharam e ajudaram na realização do presente trabalho.

Agradeço com enorme sinceridade aos meus orientadores, ao Professor António Leite, pela sua disponibilidade, dedicação, sabedoria e pelos momentos de reflexão que me proporcionou e à Professora Maria Manuela Mendes, pelo apoio, atenção e motivação dados ao longo de todo o processo.

À minha família, com especial atenção, aos meus pais e à minha irmã, pelo apoio, esforço incondicional e tolerância nos momentos de maior tensão.

Por último, agradeço aos meus colegas da Faculdade que me acompanharam ternamente desde o início deste percurso, pela amizade e pela partilha de conhecimentos e experiências que tornaram estes cinco anos incríveis.

ÍNDICE

RESUMO	I
ABSTRACT	III
AGRADECIMENTOS.....	V
ÍNDICE	VI
ÍNDICE DE FIGURAS.....	VIII
INTRODUÇÃO.....	1
1 Tema e Objetivos.....	1
2 Questões e Hipóteses de Trabalho	1
3 Metodologia	2
4 Estrutura do Trabalho.....	3
CAPÍTULO I – O HABITAR MULTICULTURAL NA CIDADE CONSOLIDADA	5
1 Multiculturalismo, Diversidade e Interculturalismo: clarificação concetual.....	7
2 Portugal e cidade de Lisboa: territórios multiculturais	8
2.1 Integração e convivência das comunidades imigrantes na cidade de Lisboa.....	10
3 Martim Moniz como palco do multiculturalismo	12
CAPÍTULO II – A INFLUÊNCIA DA CULTURA NA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO.....	15
1 Espaço Público: importância e funções na cidade	15
2 A dimensão cultural	17
3 O Centro Cultural como meio de integração e convivência.....	19
CAPÍTULO III – CASOS DE REFERÊNCIA	21
1 Superkilen.....	22
2 Museu de Arte Contemporânea Lusitânia	24
3 Centro Cultural Eyüp	26

CAPÍTULO IV – PROJETO DE UM CENTRO MULTICULTURAL PARA A CIDADE.....	29
1 O Lugar: Quarteirão entre a Rua da Palma e a Rua Arco da Graça	29
1.1 Características do terreno	32
1.2 Características do edificado.....	34
2 Proposta de intervenção urbana.....	36
2.1 Conceptualização	36
2.2 Projetos e espaços sócio culturais marcantes na área de intervenção	39
3 Espaço Mundo: Centro Multicultural de Inovação e Promoção Artística	42
3.1 Programa	44
3.2 Desenvolvimento Funcional e Materialidade.....	45
CAPÍTULO V – CONCLUSÕES	51
BIBLIOGRAFIA.....	53
ANEXOS.....	59
Anexo I Análise e Pesquisa	
Paineis de Análise - Turma 5C 2016/2017	
Levantamento Fotográfico e Vistas Aéreas	
Projetos Referência	
Anexo II Processo de Trabalho	
Esquissos	
Maquetes de Estudo	
Paineis da Fase Intermédia	
Anexo III Maquetes Finais	
Escala 1:500 - Antes da Intervenção	
Escala 1:500 - Depois da Intervenção	
Escala 1:200 - Proposta Urbana e Arquitetónica	
Anexo IV Peças Desenhadas	

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1. <i>Gli Emigranti</i> . Angiolo Tommasi, 1986	5
Disponível em http://www.gnamdrive.beniculturali.it/gnam/index.php?it/284/gli-emigranti [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 2. <i>Monument to Multiculturalism</i> . Francesco Perilli, 1985	6
Disponível em http://spacing.ca/toronto/2009/03/20/monument-to-multiculturalism/ [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 3. Família de Imigrantes, 2017	9
Registo Fotográfico da Autora	
FIGURA 4. Praça do Martim Moniz, 2017	14
Registo Fotográfico da Autora	
FIGURA 5. Grupo de Imigrantes no Espaço Público, 2017	16
Registo Fotográfico da Autora	
FIGURA 6. Planta do parque Superkilen	22
Disponível em http://www.archdaily.com/286223/superkilen-topotek-1-big-architects-superflex [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 7. Cortes das zonas vermelha e verde do parque Superkilen	22
Disponível em http://www.archdaily.com/286223/superkilen-topotek-1-big-architects-superflex [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 8. Zona Verde - Superkilen	23
Disponível em http://www.archdaily.com/286223/superkilen-topotek-1-big-architects-superflex [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 9. Zona Vermelha - Superkilen	23
Disponível em http://www.archdaily.com/286223/superkilen-topotek-1-big-architects-superflex [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 10. Zona Preta - Superkilen	23
Disponível em http://www.archdaily.com/286223/superkilen-topotek-1-big-architects-superflex [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 11. Registo Fotográfico do edifício	24
Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/01-47849/museu-de-arte-contemporanea-lusitania-frederico-valsassina-arquitectos [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 12. Maquete de estudo	24
Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/01-47849/museu-de-arte-contemporanea-lusitania-frederico-valsassina-arquitectos [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 13. Maquete de estudo	24
Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/01-47849/museu-de-arte-contemporanea-lusitania-frederico-valsassina-arquitectos [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 14. Registo Fotográfico do exterior do edifício	25
Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/01-47849/museu-de-arte-contemporanea-lusitania-frederico-valsassina-arquitectos [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 15. Registo Fotográfico do exterior do edifício	25
Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/01-47849/museu-de-arte-contemporanea-lusitania-frederico-valsassina-arquitectos [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 16. Registo Fotográfico do interior do edifício	25
Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/01-47849/museu-de-arte-contemporanea-lusitania-frederico-valsassina-arquitectos [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 17. Registo Fotográfico do interior do edifício	25
Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/01-47849/museu-de-arte-contemporanea-lusitania-frederico-valsassina-arquitectos [acedido em maio de 2017]	

FIGURA 18. Registo Fotográfico do Centro Cultural Eyüp, Turquia	26
Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/625240/centro-cultural-e-espaco-de-casamentos-eyup-emre-arolat-architects [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 19. Planta de Cobertura	26
Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/625240/centro-cultural-e-espaco-de-casamentos-eyup-emre-arolat-architects [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 20. Relação da rampa com a fachada transparente	27
Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/625240/centro-cultural-e-espaco-de-casamentos-eyup-emre-arolat-architects [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 21. Materialidade	27
Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/625240/centro-cultural-e-espaco-de-casamentos-eyup-emre-arolat-architects [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 22. Esquissos de análise do território: topografia, acessibilidades, edifícios notáveis	30
Desenhos da Autora	
FIGURA 23. Vista aérea da cidade de Lisboa	31
Disponível em http://www.google.com/maps [acedido em maio de 2017]	
FIGURA 24. Maquete de Estudo	32
Registo Fotográfico da Autora	
FIGURA 25. Zona Sul do Quarteirão - Rua da Palma, 2017	33
Registos Fotográficos da Autora	
FIGURA 26. Zona Norte do Quarteirão - Rua Arco da Graça, 2017	34
Registos Fotográficos da Autora	
FIGURA 27. Edifícios do Quarteirão	35
Registos Fotográficos e desenho da Autora	
FIGURA 28. Maquetes de Estudo	36
Registos Fotográficos da Autora	
FIGURA 29. Esquissos desenvolvidos ao longo do processo	37
Desenhos da Autora	
FIGURA 30. Planta de Implantação	38
Desenho da Autora	
FIGURA 31. Cortes Transversal e Longitudinal do Quarteirão	38
Desenhos da Autora	
FIGURA 32. Logotipo da Associação.....	39
Disponível em: https://www.renovaramouraria.pt/ [acedido em outubro de 2017]	
FIGURA 33. Logotipo do Centro	40
Disponível em: http://www.cm-lisboa.pt/centro-de-inovacao-da-mouraria-mouraria-creative-hub [acedido em dezembro de 2017]	
FIGURA 34. Logotipo da Rede.....	40
Disponível em: http://www.redearteseoficios.pt/ [acedido em outubro de 2017]	
FIGURA 35. Logotipo do Projeto	40
Disponível em: https://capazes.pt/restaurantes/cozinha-popular-da-mouraria/ [acedido em outubro de 2017]	
FIGURA 36. Logotipo do Mercado	41
Disponível em: https://www.facebook.com/MercadoFusao/ [acedido em dezembro de 2017]	
FIGURA 37. Logotipo do Festival.....	41
Disponível em: http://festivaltodos.com/intro/home [acedido em novembro de 2017]	

FIGURA 38. Hangar - Centro de Investigação Artístico.....	43
Disponível em : https://hangar.com.pt [acedido em janeiro de 2018]	
FIGURA 39. Centro de Experimentação Artístico do Vale da Amoreira	43
Disponível em : http://www.cm-moita.pt/pages/852 [acedido em dezembro de 2017].	
FIGURA 40. Distribuição dos núcleos temáticos pelos pisos	44
Desenho da Autora	
FIGURA 41. Quadro com Distribuição dos Espaços	45
Realizado pela Autora	
FIGURA 42. Esquema do piso térreo	46
Desenho da Autora	
FIGURA 43. Esquema do primeiro piso	47
Desenho da Autora	
FIGURA 44. Esquema do segundo piso	47
Desenho da Autora	
FIGURA 45. Esquema do edifício a norte do quarteirão	48
Desenho da Autora	
FIGURA 46. Plantas esquemáticas para quantificação	49
Desenhos da autora, janeiro de 2018	

1 | TEMA E OBJETIVOS

A necessidade de criar espaços, tanto públicos como privados, que permitam a sociabilidade e a convivialidade numa cidade que, cada vez mais, diz ser multicultural, foi o ponto de partida para o desenvolvimento deste Trabalho Final de Mestrado. A escolha de uma zona adjacente ao Martim Moniz como área de estudo e intervenção acaba por se justificar uma vez que emerge como um dos palcos mais visíveis da multiculturalidade da cidade de Lisboa.

O objetivo principal deste Projeto Final de Mestrado consiste na conceção de um espaço que promova os encontros sociais e culturais entre todos os cidadãos, independentemente das suas pertenças sociais, étnicas, culturais, nacionais, geográficas, entre outras. A solução urbana e arquitetónica desenvolvida pretende dar resposta à integração das populações imigrantes, de modo a que estas possam manter e cultivar as suas tradições, regras de vida e valores e onde a diversidade cultural seja encarada como uma mais-valia na cidade, e não o contrário.

Tendo como mote o multiculturalismo, a componente projetual deste trabalho centra-se na implementação de um equipamento cultural que procura evocar a memória e a identidade da cidade surgindo como elemento de requalificação e valorização de um quarteirão adjacente à praça do Martim Moniz, entre a Rua da Palma e a Rua Arco da Graça. Esta proposta será o elo de ligação entre os indivíduos, a arquitetura, o espaço público e a cultura, fazendo, simultaneamente, uma articulação da dicotomia público/privado.

Deste modo, procura-se aprofundar o conhecimento sobre as alterações que têm vindo a decorrer na zona do Martim Moniz, perceber a multiculturalidade aí existente e identificar as principais estratégias e aspectos que o arquiteto deve ter em conta na criação de espaços públicos em lugares marcados pela diversidade e operacionaliza-las numa proposta urbana e arquitetónica, cujo cerne passa pela criação de um Centro Multicultural.

2 | QUESTÕES E HIPÓTESES DE TRABALHO

O desenvolvimento deste trabalho implicou a delimitação de algumas questões de partida (Q) e de um conjunto de hipóteses de trabalho (H), a saber:

Q1: Em que medida, os espaços públicos existentes no Martim Moniz, respondem cabalmente às necessidades e valores de uma ampla diversidade de pessoas, grupos e modos de vida em presença?

Q2: Até que ponto é que as referências culturais influenciam a percepção e ocupação do espaço público por parte dos residentes e utilizadores do mesmo?

Q3: Quais as estratégias a adotar e os aspetos a considerar quando se projeta um espaço cultural destinado à convivência de todos?

As hipóteses enquanto respostas provisórias às questões enunciadas, são suscetíveis de serem corroboradas ou não.

H1: A transformação do espaço público e reabilitação do edificado existente implica não só a sua integração na cidade e relação com a envolvente construtiva, mas também, os indivíduos a quem se destina e a sua apropriação do espaço (Q1);

H2: A requalificação e valorização urbana de um lugar através da intervenção (reabilitação de edifícios existentes) assenta na ideia de diversidade e pressupõe o conhecimento dos modos de perceber e utilizar os espaços públicos por parte de residentes e/ou utilizadores (Q2);

H3: A projeção de um equipamento de acesso público que fomente os encontros sociais e culturais, permitirá albergar as mais variadas relações entre os indivíduos com diferentes modos de vida, fortalecendo, assim, a identidade do local (Q1);

H4: A criação de ambientes que suscitem o bem-estar para as diferentes populações que afluem à cidade, apelando, através da arquitetura, pela utilização dos sentidos dos ocupantes de acordo com os seus mundos sensoriais distintos (Q4).

3 | METODOLOGIA

Com recurso a um conjunto de técnicas de recolha e análise de informação, tais como a análise bibliográfica e iconográfica, levantamentos, observações *in situ*, visitas ao local e a análise de casos de referência, a metodologia deste Trabalho Final de Mestrado tem uma natureza essencialmente qualitativa subdividindo-se em duas componentes distintas, mas interligadas entre si – investigativa e projetual – que, por sua vez, são constituídas por diferentes fases.

Neste sentido, o trabalho apresenta três partes distintas. Numa fase inicial, em capítulos mais descritivos e reflexivos, o Martim Moniz é reconhecido como local de análise, discutindo-se alguns conceitos essenciais para fundamentar esta investigação - multiculturalismo, diversidade e cultura. Nesta fase, foram importantes as informações históricas e estudos já realizados por outros autores relativos ao tema e por isso recorre-se a uma análise mais bibliográfica e documental.

Na segunda fase, são apresentados alguns casos de referência que servem de apoio ao desenvolvimento da proposta projetual. Aqui, a análise documental, mas sobretudo, a imagem adquirem um papel fundamental uma vez que a pesquisa é feita através da análise de fotografias, desenhos técnicos e esquemas que ilustram os projetos escolhidos.

Na última fase, surge a componente prática do trabalho por via do desenvolvimento da proposta de projeto que integra conhecimentos adquiridos nas fases anteriores. Através de levantamentos, desenhos à mão levantada e registos fotográficos, foi feita uma análise do quarteirão a intervir, seguida de desenhos e maquetes que testem as várias fases da proposta, a diferentes escalas tendo em conta as opções programáticas em termos de materiais e técnicas de construção adotadas.

4 | ESTRUTURA DO TRABALHO

De forma muito sintética, para além da introdução e da conclusão, este trabalho organiza-se em quatro capítulos, sendo que os Capítulos I e II remetem para o Estado da Arte, o Capítulo III apresenta os Casos de Referência e o Capítulo IV, a descrição do Projeto.

Na introdução são apresentados o tema e os objetivos do trabalho, as questões de partida e as hipóteses, a metodologia adotada e a estrutura capitular.

Os capítulos I e II dizem respeito ao enquadramento teórico e apresentam reflexões que clarificam os conceitos que estruturam todo o trabalho. No primeiro capítulo é tratada a questão do multiculturalismo, faz-se um enquadramento deste conceito na cidade de Lisboa e justifica-se a diversidade cultural existente no Martim Moniz. No segundo capítulo discute-se o conceito de espaço público, a relação da cultura dos indivíduos com a apropriação desse mesmo espaço; enquanto equipamento público, o centro cultural é aqui perspetivado como meio para a criação de espaços de convivência e integração.

No capítulo III são apresentados, de forma crítica e analítica os casos de referência. Neste âmbito, foram escolhidos projetos, nacionais e internacionais, que se relacionam diretamente com o tema central deste trabalho e que consolidam os conceitos base da proposta de intervenção.

O capítulo IV dá lugar à proposta projetual, ou seja, à parte prática do trabalho. A área de intervenção é delimitada e analisada, o programa é apresentado e são justificadas todas as estratégias e opções relativas ao projeto.

Por último, a conclusão sintetiza de forma crítica e analítica todo o trabalho, demonstrando a pertinência da proposta apresentada e dadas as especificidades do território em causa.

CAPÍTULO I | O HABITAR MULTICULTURAL NA CIDADE CONSOLIDADA

O estudo da diversidade das culturas e dos seus modos de relacionamento tem ganho uma importância progressiva nos dias que decorrem. As sociedades contemporâneas caracterizam-se pelo aumento exponencial da diversidade sendo os movimentos migratórios um dos aspetos que mais tem contribuído para este fenómeno nos últimos anos (Castaño, 2000).

Estes fluxos de população devem-se a variadas motivações e envolvem diferentes tipos de atores nos processos migratórios. Destacam-se, sobretudo, as questões sócio-económicas que levam a que milhões de pessoas continuem a procurar oportunidades de trabalho fora dos seus países de origem, procurando usufruir uma remuneração suficiente para um teto inicialmente provisório e uma subsistência mínima, garantindo o envio de remessas para o país natal e, acima de tudo, para a família que por vezes, fica no país de origem.

Figura 1. *Gli Emigranti*, Angiolo Tommasi, 1886



Fonte: <http://www.gnamdrive.beniculturali.it/gnam/index.php?it/284/gli-emigranti>
[accedido em maio de 2017]

Muitas sociedades, como a norte-americana, a canadiana, a australiana e em alguns países europeus, são sociedades multiculturais. Os Estados Unidos da América são um país geneticamente multicultural dada a diversidade das populações que os formaram, embora a integração dessas populações possa ter sido problemática e fonte de conflitualidade permanente em alguns casos. Na Europa ocidental, há países que há muitas décadas acolhem populações oriundas de outros, no passado, das suas ex-colónias, sendo que há uns anos a esta parte estes países são recetores de fluxos migratórios com origens e motivações muito diversificadas.

Neste sentido, é importante refletir sobre a importância da diversidade cultural para o presente e o futuro das cidades. Contudo, há posições antagónicas quanto a esta questão. Por

um lado, rejeita-se a integração das comunidades estrangeiras encarando-as como uma ameaça à coesão social e territorial em algumas zonas da cidade; por outro lado, reconhece-se a imigração como um aspeto positivo uma vez que a população, particularmente no caso da Europa, tende a aumentar e a rejuvenescer com a presença de populações de fora. Os contributos culturais e económicos dos imigrantes também não são despiciendos na criação de riqueza e de uma sociedade mais plural. Não reconhecer a imigração impedirá a descoberta das soluções. 'Quantos bairros estariam agora vazios se não fosse a imigração? Quantas zonas não teriam comércio? Quantas possibilidades de negócio, de produtos novos, de modas culinárias trarão eles ainda? (...) A diferença está em planear para as soluções. Feliz a cidade que consegue atrair soluções sob a forma de pessoas.' (Tavares, 2010: 32).

Este Projeto Final de Mestrado pretende conhecer um lugar da cidade de Lisboa onde a diversidade faz parte da vida quotidiana – Martim Moniz – e, neste sentido, torna-se importante perceber o papel dos imigrantes no aumento da diversidade cultural das cidades onde se instalam e clarificar alguns conceitos-chave já debatidos por alguns autores, como é o caso do multiculturalismo e outros conceitos próximos e que estão associados a este.

Figura 2. *Monument to Multiculturalism*, Francesco Perilli, 1985



Fonte: <http://spacing.ca/toronto/2009/03/20/monument-to-multiculturalism/>
[acedido em maio de 2017]

1 | MULTICULTURALISMO, DIVERSIDADE E INTERCULTURALISMO: CLARIFICAÇÃO CONCEPTUAL

O multiculturalismo não é um facto novo. Em todas as épocas, existiram sociedades multiculturais. O homem sempre procurou conhecer outros continentes, outros modos de vida e outras culturas. No entanto, é um termo que, ao longo da história, tem vindo a ganhar expressão em virtude, por exemplo, dos processos de mobilidade das populações.

Este fenómeno ganha outra escala durante o período da expansão e dos descobrimentos, onde muitos países, assumindo o papel de invasores ou conquistadores, deram origem a novas sociedades e hierarquias. O cruzamento de vários povos, a partir das descobertas, da colonização e descolonização, das correntes migratórias diversas e atualmente com a globalização, foram fatores que contribuíram para o contato direto entre diferentes culturas em todo o mundo.

O termo multiculturalismo surge, por vezes, como um equivalente da diversidade e tem sido debatido por vários autores, nas áreas da sociologia e da antropologia, entre os quais Gilroy (2004) e Vertovec (2007).

O primeiro autor, através do conceito de culturas de convivência – *conviviality* – procura dar conta dos ‘processos de coabitação e de interação que fazem com que o multiculturalismo seja uma característica comum e banal da vida social dos centros urbanos.’ (Mendes, 2012: 17)

O antropólogo Vertovec contribui para o debate em torno do multiculturalismo ao invocar a super diversidade – *super-diversity*. O autor defende que a utilização da etnicidade como principal fator explicativo da diversidade deve ser ultrapassado e que é necessário adoptar uma abordagem multidimensional que englobe a interação e a conjugação entre variáveis que surgiram nos fluxos e nos padrões da imigração. Para além da etnia, do país de origem, das línguas e da religião, incorporar ‘os canais de migração e o estatuto jurídico, a inserção num dado local, as práticas transnacionais e as respostas geralmente proporcionadas pelas autoridades locais, prestadores de serviços e moradores locais.’ (Mendes, 2012: 17) Só o encontro entre estes fatores levará a uma melhor compreensão da composição, localização social e trajetórias dos vários grupos migrantes nos dias de hoje (Vertovec, 2007).

Nesta reflexão, o termo “multicultural” tem essencialmente um carácter operacional e será considerado na medida em que dois ou mais grupos culturalmente diferenciados partilham o mesmo território delimitado, implicando necessariamente trocas, transações e interações entre indivíduos e grupos culturalmente diversos (Tiryakian, 2003). Ao associarmos este conceito ao espaço, estamos perante a convivência de atores sociais com distintos sistemas culturais, com diferentes práticas e perceções, e que, consciente ou inconscientemente, constroem ou reconstróem um território comum e produzem várias culturas ou uma nova identidade multicultural.

Atualmente têm surgido outros termos e conceitos com o intuito de apreender fenômenos similares, como é o caso da 'interculturalidade'. Em alguns países tornou-se mais recorrente utilizar o termo intercultural, que traduz uma evolução no entendimento da problemática, ou seja, em vez de um acumulado de vivências culturais (multicultural), propõe-se uma interação entre os grupos (intercultural). Apesar de este último ser um conceito relativamente recente, os investigadores distinguem-no de pluralismo e multiculturalismo pela intenção direta de fomentar o diálogo e a relação entre culturas, não devendo nenhum dos grupos se encontrar acima de qualquer outro, favorecendo a integração e a convivência das pessoas, bem como a possibilidade de gerar expressões culturais partilhadas pelo diálogo e pelo respeito mútuo. Cada cultura vale por si própria e juntas enriquecem-se umas às outras. Hoje não faz sentido falar de uma só cultura e é urgente um diálogo em que cada uma reconheça a outra como diferente de si, e não como inferior ou superior.

A questão da diversidade cultural é um elemento principal na constituição destes conceitos remetendo para a multiplicidade das formas em que as sociedades encontram as suas expressões. "Dialogar com a diversidade é ter a consciência de que o outro não pode ser reduzido à lógica do mesmo, nem transformá-lo em postal ilustrado para fruição do turista à procura do exótico." (Pereira, 2004: 28).

2 | PORTUGAL E CIDADE DE LISBOA: TERRITÓRIOS MULTICULTURAIS

Em Portugal, tal como na maior parte da Europa, o fenómeno da imigração teve uma enorme influência dentro do país. Cronologicamente, muitos factos importantes se sucederam tendo este fenómeno um maior impacto nos finais dos anos 70, com a independência das ex-colónias. No entanto, se for feita uma 'viagem' pela história do país, a essência da identidade portuguesa é, quer nas suas origens, quer na sua realidade atual, uma pluralidade de partes culturais, religiosas, sociais e políticas, compondo um todo multicultural, 'uma substância composta por múltiplos nutrientes recolhidos ao longo da história' (Coelho, 2008: 71) deixados pelos vários povos que passaram pela Península Ibérica.

As cidades onde começaram a habitar grupos culturalmente distintos que partilhavam o mesmo espaço urbano devido à intensidade dos fenómenos migratórios e à enorme atração das cidades metrópoles mundiais (Guerra, 2008) foram denominadas por "cidades multiculturais" ou "cidades interculturais". Lisboa inscreve-se neste contexto urbano intercultural e acaba por ser a

região onde uma fatia importante dos imigrantes residentes em Portugal vive e trabalha. É considerada como uma cidade cuja população nativa envelhecida coabita com grupos sociais heterogêneos, cujas raízes culturais e vivências sociais são bastante diversificadas.

Em termos de origem geográfica dos seus habitantes, a sua população diversificou-se sobretudo a partir dos finais dos anos sessenta do século XX onde surge a primeira vaga de trabalhadores cabo-verdianos e as migrações pós-coloniais que se seguiram à independência dos países africanos de língua portuguesa (Fonseca et al. 2011). A partir de 1986, cresceram os fluxos provindos o Brasil e no final dos anos 90 e no seguimento da aplicação de políticas menos restritivas por parte da União Europeia relativamente às migrações, dá-se uma nova onda migratória para os países do Sul da Europa onde existia grande necessidade de mão-de-obra pouco qualificada em setores como a construção civil e os serviços domésticos. A maioria destes imigrantes era originária de países da Europa Central e Oriental como da Ucrânia, Rússia, Bulgária (países eslavos), Roménia e Moldávia. A integração destas comunidades na sociedade portuguesa não foi fácil devido, sobretudo, à língua e ao aumento de estrangeiros sem documentos legais (Fonseca e Malheiros, 2003).

Em virtude das políticas de reagrupamento familiar, já há várias décadas que muitas das famílias destes imigrantes também se fixaram em Portugal, dando origem a sucessivas gerações que já não conhecem o país de origem, que nasceram e cresceram em Portugal e muitos já detêm a nacionalidade portuguesa.

Figura 3. *Família Imigrante*, registo fotográfico da autora, 2017



É deste modo que Lisboa se transforma numa metrópole multicultural como outras grandes cidades europeias. Por esta razão, também neste contexto, verificam-se alguns dos principais problemas de integração, de etnização da pobreza e de exclusão. Aparentemente, esta diversidade existe e coexiste de modo pacífico, mas o processo de valorização e integração desta multiculturalidade é ainda incipiente e pouco visível na cidade de Lisboa.

2.1 | INTEGRAÇÃO E CONVIVÊNCIA DAS COMUNIDADES IMIGRANTES NA CIDADE DE LISBOA

A presença de imigrantes de distintas origens geográficas e culturais manifesta-se de diferentes formas na paisagem urbana, tanto pelos seus elementos fixos, como pelos elementos móveis. Surgem os bairros degradados onde se concentram os imigrantes e minorias étnicas pobres; são introduzidos elementos arquitetónicos característicos das regiões de origem dos imigrantes, como por exemplo, os locais de culto, a organização interna das habitações, os pátios, as janelas, as varandas, os jardins e diversos elementos decorativos e aparecem múltiplos estabelecimentos de comércio étnico. Para além disso, existe uma variedade de formas de vestuário, dos cheiros e sabores das comidas tradicionais de cada país, diferentes sonoridades das línguas que se ouvem nas ruas e noutros espaços públicos e a variedade da música e de outras formas de expressão artística e cultural provindas de regiões dispersas por todo o mundo (Malheiros, 2000).

No entanto, o modo como o indivíduo é acolhido numa nova sociedade, num novo país onde procura refazer a vida, marca a diferença em todo o percurso da sua inserção. Para a sua integração são importantes fatores como o trabalho, o domínio da língua, a integração dos filhos na escola, os processos de legalização, a existência de rede de apoio, a aquisição de casa própria, a possibilidade de reagrupamento familiar, entre outros. A condição de imigrante é, no mundo ocidental, e nas camadas mais baixas da “pirâmide” social, a mais frágil, a menos defendida e a mais exposta.

A integração dos imigrantes nas sociedades de acolhimento é um processo complexo e multifacetado e por isso, para esta reflexão, é conveniente perceber em que consiste este conceito. Neste caso, será seguida a linha de pensamento de dois autores distintos que têm em comum o facto de evidenciarem a diversidade de intervenientes no processo de integração: imigrantes, governos, instituições e comunidades locais.

Integração pode ser considerada como um processo de interação, ajustamento e adaptação mútua entre imigrantes e a sociedade de acolhimento, pelo qual ao longo do tempo, as comunidades recém-chegadas e a população dos territórios de chegada formam um todo integrado (Papademetriou, 2003) ou como um processo de aceitação dos imigrantes pela sociedade recetora, como indivíduos e como grupos (Pennix, 2003).

Estes processos de integração nas sociedades recetoras tornam-se complexas na medida em que estão em permanente mudança, devido a diversas influências tanto económicas, sociais, políticas ou institucionais dos países de destino no momento da migração e das especificidades dos contextos locais dos territórios onde se fixam. Tendo em conta as teses de Berry, Sousa e Gonçalves (2015: 555) afirmam que “a integração é a estratégia mais benéfica para os imigrantes já que lhes permite manter os seus hábitos e ao mesmo tempo adquirir costumes da sociedade de acolhimento. Esta estratégia permite-lhes ainda usufruir de um sentimento de pertença às duas culturas sem comprometer a sua identidade cultural (...) Tal situação, não será de estranhar, já que de acordo com o Índice de Políticas de Integração de Migrantes (MIPEX III), Portugal encontra-se no 2º lugar como um dos países que melhor acolhe e integra os imigrantes”.

Em Portugal, a diversidade cultural suscita algumas tensões e ambiguidades. Por um lado, os estrangeiros oferecem o seu capital cultural e simbólico para enriquecer a cidade e por outro lado podem ser vistos como um problema social. No entanto, quando o olhar recai sob a Mouraria, e a praça do Martim Moniz, já se verifica o contacto entre sujeitos de diferentes origens, portadoras de visões do mundo distintas, e são facilmente identificados vários tipos de convivialidade entre imigrantes e autóctones. Concretamente, uma convivialidade económica em torno das actividades económicas; uma convivialidade sociocultural, relativa às sociabilidades estabelecidas no âmbito das mais variadas relações; convivialidade turística, associada aos itinerários percorridos por visitantes e por turistas; ou uma convivialidade de conflitos e tensões, direcionada para a diferença entre os hábitos e dinâmicas quotidianas da população aí presente (Azevedo & Padilla, 2012).

Paralelamente, esta zona da cidade tem sofrido rápidas e visíveis transformações, fruto dos projetos e planos de intervenção, focados na transformação social, económica e cultural, como é o caso do Plano de Desenvolvimento Social e Comunitário implementado em 2011, que promove eventos interculturais específicos, como por exemplo o *Festival Todos*, que se realiza desde 2015 na Colina de Santana, permitindo desenvolver convivialidades específicas entre vizinhos, turistas e participantes nos eventos.

A circulação de pessoas, bens e ideias atingiu uma tal dimensão que se tornou um dos fenómenos mais marcantes da contemporaneidade. Se o nosso olhar recair numa microescala é

importante reter que as vivências quotidianas dos imigrantes nos diferentes domínios da sua vida são cruciais para que haja uma efetiva integração e convivência entre os diferentes grupos. Mas, numa macroescala, para que a convivência entre culturas seja uma realidade é fundamental que a cidade esteja preparada e garanta espaços para essa convivência e integração.

3 | MARTIM MONIZ COMO PALCO DO MULTICULTURALISMO

Na cidade de Lisboa, a zona do Martim Moniz é uma das áreas onde se concentra um número muito expressivo de residentes e trabalhadores imigrantes de origem estrangeira, verificando-se uma grande diversidade social, étnica, cultural, geracional, religiosa e linguística associada à complexidade inerente a este fenómeno. É aí que se encontra uma população com múltiplas pertenças, resultante dos fluxos de imigração com diferentes intensidades e momentos temporais e que envolve indianos, paquistaneses, chineses, muitos africanos, pessoas que se apropriaram daquela zona da cidade porque os edifícios estavam degradados, as rendas eram mais baratas e assim surgiram hipóteses de alugar lojas a preços mais convenientes (Dias, 2010).

São claras as marcas físicas deixadas pelas populações de diferentes origens que residiram em Lisboa ao longo do tempo, sendo a presença moura uma das que mais fortemente se manifesta no desenho urbano da cidade. É nos bairros de Alfama e da Mouraria que a memória islâmica está mais presente, tendo surgido, este último termo, para designar, tal como o nome indica, a parte da cidade onde os mouros se instalaram após a reconquista cristã de Lisboa, em 1147 (Menezes, 2009). No entanto, devido à sua intensa atividade económica, sobretudo ligada ao comércio e ao artesanato, a Mouraria, para além de segregar os mouros vencidos, acabou também por atrair parte da população cristã. Assim, se iniciou um convívio multiétnico, entre mouros e cristãos, tanto profissional como de vizinhança que só se verificou naquela zona da cidade e que mais tarde, com o crescimento da cidade, começa a expandir-se para áreas vizinhas. (Barros, 1998)

Os vários surtos migratórios que estiveram na base do crescimento da população deste bairro de Lisboa, sobretudo entre os finais do século XVIII e as primeiras décadas do século XX, foram trazendo para o bairro pessoas de toda a parte do país e do mundo (Menezes, 2003)

A zona do Martim Moniz foi uma área edificada lentamente, que esteve sempre ligada à Mouraria e aos restantes territórios envolventes. A estrutura urbana do local onde atualmente se insere a praça manteve-se praticamente inalterada até à primeira metade do século XX. A partir

desse período, começam a ser propostas algumas políticas urbanas com o intuito de renovar e modernizar aquela zona da cidade, alterando as suas dinâmicas sociais, culturais e urbanas, como é visível no estudo de Menezes (2009).

Entre os anos 30 e 60, numa perspetiva de urbanismo civilizador, higienização e embelezamento (Menezes, 2009), realizaram-se grandes obras públicas que seguiam um planeamento retilíneo onde os edifícios populares antigos eram substituídos por edifícios novos, detentores de nobreza arquitetónica, mais altos e rentáveis. A cidade ideal correspondia à cidade segmentada, onde as pessoas estavam separadas do tráfego, os ricos dos pobres, o trabalho da residência, facilitando desse modo o controlo político e ideológico da cidade (Berman, 1987).

Como resultado de algumas demolições acaba por surgir o largo do Martim Moniz, que ficou à mercê de um conjunto de políticas urbanas que nunca foram adotadas, resultando num espaço urbanisticamente desqualificado cuja ocupação ao longo do tempo foi variando. No final da década de 40 e até à década de 90, o largo foi ocupado por pavilhões pré-fabricados para a instalação de comerciantes do mercado popular, por lixo, escombros e serviu de lugar de estacionamento.

Em 1967 surge mais um plano de urbanização para a cidade onde uma das intenções era a modernização de toda a área do Martim Moniz que, no entanto, devido a razões de ordem política, não foi implementado. Só em 1982, foi elaborado o Plano de Renovação Urbana do Martim Moniz, onde se incluíam equipamentos, comércio em geral, comércio alimentar, escritórios, instalações culturais, salas de espetáculos, habitação e estacionamento. Este plano levou à alteração de ruas locais e à construção de dois centros comerciais: o da Mouraria e o do Martim Moniz. As restantes propostas do plano ficaram esquecidas até 1997, ano em que foi inaugurada no antigo largo, a praça do Martim Moniz, depois de quase meio século em situação expectante. A partir desta data, foi, durante algum tempo, motivo de visitas e tema de conversas locais, desencadeando um interesse generalizado pelo novo espaço.

É ainda importante referir que desde a década de 70 que esta área se tornou atrativa para o desenvolvimento de comércio grossista, principalmente controlado por imigrantes indianos, paquistaneses, chineses, africanos, brasileiros, entre muitas outras nacionalidades e origens, que passaram a viver na Mouraria ou nas suas redondezas.

Em 2012 realizaram-se duas intervenções estruturantes nesta zona: “uma é o projeto de revitalização da praça do Martim Moniz (à entrada da bairro da Mouraria) com a criação de quiosques, esplanadas e o Mercado de Fusão da autoria de um Ateliê privado – a CHP Arquitetos, tendo como objetivo central: transformar esta praça no “novo hot spot de Lisboa”. A segunda, foi a requalificação da mal afamada praça do Intendente, antes dominada pela prostituição e o tráfego,

com a criação de áreas pedonais, de novos espaços comerciais e de consumos culturais, p.e. o Café O das Joanas, o armazém da Fábrica de Cerâmica da Viúva Lamego que alberga a nova loja de A Vida Portuguesa, A Casa Independente (espaço que serve refeições, sendo também um espaço de exposições, de concertos, etc.) sem descurar a importância do turismo cultural, com a criação do Largo das Residências Artísticas (da Associação Sou), onde os clientes podem ser visitantes e participar nas atividades da associação. Na atualidade a Praça do Intendente tem uma nova área, tendo transitado de espaço estigmatizado e mal afamado para um hot spot noturno, contando com uma instalação de arte urbana – o “kit garden” - da artista portuguesa Joana Vasconcelos.” (Mendes e Padilla, 2014, s.p.).

Atualmente, apesar de mais moderno, renovado e cosmopolita, o Martim Moniz mantém a sua matriz multiétnica, permitindo uma viagem pelo mundo sem sair de Lisboa, tal a riqueza de sabores e culturas que ali se cruzam, tornando a área cada vez mais atrativa pela sua diversidade cultural.

Figura 4. Praça do *Martim Moniz*, registo fotográfico da autora, 2017



CAPÍTULO II | A INFLUÊNCIA DA CULTURA NA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

1 | ESPAÇO PÚBLICO: IMPORTÂNCIA E FUNÇÕES NA CIDADE

Dependendo da forma como são concebidos, o espaço urbano e o espaço público apresentam-se como espaços distintos. Ambos influenciam a gestão da cidade, sendo os usos e a sua apropriação determinantes para o seu carácter (Leite, 2007). Uma rua, praça ou parque, embora sejam lugares urbanos, não são necessariamente espaços públicos. Para tal, é preciso que abriguem vida pública, promovam o encontro e a sociabilidade, não sendo assim, meros espaços de passagem.

No entanto, só no início do século XX, devido à falta de qualidade de vida nos espaços públicos, estes locais começam a ser vistos como lugares onde deveria imperar a sociabilidade. Até esta data, eram, simplesmente, espaços vazios entre os edifícios, onde não havia qualquer tipo de atividade ou função a eles agregada e onde apenas circulava, por ali, quem precisava de percorrer aqueles caminhos para cumprir a sua vida quotidiana (Castro, 2002).

O espaço e a sociedade estão intimamente relacionados. É difícil conceber espaço sem conteúdo social assim como conceber sociedade sem uma componente espacial. O conceito de espaço público adotado neste trabalho segue a linha de pensamento de Hannah Arendt (2001). A autora considera a visibilidade, a pluralidade e a sociabilidade como sendo as características essenciais da vida coletiva e é, a partir daí, que fornece uma conceção de espaço público. É em público que podemos viver e constituir um mundo juntos, mesmo não fazendo parte da mesma família. A esfera pública possibilita viver num mundo comum, no qual a realidade humana é produzida por meio da relação entre as pessoas diferentes que estejam verdadeiramente dispostas a pensar na coletividade e não apenas em si mesmas.

O espaço público é um espaço flexível relativamente ao uso, podendo ter apropriações diferenciadas, mesmo que, formalmente, tenha sido constituído para uma finalidade específica. O homem tem liberdade total de circulação e pode ter uma interação livre com outros indivíduos (Castro, 2002). É um espaço considerado como suporte para manifestação de performances pessoais, sociais e culturais, atos de resistência e de dominação, conflitos, memórias, mudanças, imagens, identidades, encontros, entre outros (Carreira, 1995).

Para além disso, a existência do espaço público com as características aqui referidas permite responder a um conjunto de necessidades básicas do homem: as necessidades físicas, de sair e desenvolver determinadas atividades, e as necessidades psicológicas, de estar entre os

outros. Isto é, as pessoas usam o espaço público por uma razão plausível e racional com o intuito de realizar uma determinada tarefa ou atividade específica, mas simultaneamente como um pretexto de sair ou uma ocasião para estar em contacto (Gehl, 2001).

O fenómeno da imigração tem um papel importante na intensificação da diversidade e na transfiguração do espaço público, das suas paisagens e dos seus significados, atribuindo-lhe um grau de complexidade ainda maior.

A cidade, na sua essência, precisa de ser composta por pessoas diferentes e, atualmente, verifica-se uma inversão a esse nível uma vez que as pessoas têm tendência a procurar relacionar-se com os seus iguais. Este facto leva ao desaparecimento da troca de ideias e de diferentes perspetivas. O espaço público fica vazio de sentido, seja pelo olhar dos indivíduos, seja pela própria configuração traçada pelos arquitetos. A cidade é feita para facilitar o movimento e perde a configuração que atrai as pessoas, fazendo-as permanecer e ali possibilitar a expressão e reprodução da vida urbana (Sennet, 1988).

Figura 5. Grupo de imigrantes no espaço público, registo fotográfico da autora, 2017



Ao longo do tempo, a vida na cidade tem vindo a mudar e verificam-se grandes alterações nas apropriações do espaço, nomeadamente, a transferência de muitas das funções sociais e cívicas que tradicionalmente ocorriam no domínio público, para o privado. Os encontros diretos que, frequentemente ocorriam nos espaços da cidade, a presença ativa, a participação e a experiência são substituídos pelo recurso ao telefone, à televisão e à internet. Os sistemas de transporte baseados no automóvel contribuíram ainda mais para reduzir as atividades ao ar livre e o contacto face a face. A cidade onde todos viviam e trabalhavam lado a lado foi substituída por uma cidade em que a segregação de funções reduziu o contacto e criou ambientes mais pobres e monótonos concentrados em zonas monofuncionais.

Hoje, urbanistas e arquitetos procuram, cada vez mais, criar um novo tipo de urbanidade produzindo novos tipos de lugares. Surgem praças no interior de quarteirões privados, ocupam-se edifícios abandonados para a promoção de atividades culturais e criação de equipamentos em vazios ou áreas expectantes que se tornem em parques urbanos. Em suma, têm-se procurado

estratégias que transformem as áreas em desuso e descaracterizadas em espaços públicos de qualidade.

2 | A DIMENSÃO CULTURAL

O conceito de cultura trata-se de um conceito recorrentemente utilizado nos dias de hoje que tem evoluído ao longo do tempo. Através do resumo histórico da noção de cultura apresentado por Guy Rocher (1982) são aqui referenciadas, de forma muito breve, algumas fases desta evolução na Alemanha, França e Inglaterra.

Com origem na Alemanha, o conceito começou a ser utilizado no fim do século XVIII em estudos que procuravam conhecer a história dos costumes, instituições, ideias, artes e ciências, estimulados por uma curiosidade notável em relação à diversidade das sociedades e civilizações. No entanto, é quase certo, que o termo cultura provém do francês onde na Idade Média significava culto religioso, sendo também utilizado como cultura do solo. Mais tarde, já no século XVIII, passa a designar o progresso intelectual numa pessoa ou ainda o trabalho necessário a esse progresso.

Em Inglaterra, a primeira definição antropológica de cultura deve-se a Tylor (1871) que a emprega como sinónimo de civilização, ou seja, trata-se de um conjunto complexo que engloba os conhecimentos, as crenças, a arte, o direito, a moral, os costumes e todas as outras aptidões e hábitos que o homem adquire enquanto membro de uma sociedade. No fundo a cultura é um conjunto de factos que podem ser observados diretamente num dado momento.

O homem não pode ignorar a ligação à sua própria cultura, a dimensão cultural influencia a sua perceção e ocupação do espaço. É um erro tratar o homem à parte, como se ele constituísse uma realidade distinta da sua habitação, das suas cidades, da sua tecnologia ou da sua linguagem (Hall, 1986).

Vários antropólogos, como Franz Boas, Edward Sapir e Leonard Bloomfield, bem como o químico, engenheiro e linguista amador, Benjamin Lee Whorf, defendem esta perspetiva. Pensou-se durante muito tempo que se dois humanos fossem submetidos à mesma experiência, dispensando a língua e a cultura, seriam fornecidas informações virtualmente idênticas a cada um dos sistemas nervosos e os dois cérebros registariam do mesmo modo. Ou seja, a experiência era o bem comum dos homens. No entanto, esta hipótese é questionada, em particular, no caso dos seres humanos em causa serem de culturas diferentes, pois para além de falarem línguas diferentes, habitam mundos sensoriais diferentes.

De modo a demonstrar isso mesmo, Hall (1986) apresenta alguns aspetos característicos de determinadas culturas, resultantes da sua investigação, no que toca à relação entre os indivíduos e a apropriação do espaço. O autor descreve duas culturas completamente diferentes da europeia – as culturas japonesa e árabe – e faz uma breve comparação entre culturas europeias – a alemã, a inglesa e a francesa – que, apesar dos numerosos traços culturais comuns, são evidentes os pontos de divergência. Para este trabalho é interessante ter em conta alguns aspetos descritos por Hall relativamente às culturas árabe e francesa. A primeira porque existem vários indivíduos na zona do Martim Moniz que se inserem nessa esfera cultural e a segunda porque é aquela que mais se assemelha à cultura portuguesa, sendo que há muitos estrangeiros de origem francesa que visitam e que se têm fixado em Lisboa.

Na relação com os outros indivíduos, Hall refere que os árabes não se sentem mal rodeados pela multidão, falam fixando o outro com uma intensidade que pode vir a ser incomodativa e consideram que a ideia de intrusão em público não é sequer concebível, enquanto a cultura europeia é um pouco mais precisa no que se refere à distância de intrusão. Quando se fala na apropriação do espaço, a cultura e os modelos culturais também são cruciais para o seu desenho e organização. As casas, os bairros e outras configurações são diferentes ou são usados de forma distinta consoante o grupo de pessoas em causa. Por exemplo, o tamanho, a importância e grau de formalidade de uma sala de estar varia consoante as atividades que nela se desenrolam. Existem culturas em que a sala é vista como um “espaço sagrado” e por isso deve ser colocada longe da entrada. Noutros casos, nos povos em que as famílias tendem a ser menos numerosas, as salas perdem importância ou desaparecem (Rapoport, 2003). Na cultura francesa, a casa é reservada à família e os espaços exteriores são consagrados às diferentes distinções e à convivência social. Já a cultura árabe procura casas espaçosas, evitam as paredes internas porque não gostam de estar sós e o seu modo de isolamento consiste em deixar de falar, mesmo na presença de outros indivíduos.

A análise das estruturas referentes ao uso que o homem faz do espaço permitem detetar quadros culturais escondidos que determinam o mundo percetivo de um dado povo. Acresce que a mobilização de sentidos diferentes correspondem a necessidades diferentes. Toda a forma de organização do espaço exprime o comportamento sensorial dos seus construtores e dos seus ocupantes. A seleção de determinados sentidos consiste em admitir certos elementos ao mesmo tempo que se eliminam outros, assim, a experiência será percebida de modo muito diferente de acordo com a diferença de filtros percetivos entre culturas. É aqui que emergem algumas dificuldades em criar ambientes agradáveis para uma diversidade de grupos sociais, culturais, étnicos, religiosos, etc, que afluem à cidade sendo que importa que o arquiteto e urbanista

disponham de conhecimentos e competências para que as suas obras e propostas possam albergar esta diversidade.

3 | O CENTRO CULTURAL COMO MEIO DE INTEGRAÇÃO E CONVIVÊNCIA

O presente trabalho propõem, em termos projetuais, a criação de um centro cultural num quarteirão adjacente à praça do Martim Moniz que, para além de permitir a circulação entre ruas deverá tornar-se num espaço público atrativo e agradável à permanência. Neste sentido, é de toda a pertinência apresentar o conceito, a origem e as atividades exercidas neste tipo de espaços.

Os equipamentos coletivos “são os equipamentos de promoção e propriedade pública ou classificados de interesse público que compreendem as instalações e locais destinados a atividades de formação, ensino e investigação, e, nomeadamente, a saúde e higiene, segurança social e pública, cultura, lazer, educação física, desporto e abastecimento público.” (Câmara Municipal de Lisboa, PDM, artigo 7º: 42, 2011). O programa de um equipamento coletivo deve responder às necessidades e expectativas da população, salvaguardando o direito de acesso a todos os cidadãos. São considerados infraestruturas promotoras da qualidade de vida da comunidade onde se inserem e apresentam-se como infraestruturas indispensáveis de interesse público (Antunes, 1995). Neste sentido, ao projetar um equipamento coletivo é importante que o arquiteto lhe imprima um carácter singular e que o torne num elemento de referência no local onde se insere. Para além disso, o equipamento deverá ter uma ligação com o espaço público envolvente de modo a que se complementem e funcionem como um só.

Criada no início do século III a.C., no Egito, a Biblioteca de Alexandria é prova de que a origem dos espaços culturais pode estar na Antiguidade Clássica. Este espaço funcionava como local de estudo e de culto às divindades, armazenava estátuas, obras de arte, instrumentos cirúrgicos e astronómicos; possuía um anfiteatro, um observatório, salas de trabalho, refeitório e um jardim botânico e zoológico. No século XIX, foram criados os primeiros centros culturais ingleses, denominados como centros de arte, e só no final da década de 1950, em França, surgiram as bases do que se entende, hoje, por ação cultural. Inicialmente, os espaços culturais aparecem como opção de lazer para os operários franceses com o objetivo de melhorar as relações entre as pessoas no trabalho, através de áreas de convivência, clubes desportivos e centros sociais (Ramos, 2007).

Atualmente, com o intuito de possibilitar a troca de experiências entre as pessoas e facilitar a convivência entre as várias comunidades, os centros culturais são espaços onde um público com características heterogêneas pode participar em oficinas artísticas ligadas ao teatro, à dança, à pintura, ao cinema, entre outros tipos de manifestações culturais. Centraliza atividades diversificadas e que atuam de forma interdependente.

Neste sentido, o programa de um centro cultural e as suas características físicas devem ser definidas através do meio onde este é construído e consoante o público a que se destina, as atividades que propõem devem ser realizadas não só para as pessoas mas com elas, e que independentemente da classe socioeconómica a que pertençam, o lazer é um direito de todos (Silva, 2009).

Arquitetonicamente, os centros culturais surgem como uma oportunidade de modificar ambientes construídos, podendo recuperar, revitalizar e dar uma nova funcionalidade a espaços considerados degradados ou não funcionais, em virtude da flexibilidade e diversidade do programa que podem apresentar.

Com a criação destes espaços na cidade, é possível implicar a população na medida em que se faz entender que o lazer, não é só viajar para determinado lugar mas que também é possível através da realização de actividades culturais, de forma individual ou coletiva, deixando de lado o preconceito que faz com que as pessoas se fechem para novas interpretações da vida (Marcellino, 2008).

Neste capítulo são apresentados três casos de referência que se relacionam com o tema central deste Projeto Final de Mestrado. Os exemplos escolhidos correspondem a intervenções nacionais e internacionais, que tratam temáticas e situam-se em contextos diversos, para além de se centrarem em abordagens diferentes e que contribuem e justificam algumas decisões tomadas no decorrer do projeto, valorizando a componente urbana e arquitetónica da proposta.

A ideia de desenvolver um centro multicultural como um equipamento de apoio à integração e convivência entre uma diversidade de pessoas e grupos sociais implicou a pesquisa de algumas intervenções arquitetónicas que se relacionassem diretamente com o multiculturalismo. No entanto, são encontradas muitas iniciativas e programas sociais e culturais que na prática decorrem, na sua maioria, nos centros culturais das cidades ou em pleno espaço público. Dentro desta temática, é de salientar a proposta inovadora do Parque Urbano Superkilen, localizado em Copenhaga. Para além do tema e do programa funcional do edifício, as condicionantes do local também se tornam fatores importantes e decisivos para o desenvolvimento arquitetónico da proposta. O facto de se tratar de um quarteirão cujo terreno é irregular e existir a intenção de manter uma relação coerente entre o “velho” e o “novo” faz com que seja necessário ter em atenção aspetos como o edificado existente, a forma, os acessos ao quarteirão e a comunicação entre as várias volumetrias. É neste sentido que é apresentado o Museu de Arte Contemporânea Lusitânia, localizado em Lisboa. Por último, também a materialidade é essencial para que o edifício se torne único e ganhe alguma identidade. O Centro Cultural e Espaço de Casamentos Eyüp, na Turquia, é fonte de inspiração no desenvolvimento da proposta projetual que aqui apresentamos, sobretudo no que se refere à imagem do edifício - forma, materialidade, transparência e relação luz/sombra.

Os exemplos de intervenção escolhidos são abordados de uma forma sintética e analítica, com informações retiradas de diversos *sítes* da Internet e diferentes revistas de arquitetura. Os tópicos em análise focam-se na localização, na forma e na materialidade, nos motivos da escolha de cada caso de referência e no modo como estes contribuem e enriquecem a proposta de projeto aqui desenvolvida.

1 | SUPERKILEN

Localização: Nørrebro - Copenhaga, Dinamarca

Arquiteto/Atelier: BIG Architects | Topotek 1 | Superflex

Ano: 2012

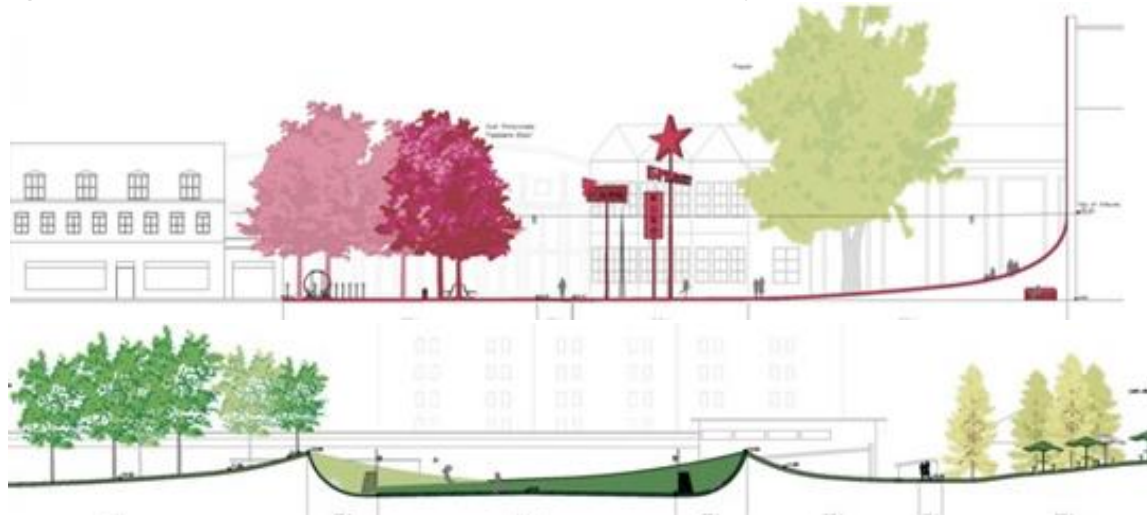
Figura 6 . Planta do parque Superkilen. Fonte: archdaily.com



O Superkilen é um parque urbano localizado num dos bairros mais etnicamente diversificados da cidade. Trata-se de um verdadeiro espaço interativo que é dividido em zonas distintas colecionando objetos quotidianos de mais de 60 países.

O parque é estruturado por três áreas distintas, tanto visual como funcionalmente: vermelho, preto e verde. A zona vermelha é concebida como uma extensão de atividades desportivas e culturais, onde se podem encontrar uma série de objetos que promovem a actividade física. A zona preta é o verdadeiro coração do Superkilen, com bancos e áreas de churrasco, o que o torna numa grande sala de estar ao ar livre. A zona verde é um lugar atraente para famílias com crianças pois oferece superfícies de relva natural para atividades em família ou piqueniques, por exemplo. Além disso, atende a uma antiga reivindicação dos moradores, que exigiam espaços mais naturais na área.

Figura 7 . Cortes das zonas vermelha e verde do parque Superkilen. Fonte: archdaily.com



Este parque urbano foi escolhido como caso de referência uma vez que se trata de um projeto que impressiona pela estética, cor e pela promoção de interação social num espaço multicultural.

Um dos principais objetivos deste trabalho é projetar um espaço de convivência cultural e social para as diferentes comunidades, num lugar que é palco da diversidade cultural na cidade de Lisboa, o Martim Moniz. A adoção de estratégias semelhantes a estas nos arranjos exteriores e interiores da proposta do Centro Multicultural através das cores, das formas ou do mobiliário urbano, por exemplo, poderão torná-lo num elemento unificador entre os diferentes grupos culturais e nacionais presentes nesta zona da cidade de Lisboa e, ao mesmo tempo, homenageá-las, dando a conhecer a todos os indivíduos um pouco das outras culturas, mesmo que seja de forma simbólica.

Figura 8. Zona Verde | Superkilen. Fonte: archdaily.com



Figura 9 . Zona Vermelha | Superkilen. Fonte: archdaily.com



Figura 10. Zona Preta | Superkilen. Fonte: archdaily.com



2| MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA LUSITÂNIA

Localização: Lapa, Lisboa

Arquitecto: Frederico Valssassina

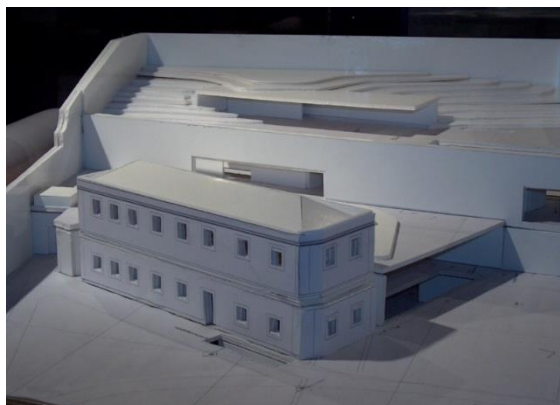
Data: 2004

Figura 11 . Registo Fotográfico do edifício. Fonte: archdaily.com



O desenho do espaço museológico da Companhia de Seguros Lusitânia erguido no interior do quarteirão existente foi condicionado pela presença do Palácio de Porto Covo e pelos seus jardins. Uma intervenção deste género exigia uma linguagem coesa baseada na sobriedade e simplicidade dos elementos arquitetónicos, de modo a dar continuidade e profundidade ao jardim e, simultaneamente, enfatizar o efeito cénico do palácio. As plataformas surgem, porém, diluídas no próprio terreno, reduzindo ao máximo a presença dos corpos edificados. O edifício desenvolve-se em quatro níveis distintos que comunicam entre si através da manipulação das lajes e com o exterior através da criação de aberturas controladas.

Figuras 12 e 13 . Maquetes de Estudo. Fonte: archdaily.com

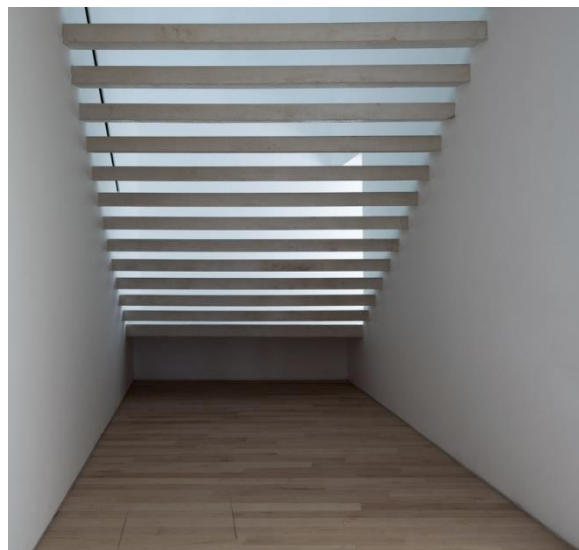


Este caso de referência, tal como o centro multicultural que aqui se propõe, assume a plataforma como elemento gerador de espaço, reflexo da topografia acidentada que caracteriza o terreno. Desta forma, sucedem-se novos planos, posicionados a cotas distintas, que demarcam e hierarquizam as diferentes partes que integram o edifício. Para além disso, também no quarteirão do Martim Moniz, são mantidos os edifícios que constituem a frente da Rua da Palma e, nesse sentido, torna-se interessante perceber como é que o edificado novo pode surgir como cenário desses edifícios. Uma vez que grande parte dos pisos estão enterrados, as fachadas em vidro são cruciais para a iluminação e ventilação dos mesmos.

Figura 14 e 15 . Registos Fotográficos do exterior do edifício. Fonte: archdaily.com



Figura 16 e 17. Registos Fotográficos do interior do edifício. Fonte: archdaily.com



3 | CENTRO CULTURAL EYÜP

Localização: Istambul, Turquia

Arquitecto: Emre Arolat Architects

Data: 2013

Figura 18 . Registo Fotográfico do Centro Cultural Eyüp, Turquia.



Localizado na praia de Golden Horn, estuário que divide o lado europeu da cidade de Istambul do lado asiático, o edifício é considerado como um componente de paisagem estrutural que vence a diferença de cotas através de uma rampa integrada no projeto. Os programas do edifício, como o salão de casamentos, a sala de conferências, o restaurante e o teatro relacionam-se diretamente com este elemento e estão expostos ao exterior da forma mais transparente possível. Deste modo, as pessoas que vivem no bairro podem chegar à praia usando esta rampa e ter contacto visual com as atividades que ocorrem dentro do edifício. Quanto à materialidade, a transparência do vidro aliado ao conforto da madeira acabam por completar e enriquecer a imagem “crua” e “despida” da estrutura de betão à vista.

Figura 19. Planta de Cobertura. Fonte: archdaily.com



O local de intervenção da proposta, o quarteirão entre a Rua da Palma e a Rua Arco da Graça, apresenta uma diferença de cotas bastante significativa. Apesar de não estar junto à praia e se inserir na paisagem, como é o caso do Centro Cultural Eyüp, as ideias conceptuais são a conexão entre dois níveis diferentes através da rampa e o princípio da transparência.

Desta forma, é criado um espaço público exterior, de passagem e permanência, que assenta sobre o edifício e que enquanto é percorrido e vivenciado permite observar o que acontece no seu interior. No entanto, na cidade de Lisboa, dependendo da orientação, a exposição solar destas fachadas deve ser controlada e as estratégias de sombreamento podem tornar a imagem do edifício mais interessante.

Figura 20 . Relação da rampa com a fachada transparente. Fonte: archdaily.com

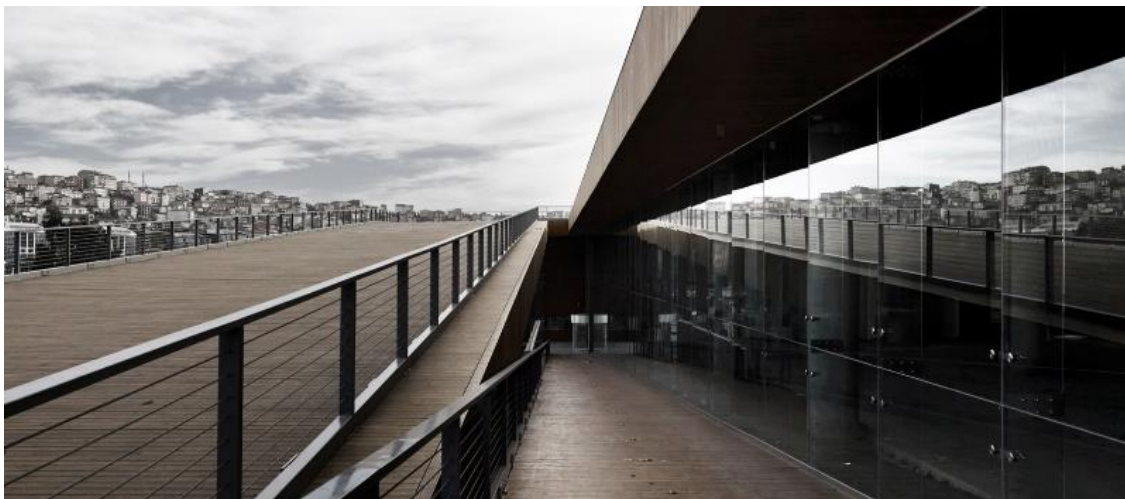


Figura 21. Materialidade. Fonte: archdaily.com



CAPÍTULO IV | PROJETO DE UM CENTRO MULTICULTURAL PARA A CIDADE

Tendo por base as questões teóricas referidas nos capítulos anteriores, o presente capítulo incide sobre o projeto arquitetónico de um centro multicultural a integrar numa zona adjacente ao Martim Moniz. O edifício surge não só na cidade mas para a cidade e tenta dar resposta à heterogeneidade de pessoas, grupos sociais e modos de vida que se têm fixado nesta zona da cidade, mas também para visitantes e turistas. Este centro multicultural surge como espaço de convivência de diálogo intercultural, sendo possível conhecer e partilhar a diversidade de sistemas culturais em presença. De modo a entender todo o processo de desenvolvimento do projeto, nos subcapítulos que se seguem apresenta-se a análise ao local de intervenção, a definição do programa e apresenta-se a proposta urbana e arquitetónica.

1 | O LUGAR: QUARTEIRÃO ENTRE A RUA DA PALMA E A RUA ARCO DA GRAÇA

A escolha do local de intervenção resultou de um longo processo de análise da área delimitada pela cerca fernandina, construída no século XIV. Esta abordagem preliminar permitiu o diálogo entre o passado e o presente de uma parte considerável da cidade de Lisboa com delimitações territoriais bem específicas. Para além disso, foram feitos alguns levantamentos por diferentes equipas de trabalho que analisaram temas como a época construtiva dos edifícios, os percursos e acessibilidades, os fluxos urbanos, os edifícios notáveis e os diferentes usos e atmosferas ao longo do troço da cerca fernandina desde a colina de S. Roque à colina de S. Jorge, passando pela colina de Sant'Ana (trabalhos em anexo - Anexo I).

Depois desta análise a uma escala mais alargada - escala 1:2000 - evidenciam-se algumas linhas de força e que balizarão a proposta de intervenção:

- O fluxo turístico é maior na área onde se inserem as praças, locais com mais oferta de transportes públicos, ou seja, Praça D.Pedro IV, Praça dos Restauradores, Praça da Figueira e Praça do Martim Moniz;

- Devido à topografia da cidade, as colinas têm um difícil acesso, sendo praticamente impossível ou de elevada dificuldade a sua execução por parte de pessoas de mobilidade reduzida e/ou condicionada;

- Por se tratar do centro histórico da cidade, com uma dinâmica cultural bastante visível, o número de edifícios notáveis é elevado, constituindo na sua maioria equipamentos culturais tais como palácios, conventos, igrejas e teatros;

- A dimensão das ruas e a densidade é marcada por uma certa variabilidade. Há zonas com um carácter mais introvertido devido à relação luz/sombra provocado pela dimensão dos edifícios/ruas - Colina de Santana. Por outro lado há espaços nesta zona da cidade com um carácter mais confuso, com menos densidade e menos controlo - Martim Moniz.

- As funções adaptam-se aos fluxos de cada área, sendo que na grande maioria dos casos, o piso térreo do edifício destina-se ao comércio e à restauração e os restantes pisos à habitação. Nas zonas cujo o fluxo turístico é maior, como é o caso do Rossio, dos Restauradores ou do Martim Moniz, os hotéis são pontos de referência. Exemplos disso são o Hotel Mundial e o Hotel Avenida Palace.

- Relativamente ao edificado, na área compreendida entre as três colinas são encontrados edifícios de 4 épocas construtivas distintas: os pré-pombalinos, predominantes em bairros históricos; os pombalinos - os mais comuns na zona da Baixa; os gaioleiros e edifícios com estrutura em ferro, como é o caso da Estação do Rossio.

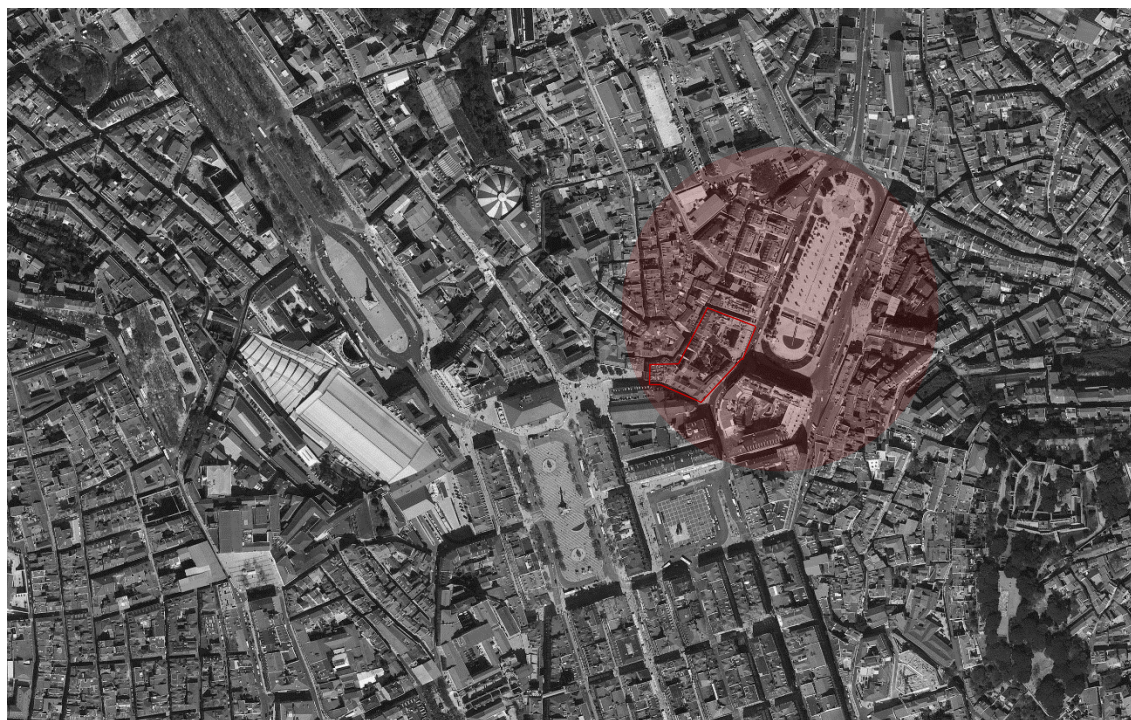
Figura 22. Esquissos da análise do território: topografia, acessibilidades e edifícios notáveis, da autora, novembro de 2016



Já numa fase de trabalho que exige uma escala urbana mais controlada, a área de estudo escolhida é a zona do Martim Moniz tanto por ser menos legível termos urbanos e arquitetónicos, pois verifica-se várias zonas descaracterizadas e sem qualquer controlo e função, bem como pela sua diversidade social e cultural.

Neste sentido, o território escolhido para o desenvolvimento da proposta de intervenção consiste num quarteirão entre a Calçada de Sant'Ana e o Martim Moniz e o desafio passa por saber como transformar, o que transformar e até onde é possível transformar sem perder ou descaracterizar o essencial dos valores identitários do lugar. O quarteirão é delimitado a norte pela Travessa Arco da Graça e pela Rua Arco da Graça, a nascente pela Rua da Palma, a sul pela Rua Barros Queirós e a poente pela Calçada Garcia.

Figura 23. Vista aérea da cidade de Lisboa - área de análise, pela autora, novembro de 2016



● Área em estudo — Área de Intervenção

Para Lamas “O quarteirão é um contínuo de edifícios agrupados entre si em anel, ou sistema fechado e separado dos demais; é o espaço delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias e subdivisível em parcelas de cadastro (lotes) para construção de edifícios.” (2004, 88).

É de acrescentar ainda que o quarteirão é um elemento que agrupa unidades (lotes, edifícios e ruas) mas também constitui uma parte da estrutura urbana estabelecendo relações entre os espaços públicos, semi-públicos e privados. É uma unidade compositiva da cidade, a exemplo das ruas e praças e, por essa razão, desempenha um papel estruturante no conjunto urbano respeitando as suas diferentes camadas e especificidades. (Carmona et al., 2010).

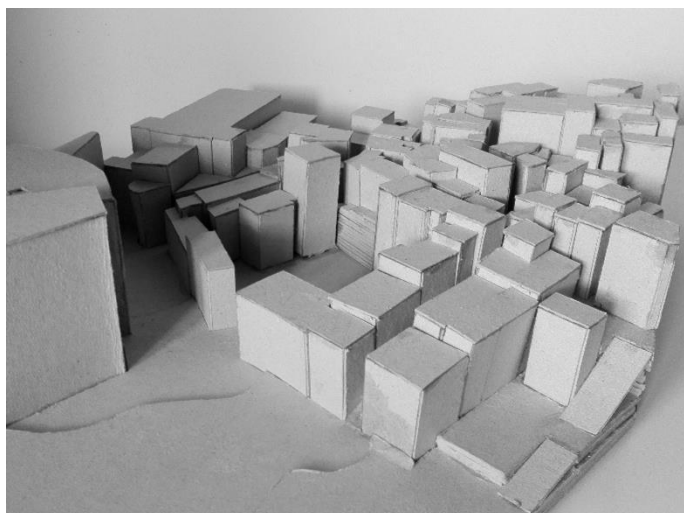
Nesta proposta o quarteirão assume-se como uma oportunidade de criar e oferecer espaços de transição entre o espaço privado, construído, e o espaço público envolvente, melhorando e refazendo a relação entre os edifícios e os seus espaços adjacentes. Deste modo o interior do quarteirão cria lugares com características diferentes da envolvente, libertando o espaço privado para uso público resguardado do exterior.

Tão importante como desenhar o espaço público (vazio) é desenhar o espaço privado (cheio) e principalmente prever a relação entre eles, para que a cidade não seja apenas uma junção de partes mas um conjunto coeso, dinâmico e funcional.

1.1 | CARATERÍSTICAS DO TERRENO

A proposta urbana e arquitetónica que é desenvolvida para este território tira partido da complexidade das várias condicionantes que o quarteirão apresenta.

Figura 24 . Maquete de Estudo, registo fotográfico da autora, dezembro de 2016



Uma delas é a grande diferença de cotas. Deste modo, tenta-se fazer a transição entre a colina e o vale, sendo de salientar a existência de uma diferença de 15 metros entre a Rua da Palma e a Rua Arco da Graça, provocando uma irregularidade topográfica no interior do quarteirão. De modo a regularizá-lo, este terreno acidentado permite a criação de um acesso mais fácil e direto entre a Calçada de Sant'ana e o Martim Moniz. Para além disso, vai ao encontro da característica da malha urbana importante definida por Carmona et al. (2010) que é a

permeabilidade, um ambiente que ofereça às pessoas a escolha de rotas quer dentro da malha quer através dela. É uma oportunidade de movimento resultando, na prática, numa melhoria de acessibilidade. O movimento de peões é compatível com a noção de ruas enquanto espaço social. As movimentações baseadas em automóveis são pura circulação, onde os carros privados assumem o controlo sobre o espaço público. Oportunidades para interação social só ocorrem quando o carro é estacionado. Assim, o espaço livre do “quarteirão aberto” aparece numa perspetiva de mobilidade urbana pedonal tornando-o permeável às pessoas e à cidade.

Outra das características do quarteirão é o grande contraste entre a zona norte e a zona sul. A “atmosfera” a norte, na Rua Arco da Graça, tem um carácter mais introvertido, onde as ruas estreitas vivem na sombra dos edifícios altos e o contínuo de fachadas só é interrompido pelas escadas que caracterizam as travessas da encosta. Os passeios têm dimensões muito reduzidas e a via rodoviária é apenas de um sentido. A sul, na Rua da Palma, localiza-se a Praça do Martim Moniz e o Hotel Mundial, que acabam por justificar os fluxos que nessa zona se verificam. Os passeios têm dimensões mais generosas e o número de vias rodoviárias aumenta, ou seja, o cheio dos edifícios dá lugar ao vazio do espaço público, pelo que se verifica um carácter mais confuso, mais exposto e de acesso mais facilitado. Estas características são úteis para definir os acessos e as entradas para os novos espaços.

Figuras 25. Registos fotográficos da zona sul - Rua da Palma, pela autora, 2017



Figuras 26. Registos fotográficos da zona norte - Rua Arco da Graça, pela autora, 2017



1.2| CARACTERÍSTICAS DO EDIFICADO

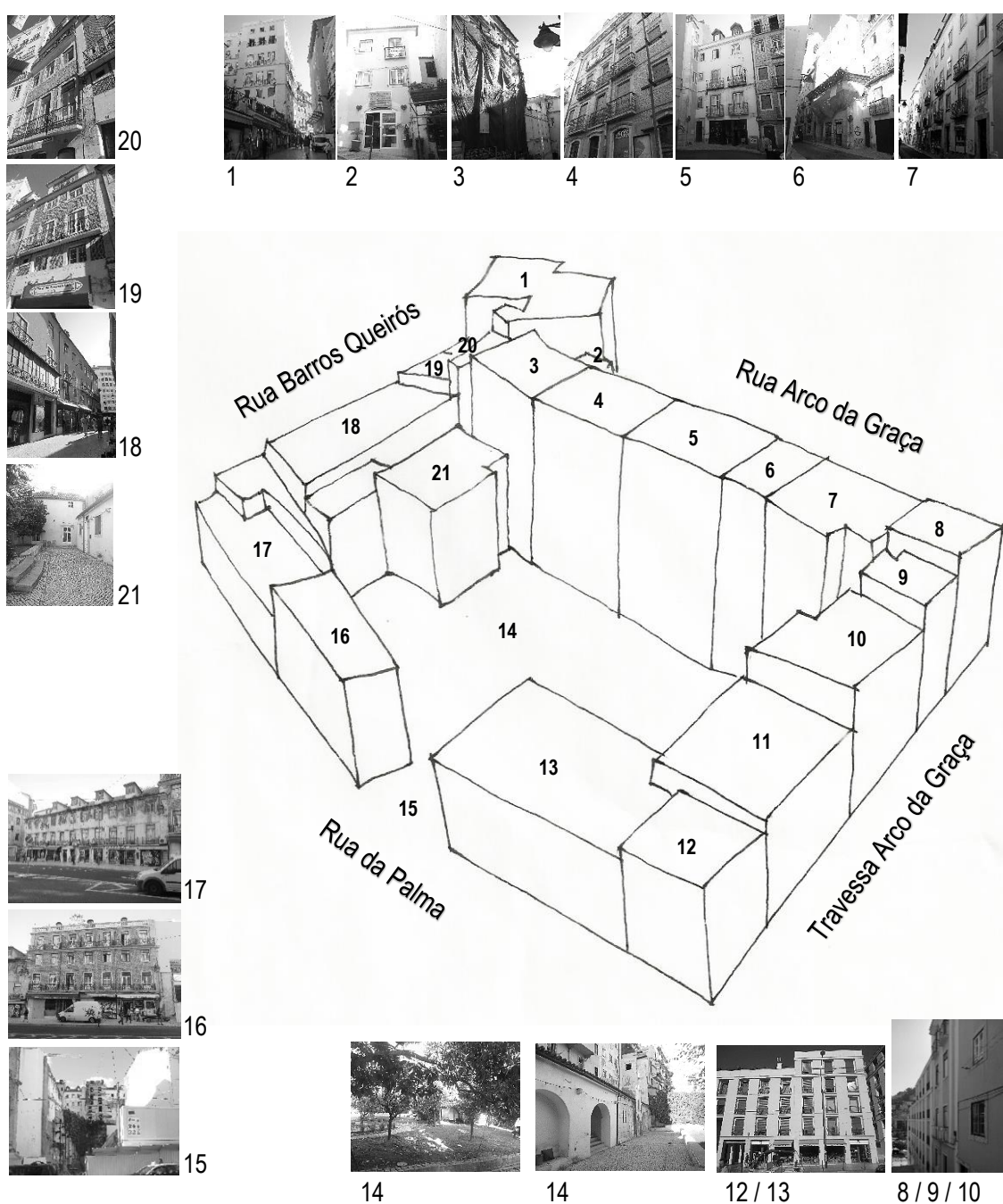
Para além da sua indefinição e irregularidade urbana, o quarteirão é constituído por edifícios de diferentes épocas construtivas, desde a época pré-pombalina a intervenções mais recentes, como por exemplo, os edifícios da EPUL (Empresa Pública Municipal de Urbanização de Lisboa) construídos entre 2001 e 2014. No entanto, através de um olhar mais exterior, é perceptível a predominância dos edifícios pombalinos (1755-1880) com intervenções posteriores à data de construção. Os aspetos que permitem identificá-los como tal são, por exemplo, as paredes-mestras de alvenaria de pedra, alguns com robustas pedras de cunhal e com a altura a variar entre os quatro e seis pisos. Verifica-se também a regularidade em algumas das fachadas, no piso térreo os vãos são mais largos e mais altos que nos restantes pisos, o primeiro piso apresenta janelas de sacada, o segundo e terceiro com janelas de peito, os últimos pisos com águas furtadas, colocadas de modo irregular ou mais recuadas.

Relativamente às funções, todos os edifícios destinam-se à habitação, no entanto, muitos deles encontram-se desocupados funcionando apenas o piso térreo para fins comerciais que na sua maioria correspondem a mini-mercados e lojas de souvenirs de imigrantes. Neste sentido, pode concluir-se que a maior parte dos edifícios precisa de algum tipo de intervenção por se encontrarem devolutos ou em mau estado de conservação.

No interior, o quarteirão dispõe de alguns elementos estruturantes que podem ser integrados e tidos em conta na nova proposta. Um deles é uma arcada na parte posterior dos edifícios, que tem a função de muro de suporte e ainda, uma pequena zona verde, que garante a permeabilidade do terreno.

O esquema seguinte representa o quarteirão através de registos fotográficos da autora de Novembro de 2016. As fotografias escolhidas pretendem ilustrar o estado de conservação dos edifícios, o número de pisos, as diferentes ocupações consoante o uso e ainda outros elementos referidos anteriormente, como é o caso do pequeno jardim e da arcada no interior do quarteirão.

Figura 27. Edifícios do Quarteirão, esquema da autora, junho de 2017



2| PROPOSTA DE INTERVENÇÃO URBANA

2.1| CONCEPTUALIZAÇÃO

A importância da memória e a necessidade de requalificar a cidade construída foram pontos de partida desta proposta. Neste sentido, foi necessário encontrar e desenvolver estratégias de intervenção urbana e arquitetônica capazes de potencializar qualitativamente a cidade atual e a sua vivência na contemporaneidade.

O conceito que fundamentou todo o projeto manteve a lógica de quarteirão já existente. Apesar de garantir uma permeabilidade maior para o seu interior, os edifícios continuam a constituir uma barreira física entre o exterior e o interior do quarteirão, salvaguardando o seu núcleo da cidade. O novo surge no interior, de uma forma subtil, leve e transparente e é envolvido pela “casca” que remete ao passado, ou seja, as fachadas dos edifícios já existentes.

No interior do quarteirão, a ideia passa por aproveitar a irregularidade do terreno e a diferença de cotas para que não se construa em altura e se ocupe apenas o desnível existente. Por outro lado, em todo o seu perímetro, os edifícios adquirem novos usos e mantêm-se as alturas.

O objetivo geral desta proposta passa por criar um conjunto edificado e respetivo espaço público onde a diversidade cultural seja encarada como uma mais-valia na cidade. Toda a organização espacial deve apelar ao uso dos sentidos dos ocupantes de forma a explorar as vivências e experiências distintas que o mesmo espaço pode oferecer. É através do jogo de patamares, da cor, da materialidade (transparência/opacidade), da irregularidade das formas e dos cheios e vazios que se pretende acentuar as diferentes percepções. Se uma das intenções do edifício é apelar à convivência entre culturas, ao conhecimento do outro e ao encontro com a diferença, faz todo o sentido o próprio espaço apresentar, também ele, diversidade, movimento e transparência.

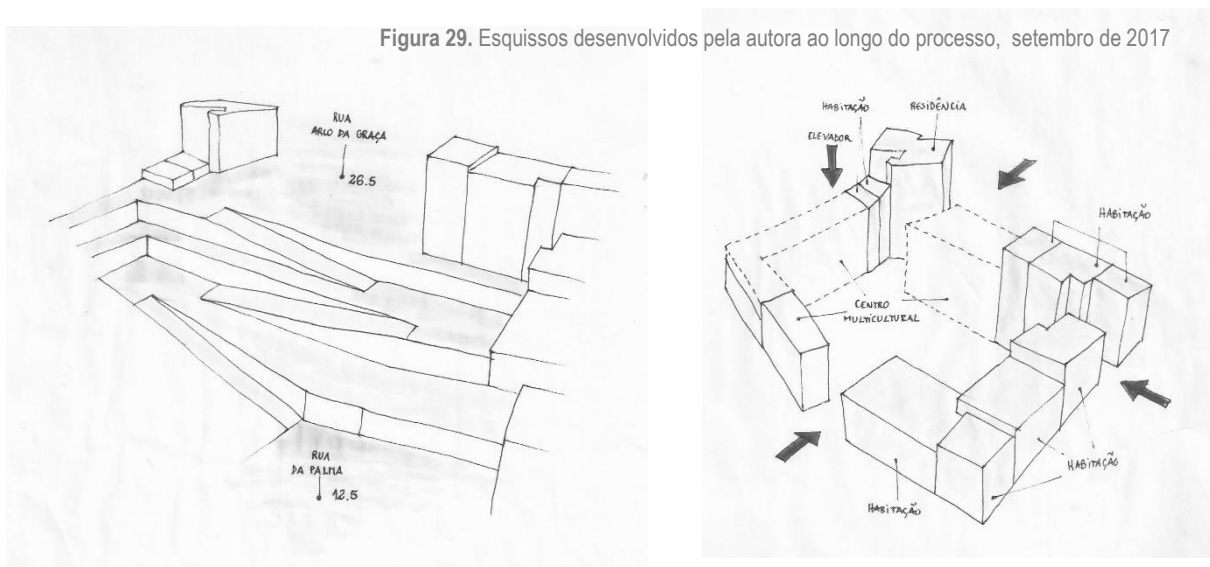
Figura 28. Maquetes de Estudo, registos fotográficos da autora, 2017



O arranjo urbano proposto para este troço da encosta da Pena recai em três questões essenciais: a requalificação do espaço público, a reabilitação do edificado e a acessibilidade.

A lógica de “quarteirão aberto” é adotada, ou seja, surge um espaço público mais reservado e controlado relativamente ao resto da cidade. O conjunto de edifícios existente e os que resultam desta proposta protegem este espaço, que apesar de ser público acaba por acomodar os seus ocupantes como se de um espaço privado se tratasse. Apesar disso, o quarteirão tem acesso a partir das quatro ruas que o definem, sendo que na Rua Barros Queirós esse acesso é feito através do elevador público proposto.

Devido ao estado de conservação dos edifícios existentes foi necessário ponderar quais os que se mantinham, os que se alteravam e os que se demoliam. Na zona sul do quarteirão, a maioria dos edifícios que estavam ocupados e que apresentavam um maior movimento foram mantidos, alguns com as antigas funções, outros com novos usos. A zona norte foi a que sofreu mais alterações, sendo que as funções dos edifícios demolidos - habitação - passam para os edifícios adjacentes que se encontravam desocupados.



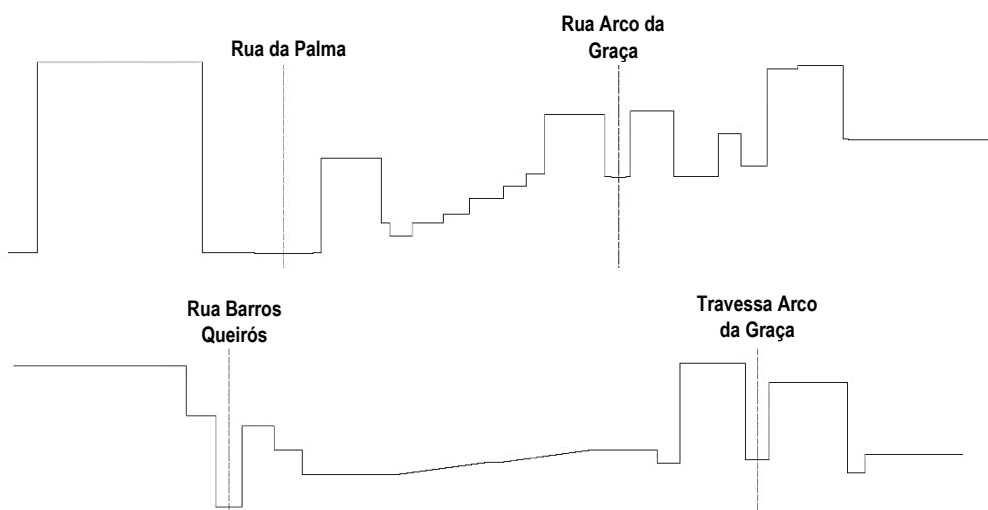
Como foi referido anteriormente, existe uma diferença de cotas significativa entre a Rua da Palma e a Rua Arco da Graça que é vencida através de plataformas a diferentes níveis, diluídas no próprio terreno. A ligação entre as duas ruas é garantida, de forma direta, pelas escadas rampeadas que ligam os quatro patamares e que se enquadram de uma forma natural em todo o conjunto. Por baixo dessas plataformas são acometidas diversas atividades e funções do Centro Multicultural. Nas coberturas, é oferecido ao público, uma zona de estar agradável, percorrível, com espaços verdes, criando também ambientes adequados às habitações dos edifícios existentes.

Mesmo com todo o interior do quarteirão ocupado, o edifício surge de uma forma discreta e subtil entre os rasgos das rampas que sugerem a ideia de movimento descendente e ascendente. É desta forma que é criada uma urbanidade diferente produzindo um novo tipo de lugar de passagem, mas acima de tudo, de permanência, onde as pessoas podem conviver e partilhar experiências, desligando do resto da cidade, num ambiente mais controlado.

Figura 30. Planta de Implantação, pela autora, outubro de 2017



Figura 31. Cortes Transversal e Longitudinal do quarteirão, pela autora, outubro de 2017



2.2| PROJETOS E ESPAÇOS SÓCIO-CULTURAIS MARCANTES NA ÁREA DE INTERVENÇÃO

Apesar de não terem sido feitos inquéritos por questionário ou levantamentos aprofundados relativamente à população da área, a realização de várias visitas ao local, permitiu aferir sobre a diversidade de pessoas e grupos sociais em presença: residentes locais de faixa etária mais avançada e outros mais jovens (ainda que em minoria), pessoas de classes sociais desfavorecidas, imigrantes das mais variadas nacionalidades e turistas.

Tal como referido anteriormente, o quarteirão no qual se intervém apresenta alguns edifícios desabitados e por isso, na proposta urbana e arquitetónica que aqui se propõe, é de todo o interesse possibilitar a convivência entre estes diferentes atores sociais e criar condições para melhorar a qualidade de vida urbana e social através de atividades culturais, uma vez que o tema deste Projeto Final de Mestrado tem como mote a multiculturalidade que é uma marca distintiva da zona do Martim Moniz.

Na Mouraria já existem várias iniciativas com o objetivo de contribuir para a melhoria das condições de vida da população e incentivar a interação entre a diversidade de culturas que aqui coexiste. Apresentam-se, já de seguida, algumas associações, espaços e iniciativas que têm contribuído para um maior conhecimento e convivência intercultural. Esta análise permite compreender melhor o programa da proposta de intervenção e que surge no próximo subponto.

Associação Renovar a Mouraria



Figura 32. Logotipo da Associação

Ao atuar fundamentalmente em três eixos - promoção cultural, integração social e apoio comunitário, desenvolvimento local e economia social - a Associação Renovar a Mouraria tem mais de duas dezenas de projetos em curso. Criada em 2008, o seu trabalho desenvolve-se maioritariamente na Mouraria - Casa Comunitária da Mouraria mas a sua ação estende-se para lá das paredes do edifício. Trata-se de uma organização privada, sem fins lucrativos e com estatuto de utilidade pública, onde sócios ou amigos podem participar nas várias atividades. São exemplo de algumas iniciativas o ensino de português para imigrantes, a alfabetização, o apoio ao estudo a crianças e jovens, o gabinete de apoio jurídico, o cabeleireiro solidário, o jornal comunitário *Rosa Maria* e as visitas guiadas com guias locais nacionais e imigrantes.

Fonte: <https://www.renovaramouraria.pt/> [acedido em outubro de 2017]

Centro de Inovação da Mouraria/Mouraria Creative Hub



Figura 33. Logotipo do Centro

Localizado numa antiga casa senhorial da Mouraria do século XV e fundado em 2015 pela Câmara Municipal de Lisboa, é a primeira incubadora de Lisboa a apoiar projetos e ideias de negócios das indústrias criativas, em especial nas áreas de design, media, moda, música,

azulejaria, joalheria, entre outras. Disponibiliza postos de trabalho totalmente equipados, uma ampla rede de mentores, formação e consultoria à medida, acesso a soluções de financiamento e apoio à comercialização dos produtos e serviços.

Fonte: <http://www.cm-lisboa.pt/centro-de-inovacao-da-mouraria-mouraria-creative-hub> [acedido em dezembro de 2017]

Rede de Artes e Ofícios



Figura 34. Logotipo da Rede

Criada pelo atelier de arquitetura "Arteria", com base num trabalho de campo em Lisboa entre Novembro de 2016 e Julho de 2017, esta rede tem por objetivo mostrar Lisboa através das suas oficinas de atividades independentes de produção, criação, transformação, reparação e restauro, dando protagonismo aos artífices, aos seus espaços de trabalho, aos seus modos de produção e à sua inserção nos bairros. O

objetivo é reconhecer estas atividades como parte fundamental dos processos de regeneração urbana, como característica identitária de Lisboa, como motor económico e cultural da cidade e potencial tecnológico e criativo que importa reconhecer e ativar.

Fonte: <http://www.redearteseoficios.pt/> [acedido em outubro de 2017]

Cozinha Popular da Mouraria



Figura 35. Logotipo do Projeto

Funciona desde Novembro de 2012 e foi fundada pela fotógrafa Adriana Freire. Trata-se de um projeto social, cultural e gastronómico, sem fins lucrativos, que pretende envolver o bairro e todos aqueles que o visitam havendo lugar para a aprendizagem, a experimentação e a partilha. O programa passa por workshops, jantares temáticos, união de culturas e atividades lúdicas para crianças sempre ligadas à cozinha, com refeições

a preços acessíveis. Uma vez que a cozinha é uma linguagem universal, com este projeto pretende-se acima de tudo envolver todos os recursos existentes no bairro, de forma a proporcionar um vasto encontro de culturas.

Fonte: <https://capazes.pt/restaurantes/cozinha-popular-da-mouraria/> [acedido em outubro de 2017]

Mercado de Fusão do Martim Moniz



Figura 36. Logotipo do Mercado

O Mercado de Fusão abriu em Junho de 2012 e é da autoria de um Ateliê privado – a CHP Arquitetos. Tem por objetivo a transformação dos quiosques em restaurantes de comida rápida, multiculturais, onde se pode encontrar vários sabores de todo o mundo. Para além dos restaurantes, a praça dá lugar a concertos, workshops e debates,

sempre dentro da temática do multiculturalismo e reúne uma grande diversidade de pequenos negócios, desde roupas a produtos de mercearia, oriundos de diferentes pontos da cidade.

Fonte: <https://www.facebook.com/MercadoFusao/> [acedido em dezembro de 2017]

Festival “*TODOS - Caminhada de Culturas*”



Figura 37. Logotipo do Festival

Este evento é promovido pela Academia de Produtores Culturais, associação cultural sem fins lucrativos, criada em Lisboa em 1999. O Festival apela ao encontro de todas as pessoas, habitantes, imigrantes, migrantes e refugiados, com o intuito de destruir muros e

preconceitos com uma programação que privilegia o encontro e a convivialidade. Envolve dezenas de pessoas num projeto que engloba artes circenses, dança, teatro, artesanato, momentos de diálogo e espetáculo que aprofundam a interculturalidade. A sua primeira edição foi em 2009, no Martim Moniz, lugar onde decorreu nos três primeiros anos. Desde então que o festival já deambulou por vários locais da cidade e as últimas três edições (2015, 2016 e 2017) foram realizadas na Colina de Santana.

Fonte: <http://festivaltodos.com/intro/home> [acedido em novembro de 2017]

Estes são apenas alguns exemplos dentro da diversidade de iniciativas e espaços que já existem para esta área. Apesar de grande parte se desenvolver na Mouraria, já se verifica a deslocação dos eventos para outras zonas da cidade.

3| ESPAÇO MUNDO - CENTRO MULTICULTURAL DE INOVAÇÃO E PROMOÇÃO ARTÍSTICA

As iniciativas e associações referidas no subcapítulo anterior são apenas alguns exemplos que revelam que a arte e a cultura são temas muito presentes em alguns projetos locais. Estes acabam por adotar estratégias culturais que procuram enriquecer a cidade através do desenvolvimento das capacidades pessoais, das potencialidades do local e do envolvimento cultural das comunidades.

O multiculturalismo, conceito que fundamenta o desenvolvimento deste trabalho, acaba por definir a estratégia a adotar, e que passa por criar um espaço que possibilite, dê continuidade e até intensifique a troca de experiências entre as pessoas de grupos culturalmente diversos, o que já se verifica na atualidade. Para além disso, no segundo subponto deste capítulo, o centro cultural é apresentado como uma solução de espaço para a troca de experiências e de saberes entre as pessoas e a integração de atividades diversificadas e que decorrem neste território de forma dispersa.

Neste sentido, propõe-se a criação de um centro multicultural, um espaço físico que pode ser um lugar de incubação de novas iniciativas e de promoção de todos os projetos de carácter sócio-cultural que já existem, pode ser um incentivo para novos projetos e, ao mesmo tempo, servir de ponto de encontro para toda a população. A ideia é dar a conhecer todos os dias, semanas ou meses, uma pequena parte do mundo através de exposições, oficinas temáticas, palestras, espetáculos, entre outras atividades. Acaba por ser um polo de animação e vivificação da zona e que pode gerar dinâmicas de revitalização que ultrapassem este território. Desta forma, os projetos sociais existentes e os novos projetos dentro do tema das artes e da cultura, independentemente da entidade promotora, podem funcionar em rede e partilhar o mesmo espaço: Espaço Mundo - Centro Multicultural de inovação e promoção artística.

Como exemplos deste tipo de equipamentos pode fazer-se referência ao Centro de Investigação Artística Hangar, na Graça, em Lisboa e ao Centro de Experimentação Artística do Vale da Amoreira, no concelho da Moita, Setúbal.

Inaugurado em 2015, o HANGAR é um Centro de Investigação Artística, um espaço independente, que surgiu a partir de um grupo de artistas, curadores e produtores, pertencentes à Xerem - uma associação cultural que tem por objetivo apoiar projetos culturais, sociais, artísticos e pedagógicos, de âmbito transdisciplinar e intercultural. Oferece um centro de exposições, residências artísticas e curatoriais, estúdios para artistas e funciona como centro de formação, de conferências e conversas. O programa do centro recai sobre as investigações, workshops,

exposições, eventos públicos, ateliers, projetos para as crianças e programas de residências. Tem como objetivo fortalecer as ações de intercâmbio existentes entre Portugal, Europa, África e América do Sul através de parcerias estratégicas em diversos países.

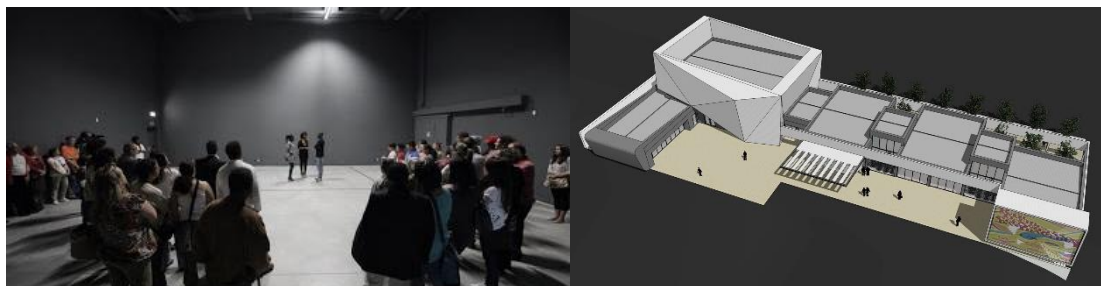
Figura 38. Hangar - Centro de Investigação Artístico



Fonte: <https://hangar.com.pt> [acedido em janeiro de 2018]

O Centro de Experimentação Artística do Vale da Amoreira foi inaugurado em 2013 e nasce a partir da Iniciativa Bairros Críticos. A experimentação artística foi considerada como o principal eixo de intervenção do programa, consagrado na construção deste Centro, com o intuito de se tornar num polo agregador de atividades culturais e artísticas na Área Metropolitana de Lisboa (Guterres, 2012, p. 75). Este equipamento tem como premissas a valorização da diversidade, a interculturalidade e a integração social e afirma-se como um espaço de experimentação e aprendizagem, contribuindo para a igualdade de oportunidades, para a democratização no acesso à informação e para o conhecimento e expressões plásticas.

Figura 39. Centro de Experimentação Artística do Vale da Amoreira

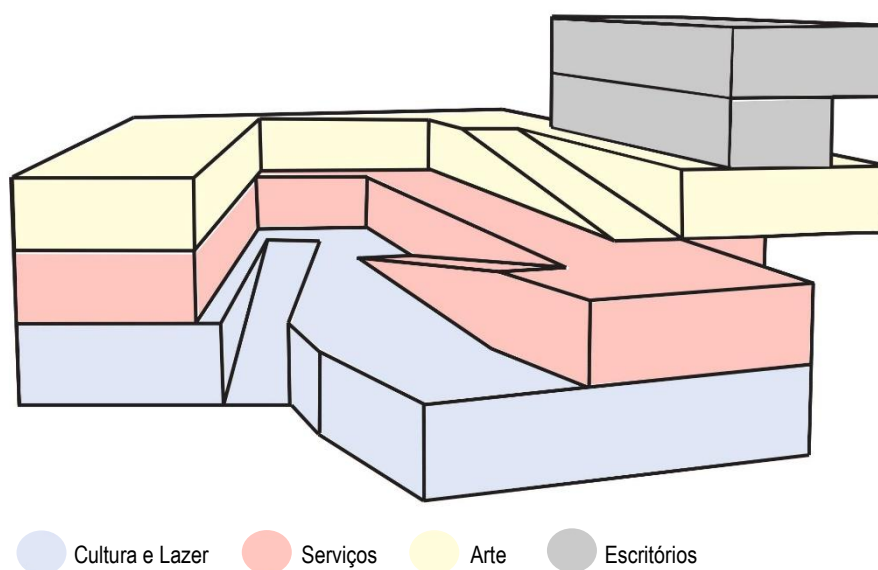


Fonte: <https://hangar.com.pt> [acedido em janeiro de 2018]

3.1| PROGRAMA

O programa proposto para a área de intervenção destina-se a todas as faixas etárias de modo a promover, para além das relações interculturais, as relações intergeracionais. Assim, são oferecidas diferentes áreas programáticas que se adaptam à diversidade existente, sendo elas, Cultura e Lazer, Serviços e Arte.

Figura 40. Distribuição dos núcleos temáticos por pisos, desenho da autora, novembro de 2017



A distribuição dos espaços do edifício é feita por três núcleos distintos. O piso térreo dá lugar à cultura e ao lazer através de comércio variado, zona de exposições e dois auditórios, um principal e outro secundário. No primeiro piso o elemento principal é a biblioteca, com sala de trabalho e estudo, sala de leitura, gabinetes de serviço social e serviços de reprografia, papelaria e centro informático. O segundo piso é dedicado à arte e é nele que se inserem as salas das oficinas temáticas - de pintura, de música, de línguas, de dança e meditação. Ainda neste piso há lugar para um restaurante, que apesar de ser mais independente também pode funcionar como oficina de gastronomia. Apesar de estarem todos interligados no interior através de circulações verticais, cada piso pode funcionar de forma independente, uma vez que possuem entrada própria pelo exterior.

Por último, o edifício a norte do quarteirão, destina-se a escritórios e, apesar de pertencer ao centro multicultural, funciona de uma forma mais independente. Por serem dotados de uma grande versatilidade, os espaços deste edifício podem ser alugados para outras funções e por isso funcionarem como um meio de auto sustentabilidade económica do centro multicultural.

Figura 41. Quadro com distribuição dos espaços

Cultura e Lazer Piso Térreo	Serviços Piso 1	Arte Piso 2	Edifício Norte Piso Térreo e Piso 1
Auditório Principal	Biblioteca	Oficinas	Escritórios
Bastidores	- Sala de Trabalho e Estudo	- Pintura/Música	
Auditório Secundário	- Sala de Leitura	- Línguas	
Zona Administrativa	- Espaço Multimédia	- Dança/Meditação	
Zona de Exposições	Livraria	Restaurante	
Cafeteria	Papelaria	- Café	
Lojas	Reprografia	- Sala de Refeições	
	Centro de Informática	- Cozinha	

3.2| DESENVOLVIMENTO FUNCIONAL E MATERIALIDADE

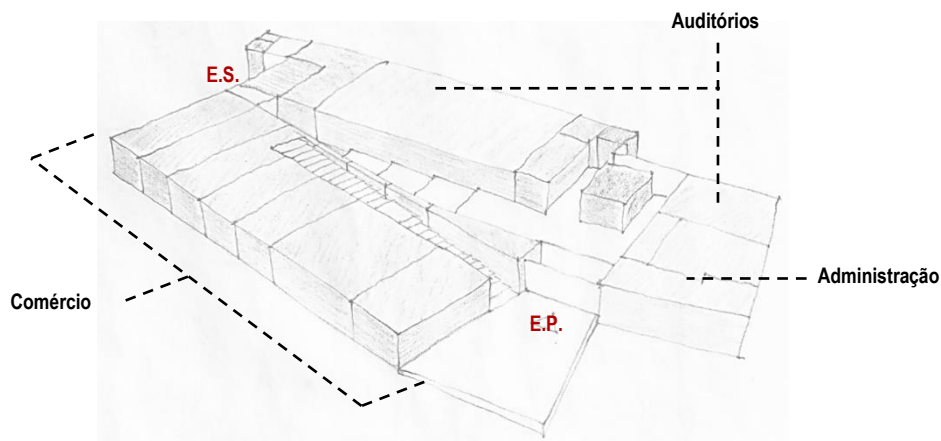
As escadas rampeadas do espaço público criado garantem o acesso pelo exterior a todos os pisos do centro multicultural o que faz com que estes possam funcionar de forma independente. No entanto, na Rua da Palma, existe a entrada principal para o edifício que por sua vez, através das circulações verticais - escadas e elevadores - permite a ligação aos outros pisos. O local para esta entrada foi escolhido intencionalmente com o objetivo de ter uma relação direta com a Praça do Martim Moniz. Para além disso, também nesta rua, as várias lojas e a cafeteria do edifício têm entrada direta pelo exterior pelo que não é necessário entrar no centro multicultural para “tomar um café” ou para visitar os espaços comerciais.

As cargas e descargas são feitas a partir da Rua da Palma e da Rua Barros Queirós, onde se localizam as entradas do edifício e os respetivos elevadores que dão acesso aos pisos superiores. O restaurante, localizado no segundo piso, tem um elevador de uso exclusivo para cargas e descargas e outro para o compartimento do lixo que têm acesso a partir da Rua Arco da Graça.

Relativamente ao estacionamento, é proposto um lugar na Rua Arco da Graça e outro na Rua da Palma para as cargas e descargas. Para os funcionários e para o público que queira visitar o edifício, o Parque de Estacionamento subterrâneo do Martim Moniz já existente deve dar resposta a essa necessidade e ceder lugares ao Centro Multicultural.

Piso Térreo - Cota 11.6 e 12.5

Figura 42. Esquema do piso térreo, desenho da autora, 2017



Destinado essencialmente ao tema da Cultura e do Lazer, este é o piso para as atividades mais culturais do edifício, isto é, onde se localizam os dois auditórios, um maior que outro, e onde se podem realizar palestras, concertos, teatros, entre outras atividades.

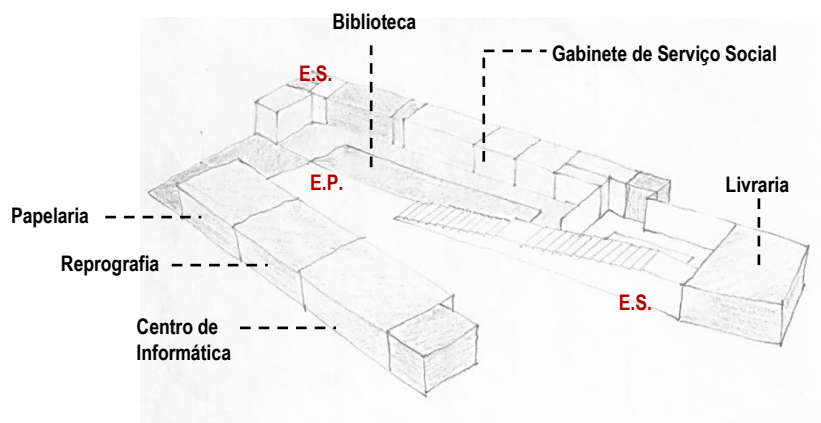
As zonas de circulação deste piso têm a característica de se dividirem em “grandes degraus”. Apesar de surgirem para vencer a topografia do terreno, estes degraus/plataformas marcam o ritmo do espaço e criam zonas diferentes. Assim, esta área que aparentemente é só de circulação, pode servir para a exposição de trabalhos realizados nas oficinas temáticas do edifício.

Depois de entrar, junto da receção, existe uma zona de pé direito duplo onde se encontra a escada para o piso superior. Através deste elemento, o convite para entrar e visitar, torna-se mais evidente e acaba por dar alguma grandiosidade e protagonismo a esta zona de distribuição. Para além disso, garante outro ponto de luz, vindo do piso superior e entra no edifício pelos rasgos das escadas rampeadas exteriores do piso de cima - fachadas em vidro.

Uma vez que uma das intenções é manter a memória dos edifícios, a antiga fachada de alvenaria em pedra mantém-se e por isso o pé direito dos espaços não é regular de modo a adaptar-se aos vãos já existentes. Este jogo entre os vãos, as paredes, os tetos falsos e alturas acabam por dar uma dinâmica diferente ao edifício, principalmente aos espaços comerciais.

Piso 1 - Cota 17.5

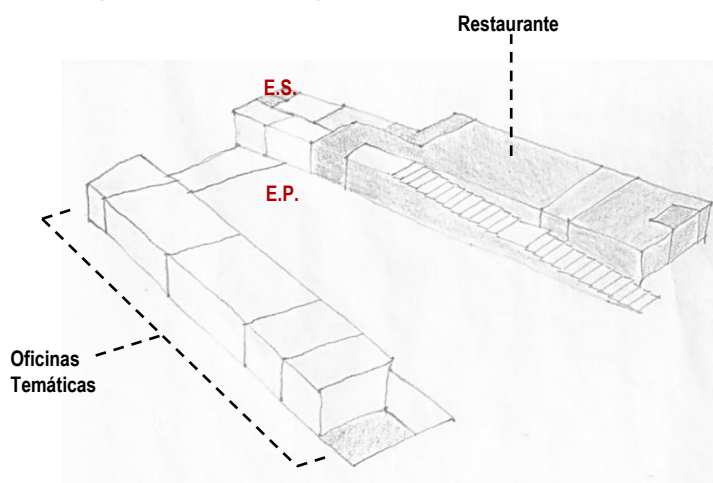
Figura 43. Esquema do primeiro piso, desenho da autora, 2017



Subindo pela escada principal, elevadores ou entrando pelo acesso exterior deste piso, é encontrada a biblioteca que oferece três zonas distintas: zona de leitura, zona de estudo e trabalho e zona multimédia. Tem ainda a receção, o arquivo e o gabinete de serviço social para apoio e atendimento da população. Este piso caracteriza-se por ser mais dedicado aos serviços, incluindo centro de cópias, centro informático, papelaria e livraria que acabam por se relacionar diretamente com a biblioteca. Este é um espaço cuja iluminação é importante e por isso são tidas em conta as várias entradas de luz a partir das fachadas em vidro. Esta transparência também permite o contacto visual com o espaço verde desta plataforma.

Piso 2 - Cota 22

Figura 44. Esquema do segundo piso, desenho da autora, 2017



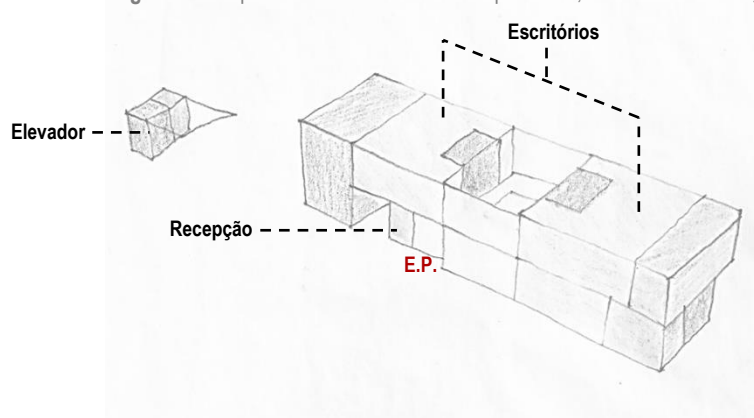
O segundo piso dá lugar às artes e é nele que se encontram as oficinas temáticas. É neste piso que se situa os espaços para a incubação de projetos artísticos e é também aqui que se podem desenvolver atividades que venham no seguimento de programas e iniciativas criativas já

existentes na zona, onde se podem dar aulas, workshops, programas de ocupação de tempos livres, entre outras iniciativas. Existem três salas distintas, cada uma delas adequada e disposta consoante aquilo a que se destina: uma destinada às línguas, outra à pintura e à música e, por último a que se destina à dança e meditação. O material que predomina nos revestimentos destas salas é a madeira com um intuito de criar um maior aconchego e um ambiente mais familiar. Nas paredes predominam as cores, diferentes consoante as salas, que remetem para a diversidade e que despertam sensações diferentes entre os utilizadores.

Embora possa funcionar de forma independente, existe ainda o restaurante do centro multicultural, constituído pela sala de refeições e pela sala de bar/sala de jogos que em casos pontuais dá lugar à oficina de gastronomia, dando a conhecer os sabores de todo o mundo. A ideia passa por criar um restaurante que ofereça uma gastronomia de diferentes culturas, relacionadas com os espetáculos, exposições e outras atividades que estejam a decorrer no centro multicultural. A decoração e o ambiente criado neste restaurante pretende-se mais rústico e tradicional e por isso a materialidade predominante é a madeira e a pedra. As cargas e descargas, bem como, o compartimento do lixo do restaurante é feito através de um sistema de elevador para a Rua Arco da Graça.

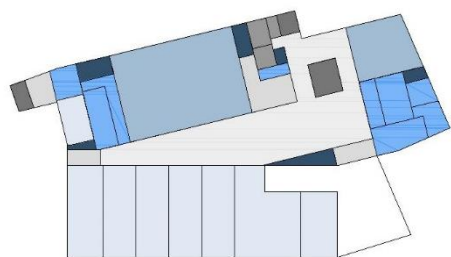
Edifício Norte - Cota 26.5

Figura 45. Esquema do edifício a norte do quarteirão, desenho da autora, 2017



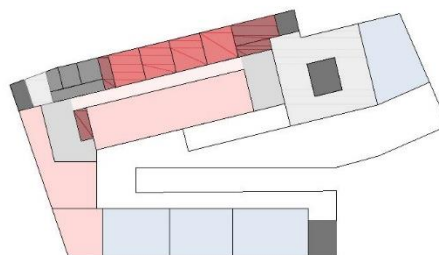
A norte do quarteirão, também pertencente ao conjunto edificado do centro multicultural localiza-se uma volumetria de dois pisos destinado a escritórios. Ambos os pisos correspondem a um grande open space, de fachadas maioritariamente transparentes, com entradas de luz controladas através de sistemas de sombreamento específicos. A sua versatilidade e o acesso totalmente independente do centro multicultural, permite que os espaços sejam facilmente alugados para outras funções e por isso funcionarem como um meio de auto sustentabilidade económica do centro multicultural.

Figura 46. Plantas esquemáticas para quantificação, desenhos da autora, janeiro 2018



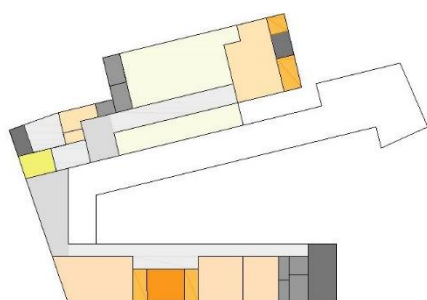
Piso Térreo 2750 m²

Recepção	28
Auditório Principal - 214 lugares	540
Auditório Secundário - 72 lugares	127
Zona Administrativa	155
Zona de Exposições	300
Cafetaria	190
7 Lojas	700
Instalações Sanitárias	45
Área Técnica	55
Arrumos	39
Circulações	670
Espaço Exterior	200



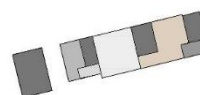
Piso 1 2550 m²

Biblioteca	990
- Recepção	30
- Zona de Leitura	260
- Zona de Trabalho / Estudo	133
- Zona Multimédia	74
- Gabinetes	190
- Instalações Sanitárias	62
- Arrumos	13
Livraria	145
Papelaria	120
Reprografia	112
Centro Informático	134
Circulações	380
Espaço Exterior	670



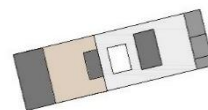
Piso 2 2030 m²

Oficinas	709
- Recepção	28
- Pintura/Música	75
- Línguas	60
- Dança/Meditação	123
- Instalações Sanitárias	50
- Sala de Formadores	45
- Arrumos	34
Restaurante	725
- Café	110
- Sala de Refeições	225
- Cozinha	123
- Arrumos	58
- Apoio aos Serviços	25
- Instalações Sanitárias	45
Circulações	516
Espaço Exterior	590



Edifício Norte - Piso Térreo 1770 m²

Recepção	56
Escritório	709
Instalações Sanitárias	12
Circulações	160
Espaços Exterior	830



Edifício Norte - Piso 1 388 m²

Escritório	96
Open Space	150
Instalações Sanitárias	35
Circulações	105

O primeiro contacto, em termos projetuais, com a área de estudo, surgiu no âmbito da unidade curricular de Laboratório de Projecto VI (2016-2017), cujo o tema em análise era a Cerca Fernandina. Neste contexto, depois de várias visitas a esta zona da cidade e após a análise de diferentes fatores, como a topografia, o edificado, os usos, os fluxos e a acessibilidade de um vasto território, o olhar recaiu sobre os encontros multiculturais que se davam na praça do Martim Moniz, sobretudo sobre a diversidade social, étnica, cultural e geracional ali existente. É nessa fase que emerge a curiosidade em explorar as razões que levam à existência de uma maior diversidade cultural naquela zona da cidade de Lisboa.

A discussão sobre a diversidade cultural como fenómeno importante para o futuro das cidades tem sido cada vez mais comum nos dias de hoje. O aumento desta diversidade deve-se, em grande parte, aos movimentos migratórios que se justificam por variadas motivações apesar de se destacarem as questões sócio-económicas. Lisboa é considerada como uma metrópole multicultural, como outras grandes cidades europeias, e o Martim Moniz surge como uma das zonas mais multiculturais da cidade, ou seja, onde atores sociais com distintos sistemas culturais, com diferentes práticas e perceções, constroem ou reconstroem um território comum.

No entanto, verificou-se também, que, apesar destes encontros multiculturais, a maioria dos indivíduos procura relacionar-se com os seus iguais, sendo pontuais e esporádicos os contatos fora do seu grupo de pertença. Esta observação levou-nos a explorar melhor as articulações entre cultura, sociedade e espaço público de modo a perceber como é que um espaço pode responder cabalmente às necessidades e valores de uma ampla diversidade de pessoas, grupos e modos de vida em presença. É difícil conceber um espaço sem conteúdo social, assim como, conceber sociedade sem uma componente espacial, sendo que a apropriação e perceção desse mesmo espaço depende da esfera cultural a que pertencem os seus utilizadores. O modo como se vive um determinado lugar exprime o comportamento sensorial dos seus ocupantes e a experiência será diferente de acordo com a diferença de filtros perceptivos entre culturas.

A implementação de um Centro Multicultural nesta área tem como intencionalidade a promoção de uma reciprocidade em termos de intercâmbio entre culturas diversas e entre residentes, imigrantes, visitantes e turistas. Um espaço que proporcione a convivência intercultural entre todos, sem exceção. Assim, surge um equipamento de acesso público, que fomenta os encontros sociais e culturais através do seu programa e permite albergar as mais variadas

relações entre os indivíduos com diferentes modos de vida, fortalecendo, assim, a identidade do local. A localização da proposta apresentada neste Projeto Final de Mestrado toma lugar num quarteirão adjacente à praça do Martim Moniz que apresentava uma descaracterização em termos urbanos e arquitetónicos, com problemas relativos ao terreno e ao edificado.

A localização no interior do quarteirão poderia levar a que se tornasse num espaço público isolado, apenas de passagem, mas a sua relação direta com o Centro Multicultural acaba por garantir a permanência que se pretende. Para além disso, procurou-se implementar algumas estratégias criativas que pudessem homenagear a diversidade no geral, através de jogos de luz, cor, movimento, materiais e formas, de modo a evitar a criação de um espaço demasiado homogéneo e monótono. Estas estratégias também acabam por criar ambientes que propiciam o bem-estar das diferentes populações que afluem à cidade através da arquitetura, apelando à utilização dos sentidos.

O desenvolvimento deste trabalho reforça a ideia de que o papel do arquiteto não é só projetar espaços, mas sim, projetar espaços para as pessoas. Os espaços não são vivenciados da mesma maneira por todos os cidadãos. A arquitetura não tem que ser algo monótono e indiferente, pode e deve provocar sensações, ações, estimular a convivência e os encontros. As pessoas apropriam-se dos espaços arquitetónicos consoante os seus mundos sensoriais e isso torna a arquitetura ainda mais desafiante.

- Amin, Ash. (2002) Ethnicity and the multicultural city: Living with diversity. *Environment and Planning A*, 34, 959 – 80.
- Arendt, Hannah. (2001) A condição humana. Lisboa, Relógio d'Água.
- Azevedo, Joana & Padilla, Beatriz. (2012) Territórios de diversidade e convivência cultural: considerações teóricas e empíricas. *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, 15 – 41.
- Backström, Bárbara & Castro-Pereira, Sofia. (2012) A questão migratória e as estratégias de convivência entre culturas diferentes em Portugal. *REMHU*, 38, 83 – 100.
- Barros, Maria Filomena Lopes de. (1998) A Comuna Muçulmana de Lisboa: Séculos XIV e XV. Lisboa, Hugin Editores.
- Berman, M. (1987) Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo, Companhia das Letras.
- Borja, Jordi. (2003) El espacio publico: ciudad y ciudadanía. Barcelona, Ed. Electa.
- Brandão Alves, F. M. (2003) Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano. Proposta Metodológica. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brandão, P. & Remesar, A. (2000) O Espaço Público e a Interdisciplinaridade. Lisboa, CPD.
- Brandão, P. & Remesar, A. (2004) Design Urbano Inclusivo: uma experiência de projecto em Marvila “Fragmentos e Nexos”. Lisboa, CPD.
- Câmara Municipal de Lisboa (2011) Plano Diretor Municipal de Lisboa, Lisboa.
- Carmona, Mathew; Tiesdell, Steve; Heath, Tim; OC, Taner. (2010) Public places urban spaces: the dimensions of urban design. Architectural Press.
- Castaño, F. Javier Garcia & Ruiz-Matas, Cristina Barragán. (2000) Sociedad multicultural e interculturalismo versus inmigración extranjera: aportaciones teóricas para el debate. *Documentación Social - Revista de estudios sociales y de sociología aplicada*, 121, 209 – 232.
- Coelho, Maria Helena da Cruz. (2008) A construção histórica da multiculturalidade. *Portugal : percursos*
- Completo, João M. L. (2015) *Reabilitação da áreas urbanas de génese ilegal: a praça como elemento clarificador de uma estrutura urbana de ocupação dispersa*. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, FAUL, Lisboa.
- Cuche, Denys. (2003) A noção de cultura nas Ciências Sociais. Lisboa, Fim de Século Edições.

- Dias, Manuel Graça. (2010) Ao inserir as minorias fazemos cidade, *Jornal dos Arquitectos*, 238, 34 – 48.
- Ferreira, Catarina R. (2015) *A arte na forma do Espaço. Espaço Público, Habitação e Revitalização da zona da Ajuda*. Projecto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, FAUL, Lisboa.
- Fonseca, M. L., Amaro, M.R., Pereira, S. & Esteves, A. (2011) *Imigração, Diversidade e Política Cultural em Lisboa*. MIGRARE Working Papers. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.
- Gehl, Jan. (2001) *Life between buildings: using public space*. Londres, Island Press.
- Gehl, Jan. (2006) *La humanización del espacio urbano: la vida social entre los edificios*. Barcelona, Editorial Reverté.
- Gésero, Paula. (2011) *Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes – O Martim Moniz na migrantscape de Lisboa*. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Guerra, Isabel. (1993) Modos de vida – Novos percursos e novos conceitos. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 13, 59 – 74.
- Guerra, Isabel. (2008) A cidade multicultural e multiétnica : Gestão da diversidade e procura da democracia. *Portugal : percursos de interculturalidade, II Contextos e Dinâmicas*, 97 – 118.
- Hall, Edward T. (1986) *A dimensão oculta*. Lisboa, Relógia d'Água.
- Jayne, J.G. & Neves, M.de A. (2012) Cidade e espaço público: política de revitalização urbana em Belo Horizonte. *Caderno CRH*, 23 (60), 605 – 617.
- Lamas, José. (1982) Renovação Urbana do Martim Moniz. *arquitectura*, 146 (4), 26 – 57.
- Lamas, José. (2004) *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Legatti, Fernanda. (2009) *Centro Cultural e de Convivência*. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado – Arquitectura e Urbanismo), FAAC da Universidade Estadual Paulista, Bauru.
- Léger, Jean-Michel (2001) Modos de Habitar e Arquitectura – As respostas francesas. *Cidades – Comunidades e Território*, 3, 41 – 52.
- Leite, Rogério P. (2007) *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas, Editora da Unicamp.
- Leite, Rogério P. (2008) Localizando o espaço público: Gentrification e cultura urbana. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 83, 35 – 54.
- Lynch, Kevin. (1960) *A imagem da cidade*. Lisboa, Edições 70.

- Machado, Nuno R. M. (2013) *Construir no construído. O equipamento comunitário como espaço promotor da coesão social no Bairro do Arroja*. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, FAUL, Lisboa.
- Mendes, M.M., Sá, T., Crespo, J.L., Ferreira, C.H. (2012) *A cidade entre Bairros*. Casal de Cambra, Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA.
- Mendes, Maria Manuela. (2012) – Bairro da Mouraria, território da diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo. *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, 15 – 41.
- Mendonça, Eneida M. S. (2007) Apropriações do espaço público: alguns conceitos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7 (2), 296 – 306.
- Menezes, Marluci. (2003), *Mouraria: entre o mito da Severa e o Martim Moniz. Estudo antropológico sobre o campo de significações imaginárias de um bairro típico de Lisboa*, Lisboa, LNEC.
- Menezes, Marluci. (2010) A cidade com os imigrantes. *Jornal dos Arquitectos*, 238, 81 – 91.
- Nico, Magda. (2014) Padrões de mudança de casa e eventos de vida: uma análise das carreiras habitacionais. *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXVIII, 103 – 127.
- Padilha, Marcela do N. (2011) O conceito de espaço público como suporte para a análise de cidades com património histórico-arquitectónico protegido. *Revista Geográfica da América Central*, Número Especial EGAL, 1-21.
- Pereira, Anabela. (2004) *Educação Multicultural - Teorias e práticas*. Porto, Edições Asa.
- Pinto, G.B; Paulo, E. & Silva, T.C. (2012) Os centros culturais como espaços de lazer comunitário: o caso
- Rapoport, Amos. (2003) Cultura, Arquitectura y Diseño. *Arquitectonics: mind, land & society*, 3. Barcelona, Edicions UPC.
- Rapoport, Amos. (2003) Cultura, Arquitectura y Diseño. *Arquitectonics: mind, land & society*, 5. Barcelona, Edicions UPC.
- Rocher, Guy. (1982) *Sociologia 1*. Lisboa, Ed. Presença.
- Sennet, Richard (1988) *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Silva, Florbela A. Dos Santos Viegas. (2010) *Multiculturalismo, Socialização e Integração – Os desafios e contributos do ensino/aprendizagem de uma língua não materna*. Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação e Formação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade do Algarve, Faro.

Silva, Mariana G. P. A. (2012) *O espaço público na relação com equipamentos culturais. Os casos de Lisboa e Barcelona*. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, ISTUL, Lisboa.

Sousa, C. & Gonçalves, G. (2015) Imigrantes e sociedade de acolhimento: percepções e realidades: no caso de Portugal, *Psicologia & Sociedade*, 27, 548 - 557.

Sousa, Sofia L. de. (2013) *Construir no construído da cidade de Odívetas. A importância do equipamento público na qualificação e revitalização de áreas urbanas de génese ilegal: o caso da Arroja Velha*. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, FAUL, Lisboa.

Tavares, Rui & Pinto, Maria J.N. (2010) Pontos de Vista. *Jornal dos Arquitectos*, 238, 32 – 33.

Taveira, Tomás. (1982) *Martim Moniz – Estudo de renovação urbana da área do Martim Moniz*. Lisboa, Tomás Taveira 1982.

Tiryakian, Edward A. (2003) Assessing Multiculturalism Theoretically: E Pluribus Unum, Sic et Non.

Vertovec, Steven. (2007) Introduction: New directions in the anthropology of migration and multiculturalism. *Ethnic and Racial Studies*, 30, 961 – 978.

DOCUMENTOS ELETRÓNICOS (INTERNET)

Alves, Jorge. (2012) *Museu de Arte Contemporânea Lusitânia / Frederico Valsassina Arquitectos*. [Online]. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-47849/museu-de-arte-contemporanea-lusitania-frederico-valsassina-arquitectos> [acedido em maio de 2017]

ArchDaily. (2012) *Baroque Court Apartments / OFIS arhitekti*. [Online]. Disponível em: <http://www.archdaily.com/203848/baroque-court-apartments-ofis-arhitekti> [acedido em março de 2017]

ArchDaily. (2012) *Superkilen / Topotek 1 + BIG Architects + Superflex*. [Online]. Disponível em: <http://www.archdaily.com/286223/superkilen-topotek-1-big-architects-superflex> [acedido em março de 2017]

ArchDaily. (2015) *Fine Arts Museum of Asturias / Francisco Mangado*. [Online]. Disponível em: <http://www.archdaily.com/627946/fine-arts-museum-of-asturias-francisco-mangado> [acedido em abril de 2017].

Associação Renovar a Mouraria: <https://www.renovaramouraria.pt/> [acedido em Setembro de 2017]

Câmara Municipal de Lisboa. (2017) [Online]. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt> [acedido entre julho de 2017]

Centro de Experimentação Artístico do Vale da Amoreira: <http://www.cm-moita.pt/pages/852> [acedido em dezembro de 2017].

de Belo Horizonte. *CULTUR – Revista de Cultura e Turismo*. [Online]. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/286> [acedido em abril de 2017].

Fonseca, Maria Lucinda (2003) *Integração dos Imigrantes: estratégias e protagonistas*. [Online]. Disponível em: www.cwg.ul.pt/migrare/events/ICongressoLF.htm [acedido em março de 2017].

Fonseca, Maria Lucinda. (2003) *Integração dos Imigrantes: estratégias e protagonistas*. [Online]. Disponível em: www.cwg.ul.pt/migrare/events/ICongressoLF.htm [acedido em março de 2017].

HANGAR - Centro de Investigação Artístico: <https://hangar.com.pt/sobre-o-hangar/> [acedido em janeiro de 2018].

Martins, Maria (2014) *Centro Cultural e Espaço de Casamentos Eyüp / Emre Arolat Architects*. [Online]. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/625240/centro-cultural-e-espaco-de-casamentos-eyup-emre-arolat-architects> [acedido em março de 2017]

Meer, Nasar & Modood Tarig. (2011) How does interculturalism contrast with multiculturalism?. *Journal of Intercultural Studis*. [Online]. 32, 1 – 22. Disponível em: www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07256868.2011.618266 [acedido a 23 de março de 2017].

Mendes, Maria Manuela & Padilla, Beatriz. (2014) Bairro da Mouraria em Lisboa: território de diversidade, convivência e tensão, *Estudo Prévio - Dossier Bairros em Lisboa CEACT/UAL*. [Online]. Disponível em: <http://www.estudoprevio.net/artigos/22/maria-manuela-mendes-beatriz-padilla-.-bairro-da-mouraria-em-lisboa> [acedido a 10 de maio de 2017].

Menezes, Marluci. (2009) A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa. *Horizontes Antropológicos* [Online]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200013 [acedido em agosto de 2017]

Menezes, Marluci. (2013) De que se fala quando se diz que um bairro é um bairro. *estudo prévio*. [Online]. Disponível em: <http://www.estudoprevio.net/artigos/21/marluci-menezes-.-de-que-se-fala-quando-se-diz-que-um-bairro-e-um-bairro> [acedido a 10 de maio de 2017].

Neves, Renata R. (2013) Centro Cultural: a cultura à promoção da arquitectura. *Especialize On Line* [Online]. Disponível em: <https://www.ipog.edu.br/revista-especialize-online/edicao-n5-2013/centro-cultural-a-cultura-a-promocao-da-arquitetura/> [acedido em abril de 2017].

Papademetriou, Demetrios G. (2003) *Policy considerations for Immigrant Integration*. [Online]. Disponível em: www.migrationinformation.org/Feature/print.cfm?ID=171 [acedido em março de 2017].

Penninx, Rinus. (2003) *Integration: the Role of Communities, Institutions, and the State*. [Online]. Disponível em: www.migrationinformation.org/Feature/print.cfm?ID=168 [acedido em março de 2017].

Tulumello, Simone. (2015) Reconsidering neoliberal urban planning in times of crisis: urban regeneration policy in a “dense” space in Lisbon. *Urban Geography*. [Online]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/02723638.2015.1056605> [acedido em maio de 2017].

ANEXO I | ANÁLISE E PESQUISA

Paineis de Análise - Turma 5C 2016/2017

Levantamento Fotográfico e Vistas Aéreas

Projetos Referência

ANEXO II | PROCESSO DE TRABALHO

Esquissos

Maquetes de Estudo

Paineis da Fase Intermédia

ANEXO III | MAQUETES FINAIS

Escala 1:500 - Antes da Intervenção

Escala 1:500 - Depois da Intervenção

Escala 1:200 - Proposta Urbana e Arquitetónica

ANEXO IV | PEÇAS DESENHADAS

Painel 1 - Contexto e Análise

Painel 2 - O Lugar / O Programa

Painel 3 - Proposta Urbana

Painel 4 - Projeto Base: Piso Térreo | Corte AA'

Painel 5 - Projeto Base: Piso 1 | Corte BB'

Painel 6 - Projeto Base: Piso 2 | Corte CC'

Painel 7 - Projeto Base: Piso Térreo | Corte DD'

Painel 8 - Projeto Base: Piso 1 | Corte EE'

Painel 9 - Projeto Base: Planta de Cobertura | Alçado Rua Barros Queirós

Painel 10 - Projeto Base: Alçado Rua Arco da Graça | Alçado Rua da Palma

Painel 11 - Projeto de Execução: Corte Construtivo

PAINÉIS DE ANÁLISE - TURMA 5C 2016/2017

Figura 1. Painei 1: Memória dos Caminhos - Cerca Fernandina, trabalho realizado por Ana Luca, Daniela Vitorino, Margarida Veloso e Mariana Santos, outubro de 2016

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

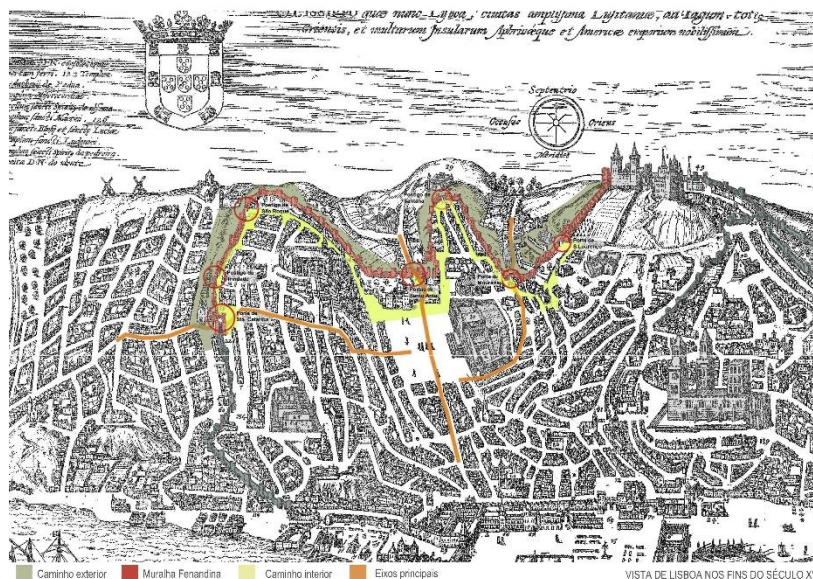
2016 - 2017

LABORATÓRIO DE PROJECTO VI

MEMÓRIA DOS CAMINHOS

1

CERCA FERNANDINA



PALAVRAS-CHAVE

Caminho - É o nome genérico de todas as faixas de terreno que conduzem de um a outro lugar. Retrata um atalho, estrada, direção, destino ou rumo. Neste contexto podem destacar-se três caminhos distintos: o caminho interior (percurso pelo lado de dentro da cerca); e o caminho exterior (percurso pelo lado de fora da cerca) e o caminho de ronda.

Ronda - A palavra ronda encontra-se associada à palavra paratilha, cuja definição informa ser uma visita a diferentes postos ou uma força que percorre certos lugares urbanos de forma a promover a manutenção da ordem. Define-se também como um passeio de vigia efectuado em círculo. Deste modo, o caminho de ronda equivale a zona de corcamento das muralhas que existia em todo o perímetro e permitia a vigilância regular efectuada pela ronda.

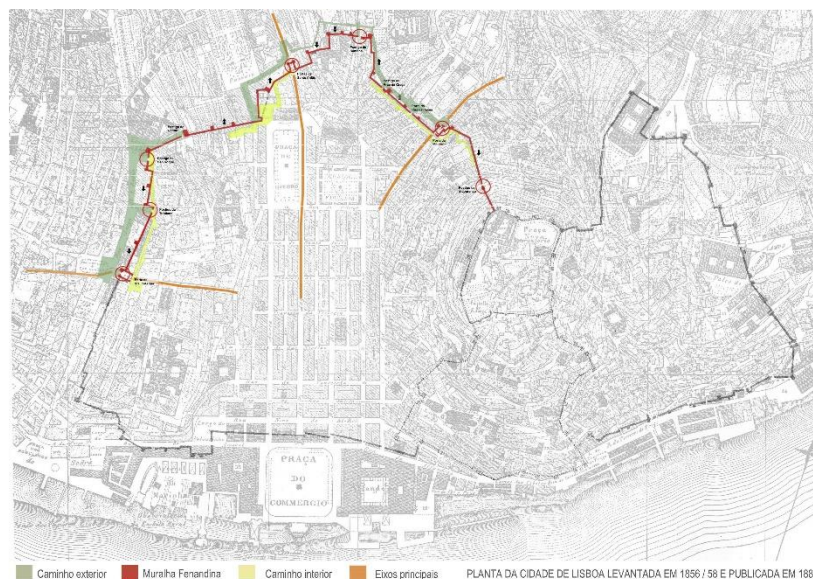
Cerca - A palavra cerca pressupõe um muro ou vedação que rodeia um terreno. No início do séc. XIV, o rei D.Fernando, mandou cercar a cidade de Lisboa através de uma muralha (muro alto, espesso e extenso) com o intuito de defender as fortalezas, povoações e territórios.

Barbacã - Muro anteposto às muralhas e mais baixo que estas para defender o fosso - faixa de terreno com cerca de 6 metros de largura, adjacente à parte de fora das muralhas.

Cubelo - Torre erguida de espaço a espaço, entre as cortinas de uma fortaleza, crucial devido aos desníveis do terreno. As torres e os cubelos desempenhavam funções importantes na defesa da cidade, de forma individualizada, de acordo com cada troço das muralhas. As torres graças à sua altura eram pontos estratégicos e permitiam o controlo visual de todo o espaço e manobras dos exércitos inimigos.

Postigo - Pequena porta ou qualquer das portas secundárias de uma fortificação, equivalentes a vãos abertos nas muralhas com portas em madeira, posicionados na proximidade de uma Torre ou Cubelo para evidente aumento das possibilidades de controlo e segurança destes pontos de descontinuidade da muralha.

Portas - Abertura na muralha que permitia a entrada e a saída na mesma. As portas eram normalmente acompanhadas por duas torres laterais que as protegiam e constituídas por uma quadra ou recinto rectangular murado com um ou dois vãos de porta. A sua toponímia surgia a partir da igreja, convento ou imagem vocálica religiosa mais próxima e localizavam-se de acordo com a primitiva rede viária da cidade.



ANA LUCA

20121332

| DANIELA VITORINO

20121333

| MARGARIDA VELOSO

20121336

| MARIANA SANTOS

20121333

Figura 2. Painel 2: Memória dos Caminhos - Cerca Fernandina, trabalho realizado por Ana Luca, Daniela Vitorino, Margarida Veloso e Mariana Santos, outubro de 2016

MEMÓRIA DOS CAMINHOS

CERCA FERNANDINA

2



CAMINHO DE RONDÁ

O caminho físico de ronda era realizado pela parte superior das muralhas, "adarve" ou "andaimo", através de uma passagem que se constituía, muitas vezes, por terraços e escadarias, encostadas à cerca ou perpendiculares à mesma, de forma a acompanhar a topografia acidentada da cidade. É ainda possível observar este percurso de vigia entre o Castelo de S. Jorge, considerado na altura o coração da cidade, e a Torre de S. Lourenço, na Costa do Castelo.

Os elementos que colaboravam no sistema de defesa da cidade, como torres, cubelos, quadrelas, portas e postigos, inseridos nas muralhas foram-se ajustando, ao longo dos tempos, aos processos construtivos existentes e às solicitações que lhes eram exigidas pelos conflitos da sua época. A Cerca Fernandina leudou a resistência e fiabilidade da sua construção em 1384, contra o ataque do exército Castelhanho, impedindo o assalto à cidade e garantindo a independência do Reino.

CAMINHO INTERIOR E EXTERIOR

A compreensão da Cerca, nos dias de hoje, é realizada através de um olhar atento sobre os vestígios ainda possíveis de detetar da sua presença, identificados em planta. Apesar de tomar o tecido urbano mais complexo acaba por ser um elemento determinante na sua consolidação e ainda ajuda a entender o crescimento e desenvolvimento da cidade.

A área delimitada pela Cerca Velha, onde houve uma concentração de construção, levou a um estrangulamento. Este estrangulamento fez com que a população se fosse alojando no exterior das muralhas, possibilitando o alargamento e extensão da cerca. Para além disso, os largos e terreiros encontravam-se normalmente próximos dos edifícios de poder, que definiam a cidade, sendo os únicos com potência para poder romper a muralha.

Ao percorrer os caminhos exterior e o interior da cerca foi possível verificar que pré - existe linearidade de alguns eixos viários e que se mantêm cruzamentos de algumas vias no lugar das antigas "Portas" da cerca, como é o caso das Portas de S^t António. Apesar disso, e após a análise de cartografias de diferentes épocas, conclui-se que apesar dos eixos principais se manterem, os caminhos interior/exterior que inicialmente acompanhavam e transportavam a memória da muralha, têm desaparecido.

Figura 3. Painel 1: *Cerca Fernandina de Lisboa. Análise das Épocas do Edificado*, trabalho realizado por Catarina Matos, Inês Belo, João Roque do Vale e Marisa Machado, outubro de 2016



Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitetura |
Laboratório de Projeto VI | Prof. António Leite | AL. 2016/2017 |

Cerca Fernandina de Lisboa Análise das épocas do edificado

Colina São Roque - Chiado



- freguesia de Santa Maria Maior
- centro do Romantismo Português no séc XIX
- a maioria dos edifícios do plano de 1758 são considerados pombeiros mas distinguem-se por um aumento de elementos decorativos, ao contrário da austeridade do desenho das fachadas da Baixa: a construção foi aqui mais tardia e a burguesia ascendente introduziu uma nova tipologia de palacetes com valores barrocos
- adaptação do desenho das fachadas à inclinação da encosta, a partir da altura do pé direito do piso térreo e acrescentando em alguns casos uma sobrelaje
- ao longo do tempo, houve acrescimento de mais pisos sobre as cornijas, novos elementos decorativos e águas-furtadas alteradas para mansardas
- também significativas transformações nos pisos térreos: os vãos das montais descaracterizaram a modulação e alinhamentos dos vãos e enfraqueceram a estrutura, com novas vigas em lugar da gaiola pombalina (anos '60 do séc. XX)
- mais de 17 edifícios atingidos pelo incêndio de 1988 e reconstrução durante toda a década de '90
- hoje: é importante centro no comércio da cidade, cosmopolita e movimentado

Colina Sant'Ana



- freguesia de Arroios
- deve o seu nome ao Convento de Sant'Ana erguido em 1561 por ordem da rainha D. Catarina
- entre a Ribeira de Valverde, a poente (rua de São José/rua das Portas de St. António), e a Ribeira de Arroios a nascente (Rua da Palma/Largo do Martim Moniz)
- Calçada de Santana: equilíbrio de casario popular com edifícios senhoriais - ex. o Palácio de Sant'Ana do séc. XVIII, no cimo da calçada (Campo de Sant'Ana)
- Arco de Santana, um dos postigos da cerca fernandina, foi demolido em 1876 para facilidade de circulação
- do lado nascente, a Calçada Nova do Colégio ainda apresenta a Torre de Santana e fragmentos da muralha fundidos no casario
- a poente, o Convento da Encarnação de 1630, está encostado a Norte a tocos da muralha - parcialmente destruído em 1755 e depois recuperado
- hoje: indefinição urbana

Colina São Jorge - Mouraria



- freguesia do Socorro
- onde permaneceram os mouros, após a reconquista cristã; papel importante nas trocas comerciais entre a cidade dentro e fora das muralhas
- séc. XVIII: muitos palácios, conventos e igrejas definiram organização espacial do bairro
- declive acentuado, na costa Norte da colina do Castelo
- urbanização irregular (ruelas e becos); a morfologia urbana mourisca conservou-se
- hoje: multiculturalidade e tradições populares
- habitações degradadas e progressivo abandono
- espaços públicos, largos e arruamentos são espaços de encontro



Rua da Misericórdia



Calçada Santana



Rua Marquês Ponte de Lima



Catarina Matos 20121073 | Inês Belo 20121005 | João Roque do Vale 20121227 | Marisa Machado 20121225

Figura 4. Painel 2: Cerca Fernandina de Lisboa. Análise das Épocas do Edificado, trabalho realizado por Catarina Matos, Inês Belo, João Roque do Vale e Marisa Machado, outubro de 2016



Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitetura |
Laboratório de Projeto VI | Prof. António Leite | AL. 2016/2017 |

Cerca Fernandina de Lisboa Análise das épocas do edificado

Pré-Pombalinos (anteriores ao terramoto de 1755)



- predominantes em bairros históricos
- associados a classes sociais populares
- geometria muito irregular, pequenas dimensões, frentes estreitas, baixo porte
- alvenaria de pedra e pavimentos de madeira
- tipo1: lotes quadrados; 1 ou 2 pisos; organização interna em cruz e sem ventilação natural nas traseiras
- tipo2: mais generalizado (influência gótica); lotes estreitos e profundos; 1 fago por piso; espaços interiores divididos em 2 áreas (sala de fora, voltada para a rua principal com varanda e janela de sacada; funções domésticas nas traseiras, junto a logradouro)
- tipo3: lotes estreitos; 2 andares de rescalto e telhado de 2 águas; piso térreo com alvenaria de pedra; paredes de fachada de pisos superiores com alvenaria mista e elementos de madeira

Pombalinos (posteriores ao sismo de 1755)



- racionalidade e rigor; lógica de quarteirão
- paredes mestras de alvenaria de pedra, presas a pórtico tridimensional de madeira que confere travamento; paredes interiores em tabique; paredes migueiras acima dos telhados, como corta-fogo; robustez da pedra de cunhal
- rigor das fundações: estacas de madeira numa plataforma de terreno compactada
- pavimentos de andares superiores com soalho e vigamento em madeira
- geralmente com 5 pisos; piso térreo com vãos mais largos e altos que nos restantes pisos; 1º piso com janelas de sacada, 2ª e 3ª com janelas de poito e 4º piso com águas furtadas, colocadas do modo irregular ou como mansardas (recuadas)
- piso térreo amplo com estrutura em pedra (abóbadas em cantaria ou alvenaria de tijoleira); comércio, armazéns
- no último piso as fachadas são rematadas com uma cimilha com beiral
- maior importância dos espaços de circulação: lanços de escadas com patim de acesso aos 2 apartamentos, simétricos por piso
- interiores com lambril de azulejos; azulejos nas fachadas surgem como alterações no séc. XIX
- tipologias de fachada reforçam a hierarquia de mas definida pelo Plano de 1758

Gaioleiros (de 1880 a 1940)

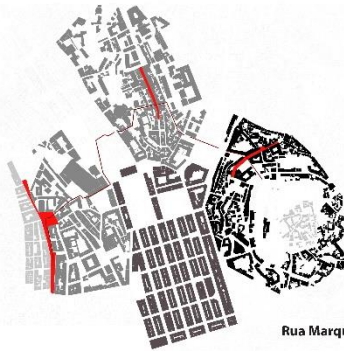


- estrutura de alvenaria e perda do anterior rigor construtivo da gaiola pombalina; alguns elementos de solidarização horizontal das paredes-mestras, desaparecem
- mão-de-obra e materiais de qualidade inferior
- aumento no porte dos edifícios, deterioração das práticas construtivas, redução de espessura ao longo da altura do edifício
- pedras das cantarias mais finas e aperfeiçoadas
- 3 categorias de paredes:
- paredes mestras - alvenaria de pedra irregular, espessura de 0.90 m a 0.50 m nas fachadas principal e posterior; benefícios acústicos e térmicos
- paredes interiores de tabique - espessura de 0.15 m a 0.30 m nas empenas ou no interior do edifício
- paredes interiores de tabique - espessura de 0.08 m, sem resistência, nos andares superiores
- fundações em alvenaria de pedra, com o dobro da altura das paredes que suportam
- pavimentos de madeira, com estrutura de barrotes assentes sobre as paredes

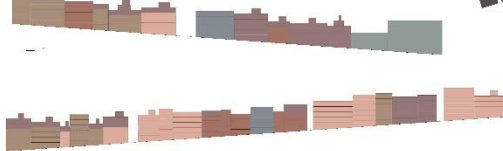
Estrutura em Ferro (início do séc. XX em Portugal)



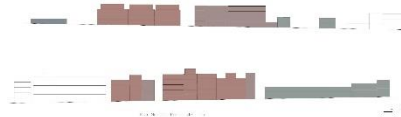
- surge na metade do séc. XIX, ligada às inovações da industrialização
- no Chiado surge como componente de uma estrutura mista que recorre também a paredes em alvenaria de pedra (Teatro da Trindade) ou conjugado com estruturas precedentes
- permite alturas maiores e grandes vãos; construção rápida; sistema leve e resistente
- ambiente burguês propicia o desenvolvimento de uma arquitetura historicista, de ostentação pessoal
- séc XX tem início com o neoclassicismo, o romantismo e eclétismo



Rua da Misericórdia



Rua Marquês Ponte de Lima



Calçada Santana



Paredes Portantes, Igreja, Escoza
 Pombalino A
 Pombalino B
 Pombalino C
 Gaioleiro
 Misto / Ferro



Catarina Matos 20121073 | Inês Belo 20121005 | João Roque do Vale 20121227 | Marisa Machado 20121225

Figura 5. Painel 1: Memória, Arquitetura e Projeto - Reinscrição das Antigas Contenções e limites da cidade de Lisboa. Dinâmicas do Turismo - Habitação Temporária Cerca Fernandina de Lisboa. Análise das Épocas do Edificado, trabalho realizado por Carolina Xarez, Miguel Frade e Vânia Correia, outubro de 2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA | FACULDADE DE ARQUITETURA | LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARQ 5C | DOCENTE ANTÓNIO LEITE
 CAROLINA XAREZ Nº 20111329 | MIGUEL FRADE Nº6849 | VÂNIA CORREIA Nº20111544

MEMÓRIA, ARQUITETURA E PROJETO - REINSCRIÇÃO DAS ANTIGAS CONTENÇÕES E LIMITES DA CIDADE DE LISBOA
 | DINÂMICAS DO TURISMO - HABITAÇÃO TEMPORÁRIA |



Figura 6. Painel 2: *Memória, Arquitetura e Projeto - Reinscrição das Antigas Contenções e limites da cidade de Lisboa. Dinâmicas do Turismo - Habitação Temporária Cerca Fernandina de Lisboa. Análise das Épocas do Edificado, trabalho realizado por Carolina Xarez, Miguel Frade e Vânia Correia, outubro de 2016*

UNIVERSIDADE DE LISBOA | FACULDADE DE ARQUITETURA | LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARQ 5C | DOCENTE ANTÓNIO LEITE
 CAROLINA XAREZ N.º 20111329 | MIGUEL FRADE N.º 6849 | VÂNIA CORREIA N.º 20111544

MEMÓRIA, ARQUITETURA E PROJETO - REINSCRIÇÃO DAS ANTIGAS CONTENÇÕES E LIMITES DA CIDADE DE LISBOA
 | DINAMICAS DO TURISMO - HABITAÇÃO TEMPORÁRIA |



EVOLUÇÃO DAS HABITAÇÕES TEMPORÁRIAS

ANOS 1990-1999

LEGENDA:

- Turismo Tradicional
- Hotel

EVOLUÇÃO DAS HABITAÇÕES TEMPORÁRIAS

ANOS 1950-2000

LEGENDA:

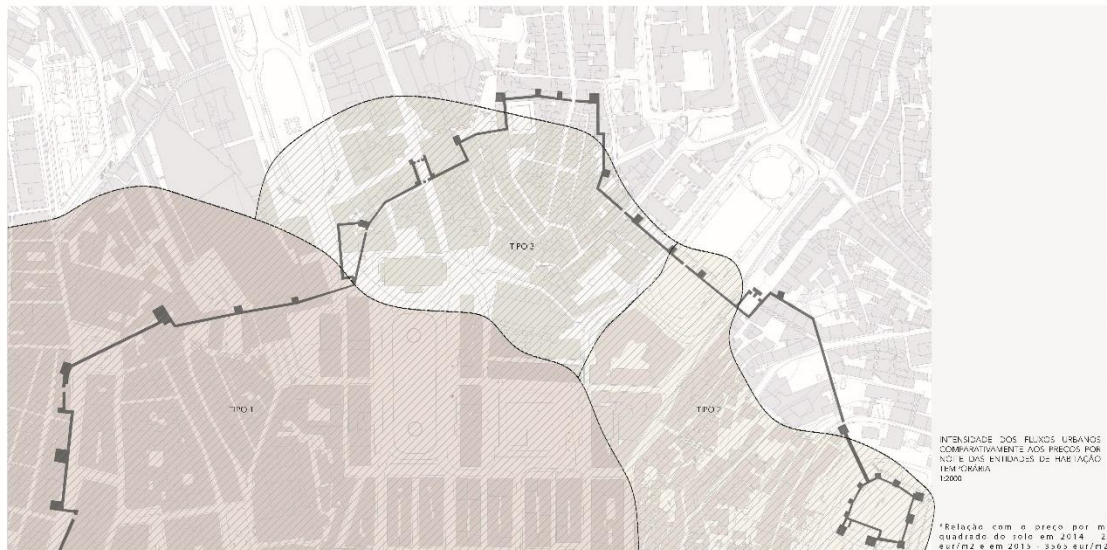
- Turismo Tradicional
- Hotel
- Airbnb
- Aparthotel

EVOLUÇÃO DAS HABITAÇÕES TEMPORÁRIAS

ANOS <2000

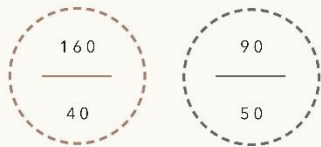
LEGENDA:

- Turismo Tradicional
- Hotel
- Airbnb
- Aparthotel
- Hotel
- Turismo Residencial



INTENSIDADE DOS FLUXOS URBANOS COMPARATIVAMENTE AOS PREÇOS POR M² E DAS ENTIDADES DE HABITAÇÃO TEMPORÁRIA 12000
 *Relação com o preço por metro quadrado do solo em 2014 - 2735 eur/m² e em 2015 - 3566 eur/m²

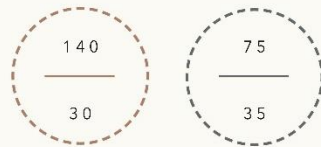
TIPO 1 - ZONA DE ALTA INTENSIDADE - COLINA DE S. ROQUE



Turismo Tradicional
Preço por noite em Euros

Turismo Residencial
Preço por noite em Euros

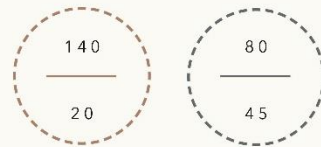
TIPO 2 - ZONA DE MÉDIA INTENSIDADE - COLINA DE SANTANA



Turismo Tradicional
Preço por noite em Euros

Turismo Residencial
Preço por noite em Euros

TIPO 3 - ZONA DE BAIXA INTENSIDADE - COLINA DE S. JORGE



Turismo Tradicional
Preço por noite em Euros

Turismo Residencial
Preço por noite em Euros

Figura 7. Painel 1: *Atmosferas no Percurso da Cerca Fernandina*, trabalho realizado por Alessandro Pellegrini, Carlos Guerra e Luis Jardim, outubro de 2016

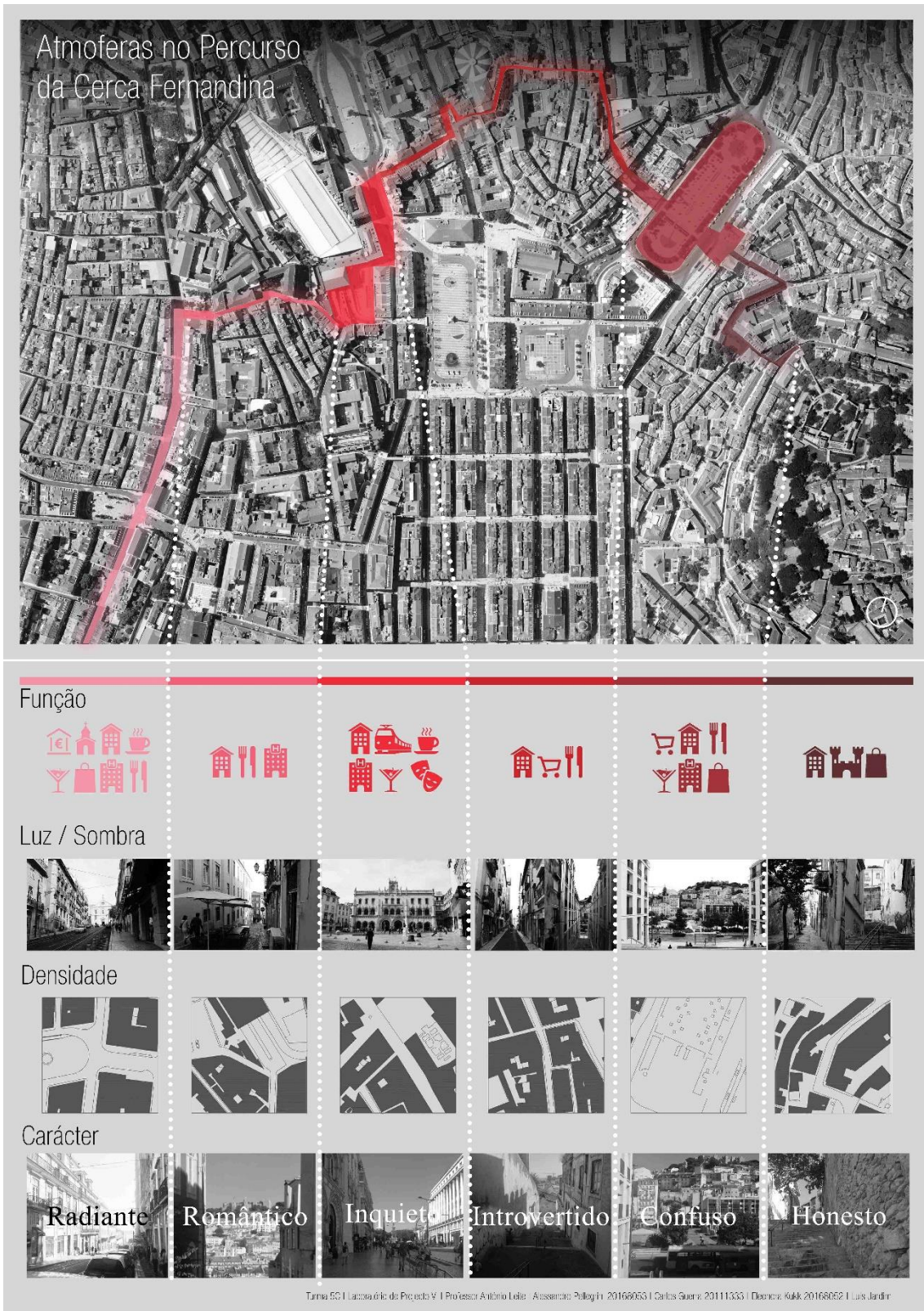


Figura 8. Painel 2: *Atmosferas no Percurso da Cerca Fernandina*, trabalho realizado por Alessandro Pellegrini, Carlos Guerra e Luis Jardim, outubro de 2016

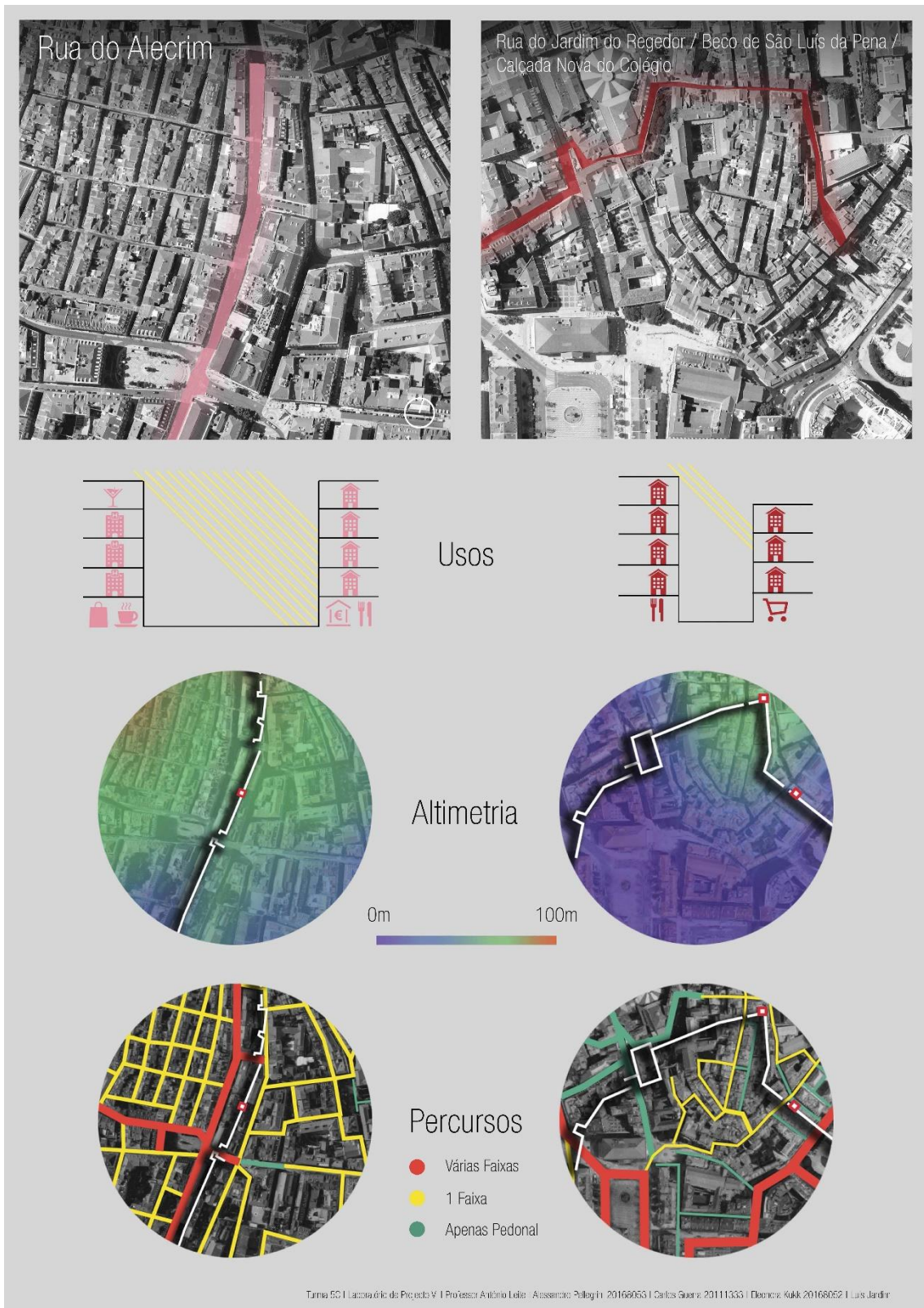
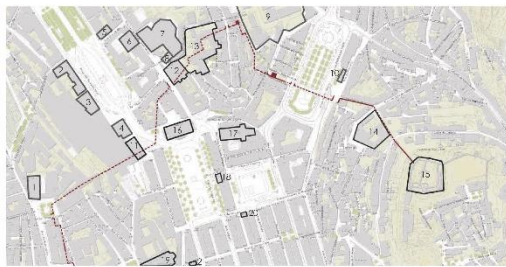


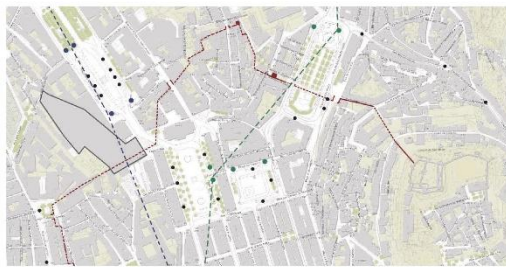
Figura 9. Painel 1: Cidade de Fluxos. Análise dos Fluxos Urbanos ao longo da Cerca Fernandina, trabalho realizado por Andriy Namniyek, Lia Delgado e Mariana Pereira, outubro de 2016



Planta de Pontos de Interesse Histórico e Cultural

- 1 - Igreja de S. Roque;
- 2 - Rua do Izer;
- 3 - edifício Isidoro;
- 4 - Hotel Avenida Palace;
- 5 - Jardim José Luís;
- 6 - Teatro Politeama;
- 7 - Igreja das Raparigas;
- 8 - Igreja de S. Luís dos Indioses;
- 9 - Hospital de S. Isidoro;
- 10 - local de trabalho do Hospital Militar do S. João e do S. Sebastião;
- 11 - Praça de Combos de Bessa;
- 12 - Casa do Artilheiro;
- 13 - Cemitério da Encarnação;
- 14 - Paço da Rese;
- 15 - Igreja de S. Jorge;
- 16 - Teatro Nacional D. Maria II;
- 17 - Igreja de S. Domingos;
- 18 - Hotelaria S. João;
- 19 - Convento de S. Carlos;
- 20 - Comércio Nacional;
- 21 - Elevador de São João.

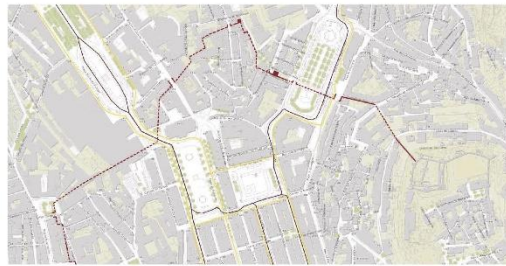
Escala: 1:500



Planta de Transportes Públicos

- Estação de Combos do Rio de
- Metro Linha Verde
- Metro Linha Azul
- Paragens Camis

Escala: 1:2000



Planta dos Principais Fluxos Causados pelos Transportes

- Principais Fluxos Nacionais
- Principais Fluxos Locais

Escala: 1:2000



Rua Marquês Ponte de Lima



Vista Escadinhas do Saúbe para a Praça Marim Moniz



Vista Torre do Jogo da Pêra para o Castelo S. Jorge



Calçada Nova da Colégio

Figura 10. Painel 2: Cidade de Fluxos. Análise dos Fluxos Urbanos ao longo da Cerca Fernandina, trabalho realizado por Andriy Namniyek, Lia Delgado e Mariana Pereira, outubro de 2016



VISTAS AÉREAS E LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

Figura 11. Vista Aérea da área em análise dentro dos limites da Cerca Fernandina, Goggle Earth, outubro de 2016



Figura 12. Vista Aérea do quarteirão de intervenção, Goggle Earth, novembro de 2016

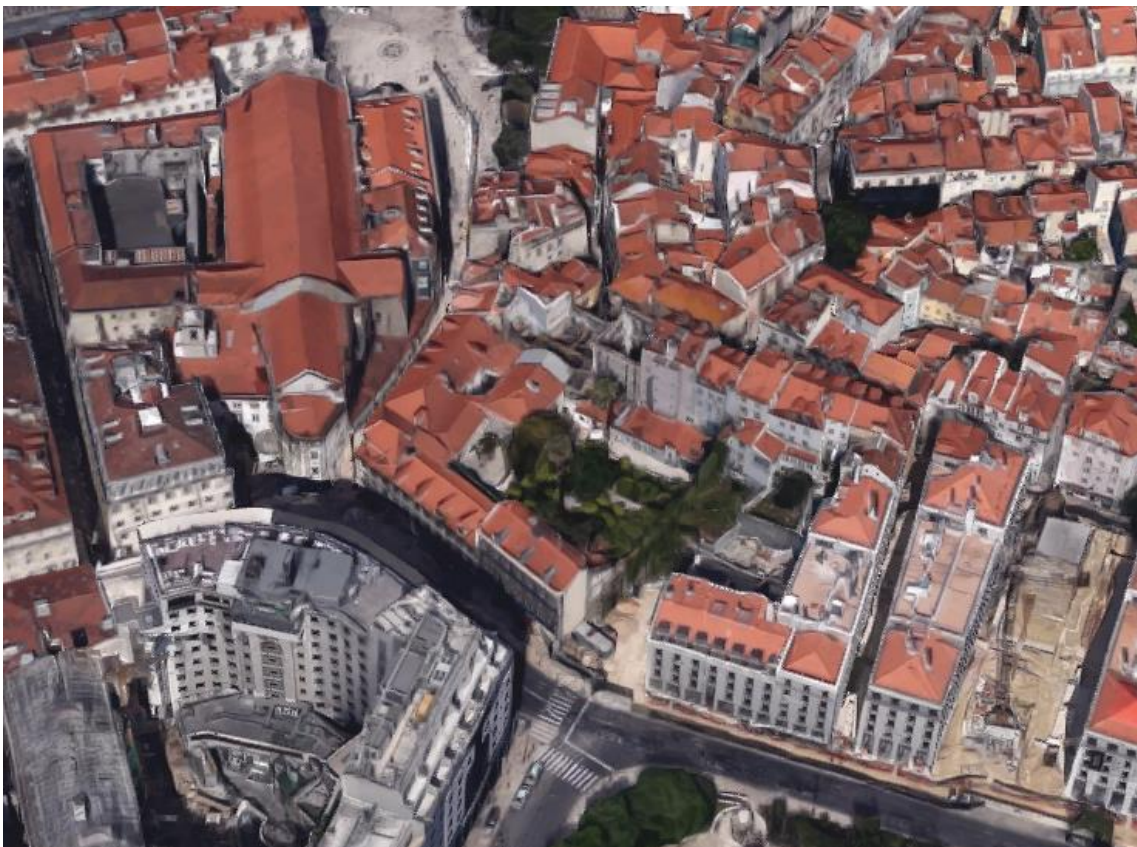


Figura 13. Martim Moniz, Registos Fotográficos da Autora, setembro de 2017

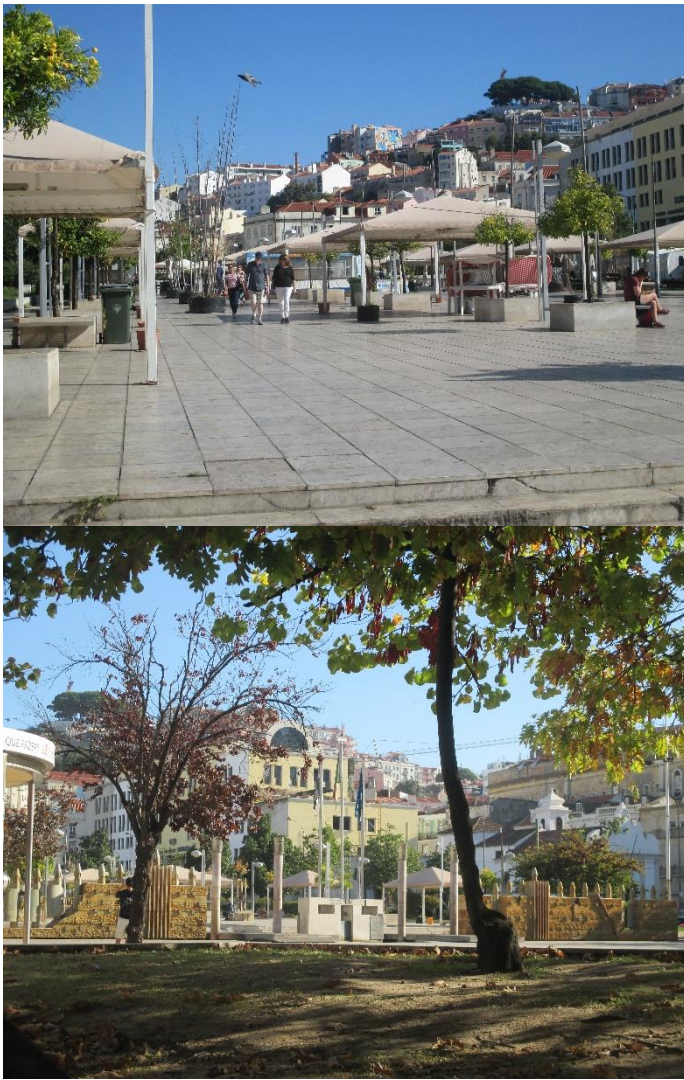


Figura 15. Vestígio da Cerca Fernandina no Martim Moniz, Registo Fotoaráfico da Autora, outubro de 2016



Figura 14. Interior do Quarteirão a intervir, Registos Fotográficos da Autora, outubro de 2016



Figura 16. Calçada de Santana, Registo Fotográfico da Autora, outubro de 2016



Figura 17. Rua Barros Queirós, Registos Fotográficos da Autora, outubro de 2016

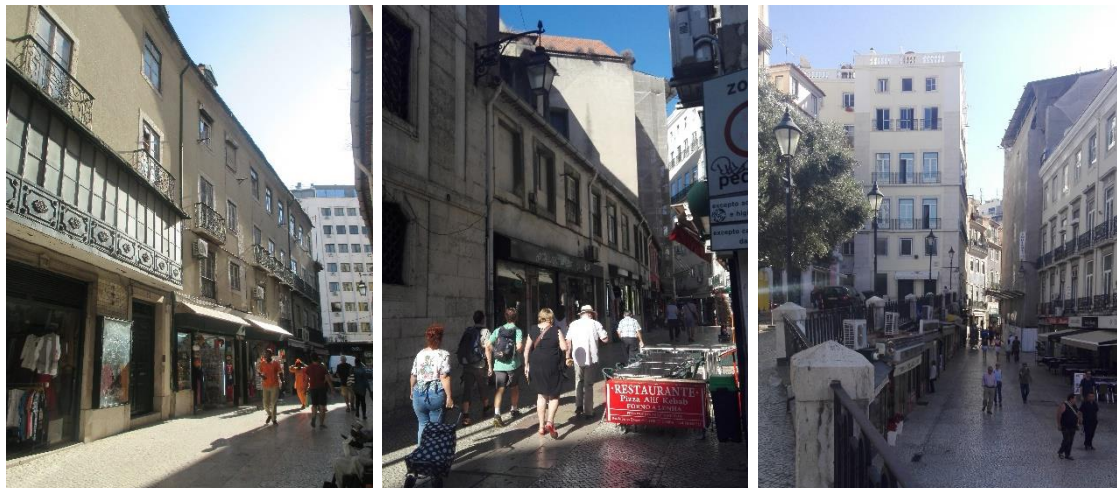


Figura 18. Rua da Palma, Registos Fotográficos da Autora, outubro de 2016



Figura 19. Rua Arco da Graça, Registos Fotográficos da Autora, outubro de 2016



Figura 20. Travessa Arco da Graça, Registo Fotográfico da Autora, outubro de 2016



PROJETOS REFERÊNCIA

Figura 21. Proposta de Renovação Urbana do Martim Moniz - Centro Cultural. Pela autora, Março de 2017. Fonte: Lamas, José. (1982) Renovação Urbana do Martim Moniz. *arquitectura*, 146 (4), 26 – 57.

Arquiteto: Carlos Duarte / José Lamas
«Sector 1»

(...) Finalmente, o edifício de instalações culturais correspondente à reunião e articulação de um conjunto de actividades culturais e recreativas cujas intuições se podem resumir em dois pontos principais:

1. Introduzir no Martim Moniz, e consequentemente no centro da cidade, um programa de actividades complementares do já existente e que, simultaneamente, possam constituir um polo de animação e vivificação da zona bem como permitir, pela sua localização, uma inserção viva e dinâmica da nova zona urbana.
2. Agrupar e articular essas actividades num edifício único, aumentando a sua carga funcional e semântica e simultaneamente facilitando a sua realização e gestão pela concentração e complementariedade das funções. Permitindo também a articulação dessas actividades com organismos, entidades ou associações de cultura em relação aos quais o edifício de instalações culturais possa funcionar como "antena".

Por estas razões situou-se o edifício de instalações culturais em relação directa com a praça, articulando-se sobre dois eixos pedonais fundamentais. Na parte semienterrada, sob a via de serventia, é animado por pequenos comércio (os quais em termos de programa, se deverão também relacionar com a cultura – livrarias, lojas de discos, etc.) indo desembocar num grande hall ou foyer interno ao edifício e largamente aberto para a praça. As actividades a desenvolver no próprio Centro Cultural serão nomeadamente: galerias de exposições, bibliotecas, hemeroteca, salas polivalentes ou cafés ou cafeterias, tanto a n+1 nível como numa esplanada ou terraço ao nível do 2º piso, sobre a praça.



Sector 3

Este sector compreende o conjunto proposto para a área sobre a encosta da Pena, nos limites entre a actual Rua do Arco da Graça e a rua de serventia proposta. No essencial, a solução proposta reconstrói o perfil da encosta ale ao sopo, desenvolvendo-se em três plataformas distintas: a poente e a cota mais alta, uma plataforma relacionada com a Rua Arco da Graça (ao longo da qual se prevêem construções marginais e contínuas, apenas interrompidas pelas escadilhas); a nascente e a cota mais baixa, uma plataforma relacionada com a rua de serventia (cujo traçado se assemelha ao do antigo troço da Rua da Palma); e, a um nível intermédio, uma plataforma em que se desenvolve uma rua pedonal de meia encosta, que faz a ligação entre os dois núcleos a Sul.

Neste conjunto, edificado na encosta da Pena, foram definidos três núcleos (apelidados de norte, sul e central), as ligações em escadilha funcionando como limites. Se bem que diferenciados sob os aspectos construtivos e programáticos, apresentam cénica idêntica e as suas expressões arquitectónicas são uniformes. Inspirámo-nos, neste ponto, na disciplina formal da Baixa Pombalina e edifícios anteriores às demolições, cujo espírito (e não a forma) procurámos manter. Quanto à função do conjunto de caminhos e espaços internos, constituindo uma sequência variada e sugestiva de vistas e ambientes que a arquitectura e o arranjo dos espaços exteriores poderão explorar, pensamos que estará ligada principalmente ao comércio alimentar e a diversões (restaurantes, bares, casas típicas, etc.) parte da área sendo porém reservada a habitação.»

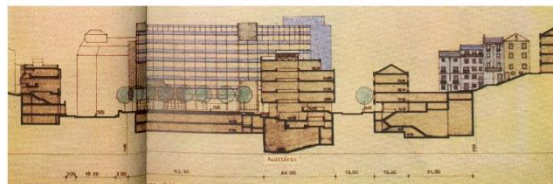
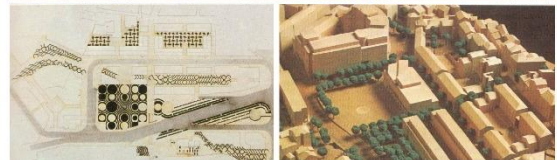


Figura 22. Proposta de Renovação Urbana do Martim Moniz - Habitação. Pela autora, Março de 2017. Fonte: Taveira, Tomás. (1982). Martim Moniz - Estudo de renovação urbana da área do Martim Moniz. Lisboa, Tomás Taveira 1982

Arquiteto: Tomás Taveira

«Zona C – A Habitação»

A Zona C que se desenvolve na área do chamado Martim Moniz, localizada entre o prolongamento da Rua Alargada quando esta se transforma na recuperação da Muralha Fernandina, o prolongamento da Rua da Palma até à Rua de Barros Queirós e a Calçada do Garcia, tem quanto a nós uma vocação fundamentalmente habitacional. Porque localizada junto de um eixo urbano "velho", mas característico, e porque o reaparecimento ou a renovação das áreas habitacionais nas áreas centrais da cidade vai certamente ajudar à sua revitalização, fez-se aqui aparecer "habitação". Admitindo-se pois que a habitação é "necessária", teríamos na mente o criar um ambiente quase de aldeia, com "fogos pequenos" para casas muito jovens, operários e estudantes, conjuntos de apartamentos para indivíduos solteiros, igualmente operários e estudantes com serviços comuns, em tudo muito semelhante ao que se pratica em vários países nas instituições universitárias, algo do tipo acomodação para estudantes, ou Lar. Imagine-se que igualmente a terceira idade, segregada constantemente dos locais da cidade afectados de maior intensidade e vibração, aí encontraria um pequeno apartamento, sendo-lhes possível tomar conta de creches, não só para filhos de quem viria a trabalhar na área do Martim Moniz, mas também para filhos dos que vivem lá actualmente. Toma-se necessário dizer que na Zona C se procurou acima de tudo manter o "Jardim com as suas palmeiras", o qual permaneceria como um pulmão, pausa e referência visual, para quem caminha do Martim Moniz para a Zona da Encosta da Pena. Há nesta Zona C um sentido muito claro de aprofundamento de pequenas "relações" e "continuidades" dentro do esforço de renovação e de recriação de uma imagem bem vernácula o Lisboa: as pequenas ruas, vias e pátios, "desordenamentos" de imagem... numa palavra culturas urbanas. De facto esta habitação é organizada em 4 bandas que se alongam paralelamente à Rua da Palma formando "Ruas" que se articulam entre si através de escadas que culminam num pátio interior, como uma "esplanada", um espaço livre envolvido por pequenas lojas.»

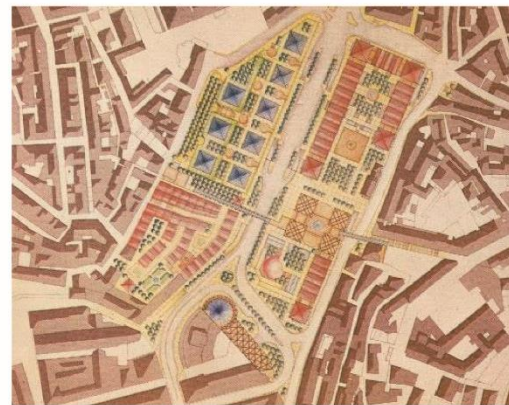


Figura 23. Museu de Belas Artes - Oviedo, Espanha. Pela autora, março de 2017. Fonte: <http://www.archdaily.com/627946/fine-arts-museum-of-asturias-francisco-mangado>

Arquiteto: Francisco Mangado

O projeto aborda todo o complexo, incluindo o futuro do Palácio Velarde e da Casa Oviedo-Portal e contempla a criação de um edifício totalmente novo dentro do complexo urbano. Ou seja, a sequência de fachadas existentes é tomada como uma condição contextual, e essas fachadas assumem o papel de um "plano de fundo" urbano, inquestionável, contra o qual se ergue um novo edifício com uma fachada própria. Uma fachada que se revela, é discernida, através de aberturas nuas, totalmente sem moldura. No exterior será possível concluir uma grande construção luminosa, vidrada e cheia de reflexões, que se projecta para fora e se sobrepõe à história urbana, dando ao novo Museu de Belas Artes das Astúrias uma imagem ousada mas complexa.

A luz é sempre importante na arquitetura, mas ainda mais num museu. O projeto tentou trabalhar em direção a essa ideal através da lógica dos vazios, pelos pátios de blocos ou pelo núcleo central, e através da lógica das clarabóias, que afetam diretamente os andares superiores.



Figura 24. Baroque Apartments - Liubliana, Eslovénia. Pela autora, março de 2017. Fonte: <https://www.archdaily.com/203848/baroque-court-apartments-ofis-arhitekti>

Arquiteto: OFIS Arhitekti

Este edifício de apartamentos no centro de Liubliana, precisava de uma grande revisão para transformá-lo num edifício de apartamentos moderno. O antigo bloco histórico apresenta um pátio no centro que foi fechado e utilizado para equipamentos mecânicos.

A intervenção consistiu na transformação do seu interior num átrio de vidro moderno que permite uma quantidade abundante de luz e ventilação natural. Enquanto o exterior reteve todos os seus elementos históricos e incluiu uma reabilitação dos elementos de design clássico, o interior é completamente moderno e possui um jardim tranquilo e reflexivo.

Agora, o edifício de 12 apartamentos apresenta um pátio ao ar livre central com uma fachada moderna envidraçada onde a transparência e reflexão são elementos muito importantes do complexo.

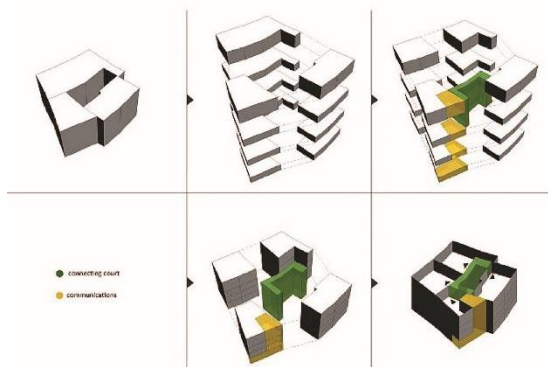


Figura 25. Centro Cultural Eyüp - Istambul, Turquia. Pela autora, março de 2017.
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/625240/centro-cultural-e-espaco-de-casamentos-eyup-emre-arolat-architects>

Arquiteto: Emre Arolat Architects

O edifício localiza-se na praia, em Golden Horn. O período de industrialização, especialmente depois de 1950, resultou numa malha urbana constituída por assentamentos informais por pessoas que vieram para Istambul para trabalhar nas fábricas nas proximidades. Esta malha urbana ainda ocorre hoje, depois de transformações formais. O edifício é considerado como um componente de paisagem estrutural combinando que vence a diferença de cotas através de uma rampa integrada no projecto. Os programas do edifício, como o salão de casamentos, a sala de conferências, o restaurante e o teatro relacionam-se directamente com este elemento e estão expostos ao exterior da forma mais transparente possível.

Assim, pode dizer-se que o desenho do edifício é motivado essencialmente pela ideia de conexão entre dois níveis diferentes através da rampa e o princípio da transparência. Deste modo, as pessoas que vivem no bairro podem chegar à praia Haliç usando esta rampa e ter contacto visual com as atividades que ocorrem dentro do edifício. Este é um aspecto que torna o centro cultural atrativo em relação a todos os outros já existentes na Turquia.

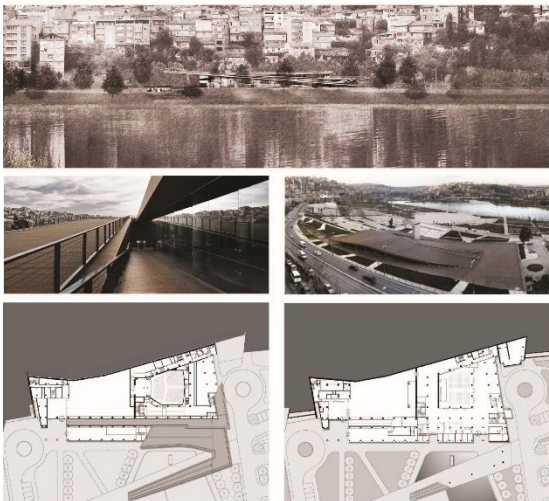


Figura 26. Museu de Arte Contemporânea Lusitânia - Lapa, Lisboa. Pela autora, março de 2017.
 Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-47849/museu-de-arte-contemporanea-lusitania-frederico-valsassina-arquitectos>

Arquiteto: Frederico Valsassina

O desenho do novo espaço museológico da Companhia de Seguros Lusitânia erguido no interior do quarteirão existente, foi condicionado pela presença do Palácio de Porto Covo e pelos seus jardins. Uma intervenção deste género deveria impor uma linguagem coesa baseada na sobriedade e simplicidade dos elementos arquitectónicos, de modo a dar continuidade e profundidade ao jardim e, simultaneamente, enfatizar o efeito cénico do palácio.

Neste sentido, assumiu-se a plataforma enquanto elemento gerador de espaço, reflexo da topografia acidentada que caracteriza o topo norte do terreno. Sucedem-se novos planos, posicionados a cotas distintas, que demarcam e hierarquizam as diferentes partes que integram o edifício. Embora marcante na composição do objecto arquitectónico a plataforma surge, porém, diluída no próprio terreno, reduzindo ao máximo a presença dos corpos edificados.

O edifício desenvolve-se em quatro níveis distintos, múltiplos. Os diferentes níveis comunicam entre si através da manipulação das lajes e com o exterior através da criação de aberturas controladas – jardins artificiais que permitem a iluminação natural dos espaços, projectando o espaço interior na fluida malha dos jardins. O negativo assume-se, consequentemente, como agente primordial na definição dos espaços, sendo a interligação das várias zonas de exposição, de estar e de circulação fortalecida pela presença constante da luz e dos vazios criados entre pisos.

Paralelamente a estes espaços foi recuperado o edifício existente – “Club House”, de modo a permitir a instalação de uma cafetaria e de uma biblioteca, como zonas de apoio à estrutura do espaço Museológico.

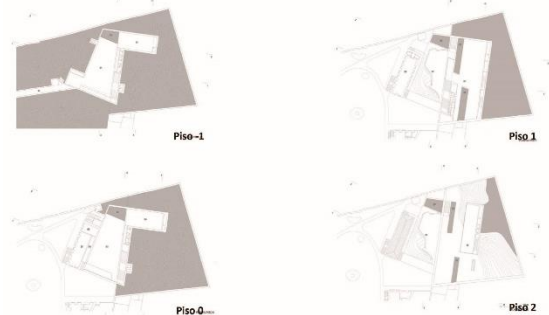
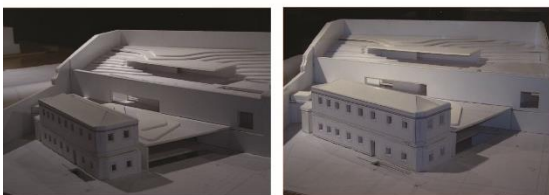
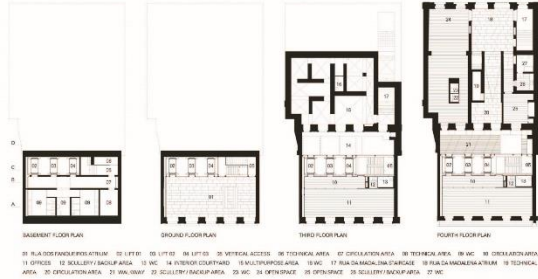


Figura 27. Percurso Pedonal Assistido da Baixa ao Castelo de S. Jorge. Pela autora, março de 2017.
 Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/761337/percurso-pedonal-assistido-da-baixa-ao-castelo-de-sao-jorge-falcao-de-campos>

Arquiteto: Falcão de Campos

Na intervenção do "Percurso pedonal assistido da Baixa ao Castelo de S. Jorge", o edifício situado na Rua dos Fanqueiros, terá um carácter de exposição uma vez que será a partir dele que se fará a ligação até à Rua da Madalena. O edifício além do piso térreo da entrada é constituído por um piso em cave destinado às instalações sanitárias, zonas técnicas e armazéns, e por mais três pisos superiores. O piso térreo tem duplo pé direito e dá acesso ao núcleo de circulações verticais que permitem vencer o desnível entre as duas ruas através da instalação de três elevadores e de um núcleo de escadas. Este núcleo, de elevadores e escada, é transparente em forma de "caixa de vidro", permitindo a entrada de luz zenital até ao piso térreo da Rua dos Fanqueiros.



O edifício alvo da intervenção encontrava-se bastante adulterado com particular relevância para a ocupação do saguão, a descaracterização construtiva e funcional do piso térreo, a inclusão de caves que não existiam no projecto pomalino, a adulteração construtiva dos interiores e a descaracterização da fachada com elementos dissonantes, nomeadamente da publicidade, toldos/palás, antenas condutas/cablagens e aparelhos de ar condicionado. Por outro lado, a compatibilidade da estrutura física do edifício pomalino, caracterizado pela estrutura interior de "gaiolas" de madeira e paredes exteriores de alvenaria, era dificilmente exequível face aos novos usos propostos designadamente, da adaptação às novas exigências regulamentares e de compatibilização construtiva com os elevadores públicos.

A reabilitação da fachada exterior da Rua dos Fanqueiros, permitiu repor a métrica dos vãos ao nível do piso térreo e restaurar os elementos degradados, que poderá incluir a reposição de elementos alterados ou destruídos, nomeadamente as cantarias, os cunhais, os socos, os frisos e as guardas pré-existentes do edifício. Foi uma premissa importante para a equipa de projecto o posicionamento dos elevadores no interior do edifício existente, junto à fachada tardoz, fazendo valer as características do próprio lote onde se localiza, de modo a evitar mexer nos muros de suporte pré-existentes que sustentam a frente edificada da Rua da Madalena. O Edifício dos Elevadores Públicos pretende ser uma extensão natural do exterior urbano para o interior, demonstrando com naturalidade o seu carácter público que convida ao usufruto e passagem.

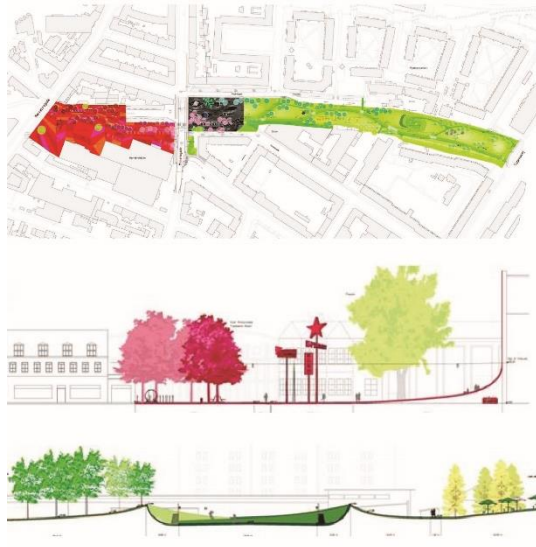


Figura 28. Superkilen - Norrebro, Copenhaga. Pela autora, março de 2017.
 Fonte: <http://www.archdaily.com/286223/superkilen-topotek-1-big-architects-superflex>

Arquiteto: BIG Architects | Topotek 1 | Superflex

O Superkilen é um parque urbano localizado num dos bairros mais etnicamente diversificados da cidade. Trata-se de um verdadeiro espaço urbano interativo que é dividido em zonas distintas colecionando objectos quotidianos de mais de 60 países.

Este projecto não é uma obra de arte terminada, mas uma criação livre que receberá conteúdo e forma através do diálogo com os seus usuários. A escolha das cores e materiais não são neutros em relação à linguagem e cultura local, mas deve adquirir significado ao longo do tempo, à medida que este espaço público for ocupado pelos habitantes da cidade. Neste contexto, a proposta trata de ser ao mesmo tempo neutra, distinta e discreta.



O parque é estruturado por três áreas distintas, tanto visual como funcionalmente: vermelho, preto e verde. A zona vermelha é concebida como uma extensão de actividades desportivas e culturais, onde se podem encontrar uma série de objetos que promovem a actividade física. A zona preta é o verdadeiro coração do Superkilen, com bancos e áreas de churrasco, o que o torna numa grande sala de estar ao ar livre. A zona verde é um lugar atraente para famílias com crianças pois oferece superfícies de relva natural para actividades desportivas em família ou piqueniques, por exemplo. Além disso, atende a uma antiga reivindicação dos moradores, que exigiam espaços mais naturais na área.

Superkilen é, portanto, um espaço concebido por e para as pessoas. O projecto impressiona pela estética, cor e pela promoção de interação social num espaço multicultural. Nasceu para se tornar referência e, ao mesmo tempo, ser elemento unificador das diferentes etnias presentes na região, tornando o bairro de Norrebro um centro de espaços urbanos inovadores a nível mundial e que também possa servir de inspiração para outras cidades e bairros.

ANEXO II | PROCESSO DE TRABALHO

ESQUISSOS

Figura 29. Esquissos da fase conceitual / escala urbana, desenhos da autora, dezembro de 2016



Figura 30. Esquissos - Plantas da organização espacial, desenhos da autora, abril de 2017

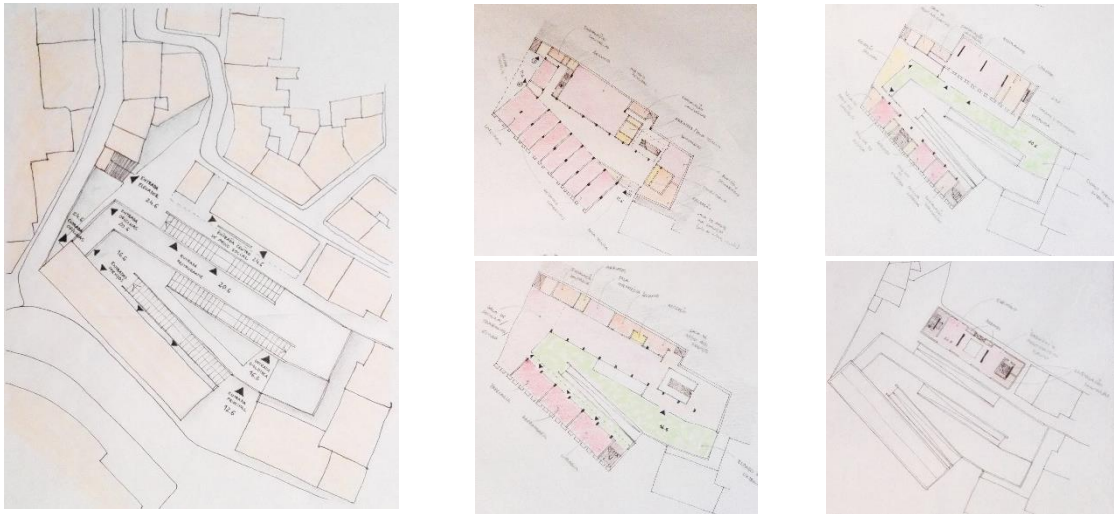


Figura 31. Esquissos - Cortes, desenhos da autora, abril de 2017

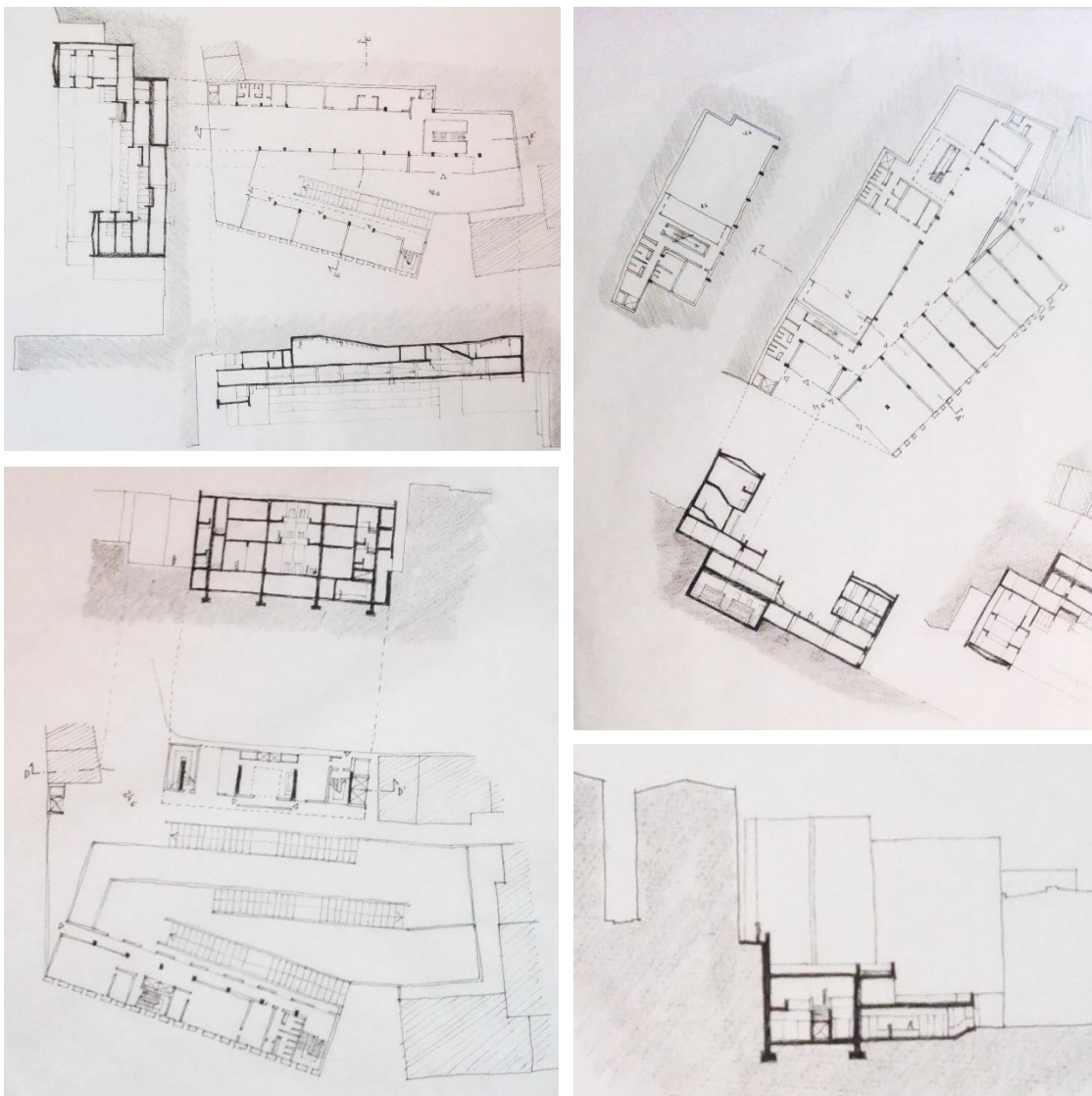


Figura 32. Esquissos - Alçados, desenhos da autora, maio de 2017

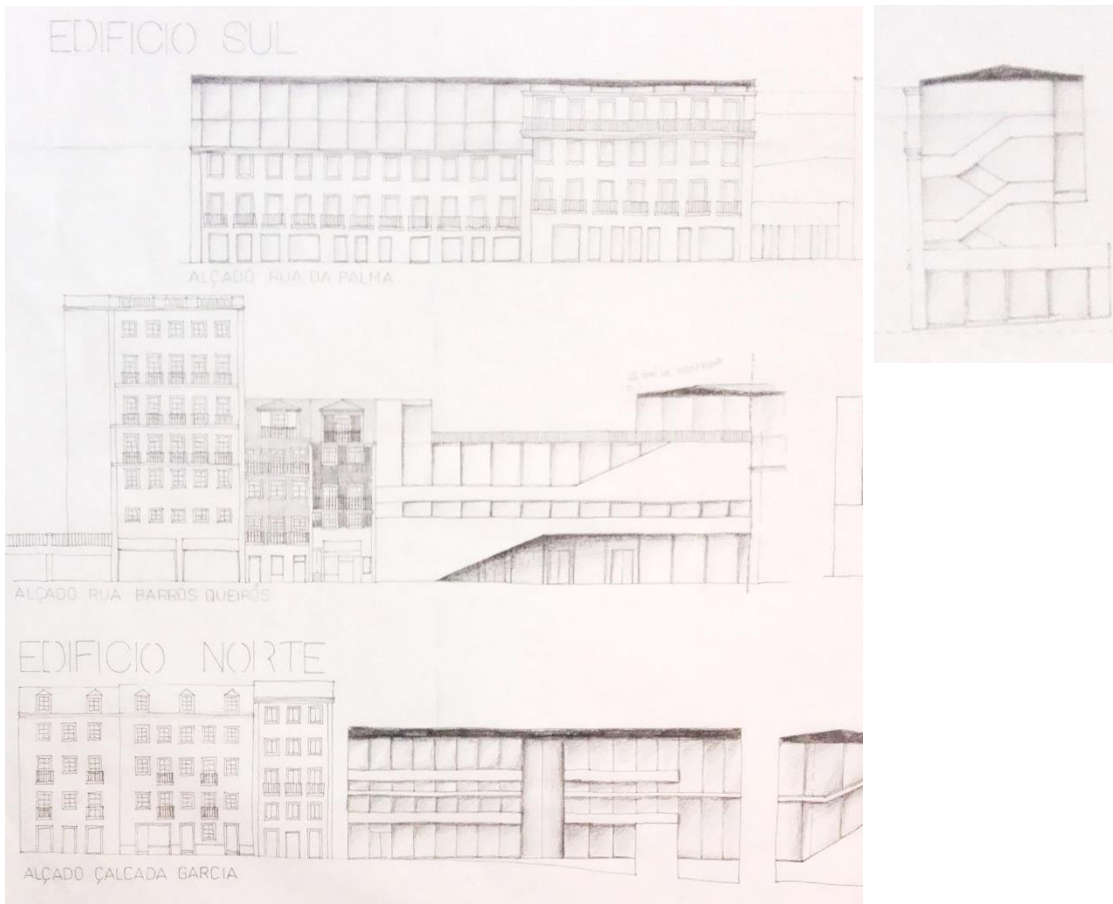
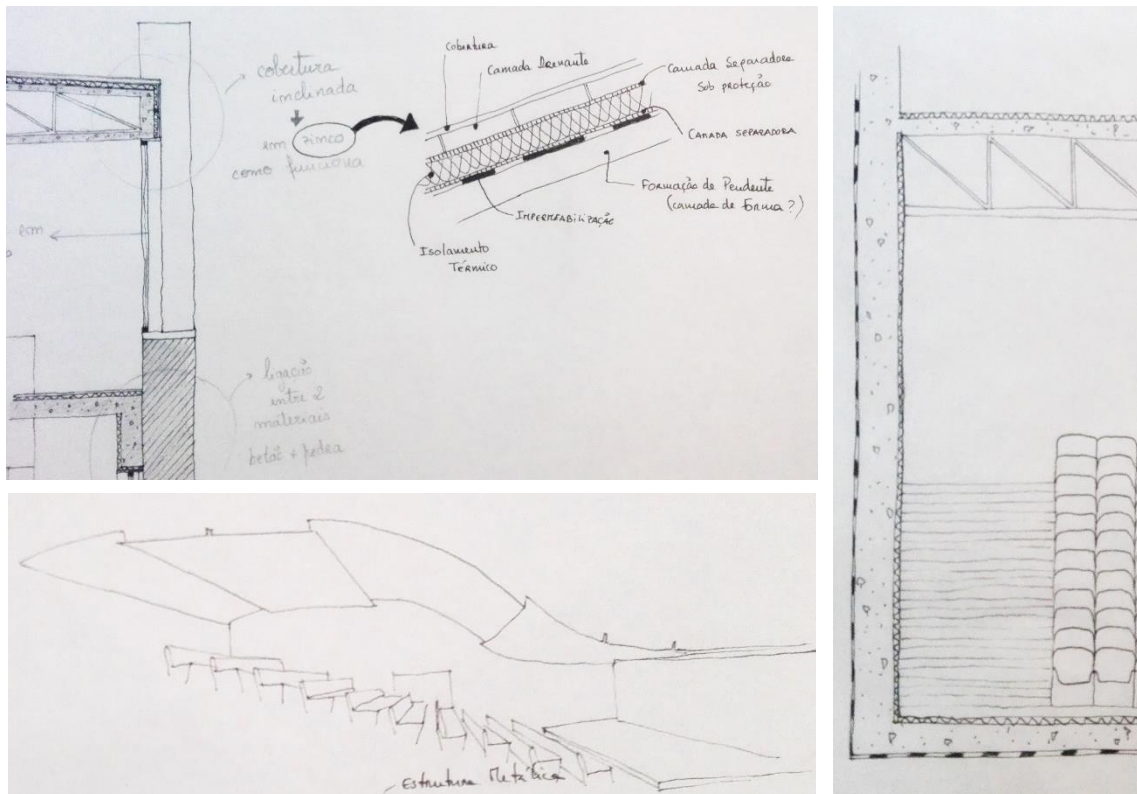


Figura 33. Esquissos - Pormenores Construtivos, desenhos da autora, maio de 2017



MAQUETES DE ESTUDO

Figura 34. Maquetes de Estudo, escala 1:500, registros fotográficos da autora, Dezembro de 2016 - maio de 2017

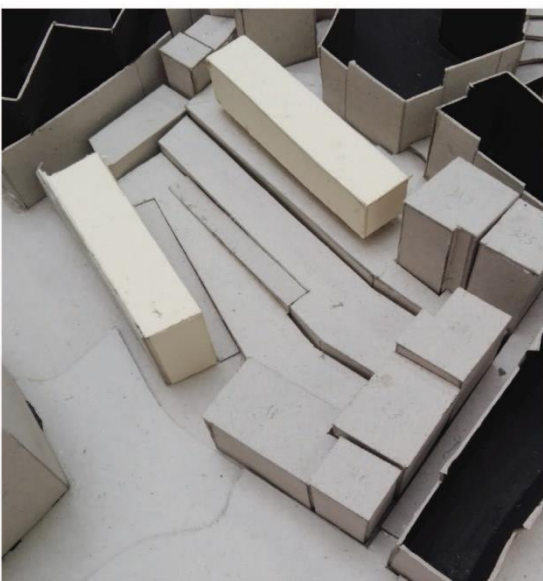
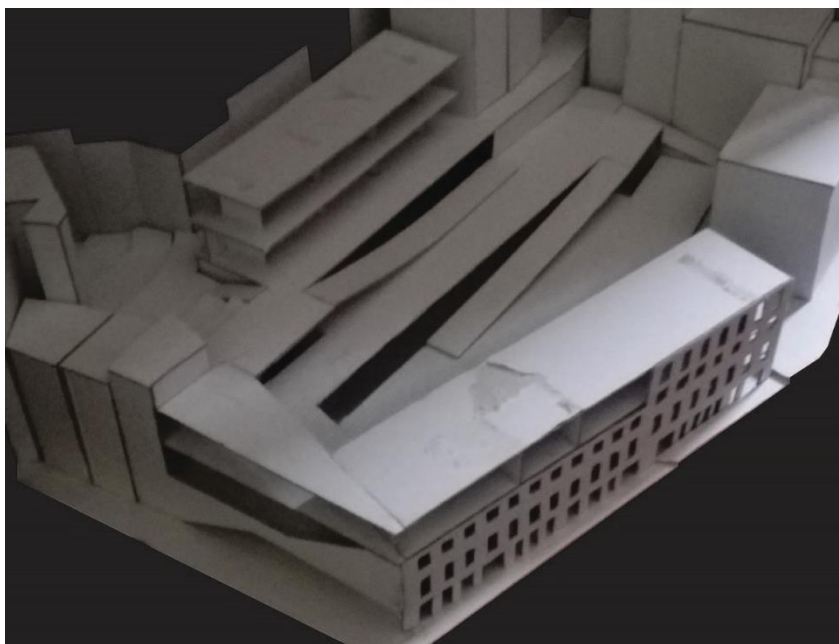
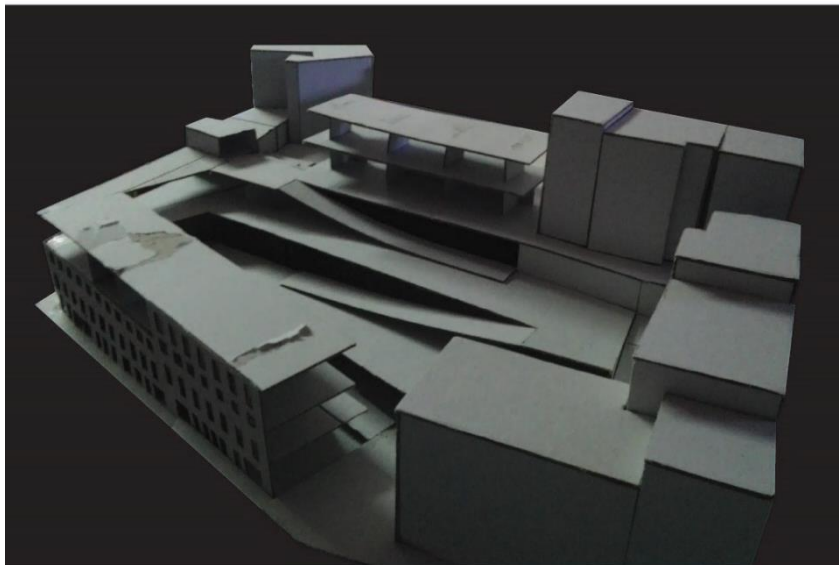


Figura 35. Maquete de Estudo, escala 1:200, registos fotográficos da autora, novembro de 2017



PAINES DA FASE INTERMÉDIA

Figura 36. Painel 1 - Fase Intermédia do PFM, realizado pela autora no âmbito da unidade curricular de Seminários de Apoio ao Projeto Final de Mestrado, abril de 2017

MARTIM MONIZ COMO LUGAR URBANO DE MULTICULTURALISMO

PROPOSTA DE UM CENTRO CULTURAL NO QUERTEIRÃO ENTRE A RUA DA PALMA E A RUA ARCO DA GRAÇA

DANIELA VITORINO 20121333

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO LEITE E PROFESSORA DOUTORA MARIA MANUELA MENDES



Vista Aérea da cidade de Lisboa

Área de intervenção Área em estudo

OBJECTIVOS:

- Aprofundar o conhecimento sobre as alterações urbanas que têm vindo a decorrer no Martim Moniz e perceber a multiculturalidade aí existente;
- Entender a influência da cultura do homem na sua percepção e ocupação do espaço;
- Transformar e intervir no espaço público e no edifício existente tendo em conta, não só a sua integração na cidade e relação com a envolvente construtiva, mas também, os indivíduos a quem se destina e a sua apropriação do espaço;
- Identificar o Centro Cultural não só como um espaço arquitectónico destinado à promoção da cultura e ponto de atracção turístico mas também como espaço de lazer e apoio comunitário.

METODOLOGIA:

- Identificar através de levantamentos, visitas ao local e pesquisa em documentação histórica e estatística quais as pessoas que procuram ocupar a zona do Martim Moniz e relacionar com a diversidade cultural já existente, percebendo os motivos que levam os imigrantes a fixarem-se nesta área e como se relacionam entre si e com a sociedade envolvente;
- Após o reconhecimento do local, realizar uma reflexão sobre a influência da cultura dos indivíduos na percepção do espaço de modo a perceber até que ponto é importante a criação de espaços para a convivência entre diferentes culturas;
- Realizar pesquisa relativamente à importância dos espaços e equipamentos públicos para a convivência das diferentes populações recorrendo a alguns casos de estudo que possam ilustrar este fenómeno;
- Definir formalmente o programa para a proposta de projecto que justifica a intervenção nesta área - Centro Cultural e de apoio à comunidade;
- Desenvolver a proposta tanto a nível urbano como arquitectonicamente, recorrendo a maquetes de estudo e a desenhos a diferentes escalas.

ESTRUTURA DO TRABALHO

	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	M A I O	
PARTE TEÓRICA	Introdução Tema e Objectivos Questões de Partida e Hipóteses Metodologia Estrutura do Trabalho	Capítulo I - O habitar multicultural: na cidade consolidada 1.1. Multiculturalismo: uma interpretação de conceitos 1.2. Em Portugal: Lisboa como cidade multicultural 1.3. Martim Moniz como palco do multiculturalismo 1.4. Integração e convivência das comunidades imigrantes na cidade	Capítulo II - A influência da cultura na percepção do espaço 2.1. A importância da dimensão cultural 2.2. As diferentes formas de habitar e espaço público/privado 2.3. O espaço público - importância, funções, qualidades e convivência cultural 2.4. Os centros culturais como ferramenta de união e convivência entre as diversas comunidades Capítulo III - Casos de Referência	Capítulo IV - Projecto 1. Análise do Lugar: quarteirão entre a Rua da Palma e a Rua Arco da Graça 2. Programa e Justificação do Programa 3. Proposta - Elementos Fundamentais 3.1. Escola Urbana 3.2. Desenvolvimento Funcional 3.3. Materialidade Conclusão	
PARTE PRÁTICA		Escala 1/500 Desenho Urbano Organização funcional Cortes do quarteirão	Escala 1/50 Materialidade Alçados	Escala 1/200 e 1/100 Distribuição dos espaços Maquetes de Estudo	

BIBLIOGRAFIA



Figura 37. Painel 2 - Fase Intermediária do PFM, realizado pela autora no âmbito da unidade curricular de Seminários de Apoio ao Projeto Final de Mestrado, abril de 2017

MARTIM MONIZ COMO LUGAR URBANO DE MULTICULTURALISMO
 PROPOSTA DE UM CENTRO CULTURAL NO QUARTEIRÃO ENTRE A RUA DA PALMA E A RUA ARCO DA GRAÇA

DANIELA VITORINO 20121333

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO LEITE E PROFESSORA DOUTORA MARIA MANUELA MENDES

PROGRAMA - CENTRO CULTURAL E DE APOIO COMUNITÁRIO

ZONA 1 - 4 PISOS

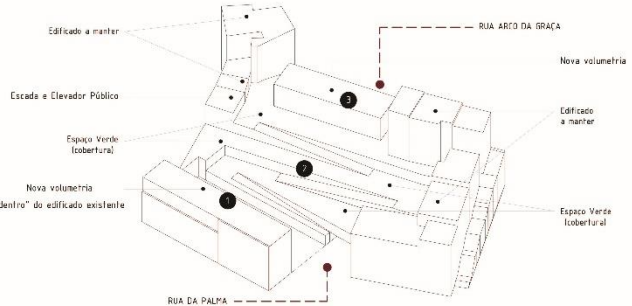
- Comércio
- Salas Polivalentes (workshops, desporto, exposições, etc.)
- Restauração
- Áreas de Apoio aos Serviços

ZONA 2 - 3 PISOS

- Audifólio 1
- Audifólio 2
- Centro de Estudos e Trabalho / Biblioteca
- Cafetaria com espaço de jogos

ZONA 3 - 3 PISOS

- Centro de Línguas
- Escritórios de Apoio à comunidade imigrante (jurídico, etc.)



Escala 1/500
 PLANTA DO EXISTENTE



PLANTA DA PROPOSTA



CASOS DE ESTUDO

Superkilen
 Nørrebro, Copenhaga (2012)



Arquiteto: BIG Architects | Topotek 1 | Superflex

O Superkilen é um parque urbano localizado num dos bairros mais etnicamente diversificados da cidade. Trata-se de um verdadeiro espaço urbano interativo que é dividido em zonas distintas colecionando objectos quotidianos de mais de 60 países. O parque é estruturado por três áreas distintas, tanto visual como funcionalmente: vermelha, preta e verde. A zona vermelha é concebida como uma extensão de actividades desportivas e culturais, onde se podem encontrar uma série de objectos que promovem a actividade física. A zona preta é o verdadeiro coração do Superkilen, com bancos e áreas de churrasco, o que o torna numa grande sala de estar ao ar livre. A zona verde oferece espaços verdes para actividades em família como piqueniques, por exemplo. Além disso, atende a uma antiga reivindicação dos moradores, que exigiam espaços mais naturais na área.

Centro Cultural EYÜP
 Istanbul, Turquia (2013)



Arquiteto: Enne Arolat Architects

O edifício localiza-se na praia, em Golden Horn e é considerado como um componente da paisagem que vence a diferença de cotas através de uma rampa integrada no projeto. O programa do edifício, como o salão de casamentos, a sala de conferências, o restaurante e o teatro relacionam-se directamente com este elemento e estão expostos ao exterior da forma mais transparente possível. Assim, pode dizer-se que o desenho do edifício é motivado essencialmente pela ideia de conexão entre dois níveis diferentes através da rampa e o princípio da transparência. Deste modo, as pessoas que vivem no bairro podem chegar à praia Halc usando esta rampa e ter contacto visual com as actividades que ocorrem dentro do edifício. Este é um aspecto que torna o centro cultural atractivo em relação a todos os outros já existentes na Turquia.

Museu de Arte Contemporânea Lusitânia
 Lisboa, Portugal (2004)



Arquiteto: Frederico Valassina

O desenho do novo espaço museológico da Companhia de Seguros Lusitânia erguido no interior do quarteirão existente, foi condicionado pela presença do Palácio de Porto Covo e pelos seus jardins. Neste sentido, assumiu-se a plataforma enquanto elemento gerador de espaço, reflexo da topografia existente que caracteriza o topo norte do terreno. Surgem-se novos planos, posicionados a cotas distintas, que emarcam e hierarquizam as diferentes partes que integram o edifício. Embora marcante na composição do objecto arquitectónico a plataforma surge, porém, diluída no próprio terreno, reduzindo ao máximo a presença dos corpos edificados. O edifício desenvolve-se em quatro níveis distintos, múltiplos. Os diferentes níveis comunicam entre si através da manipulação das lages e colm o exterior através da criação de aberturas controladas - jardins artificialmente que permitem a iluminação natural dos espaços, projectando o espaço interior na flutuante sobre os jardins.



Escala 1:500 - Antes da Intervenção

Figura 38. Maquete do Existente, escala 1:500, registos fotográficos da autora, fevereiro de 2018



Figura 39. Maquete do Existente, escala 1:500, registos fotográficos da autora, fevereiro de 2018

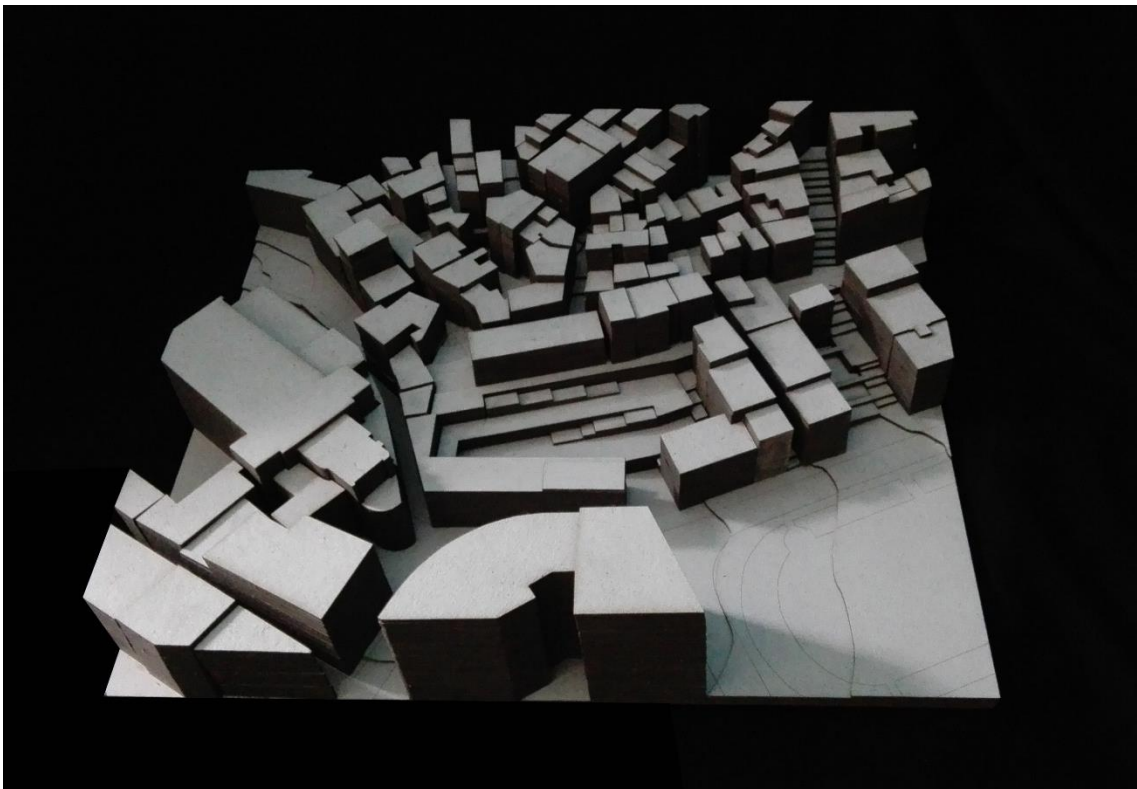


Escala 1:500 - Depois da Intervenção

Figura 40. Maquete da Proposta, escala 1:500, registos fotográficos da autora, fevereiro de 2018



Figura 41. Maquete da Proposta, escala 1:500, registos fotográficos da autora, fevereiro de 2018



Escala 1:200 - Proposta Urbana e Arquitetónica

Figura 42. Maquete da Proposta, escala 1:200, registos fotográficos da autora, março de 2018

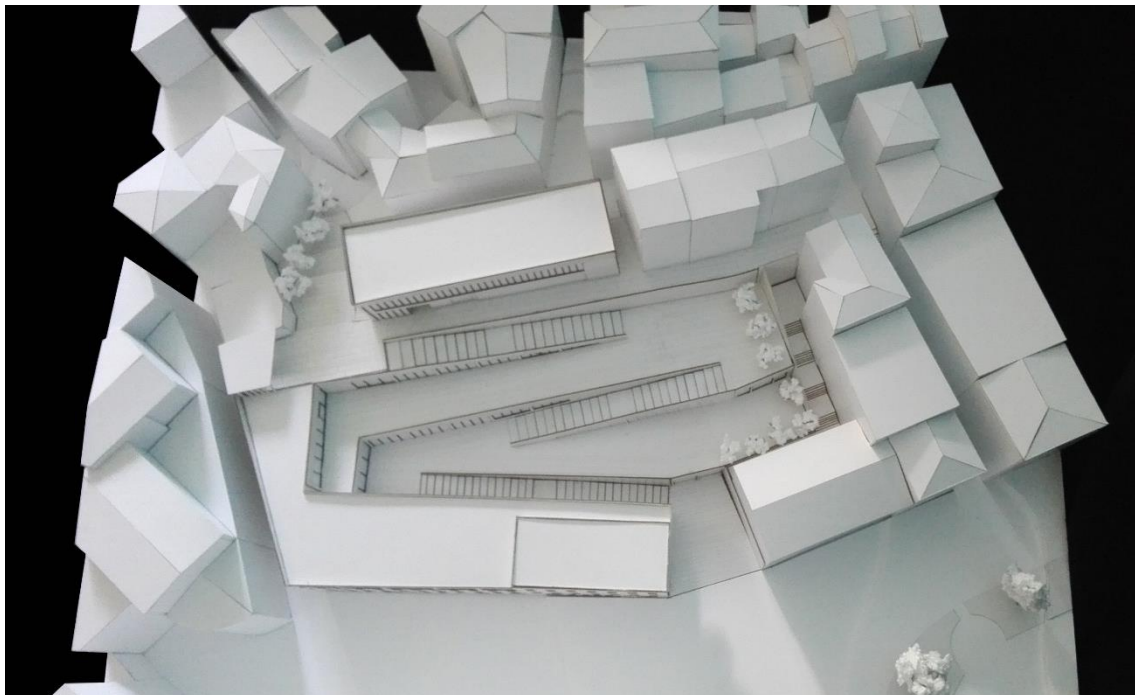
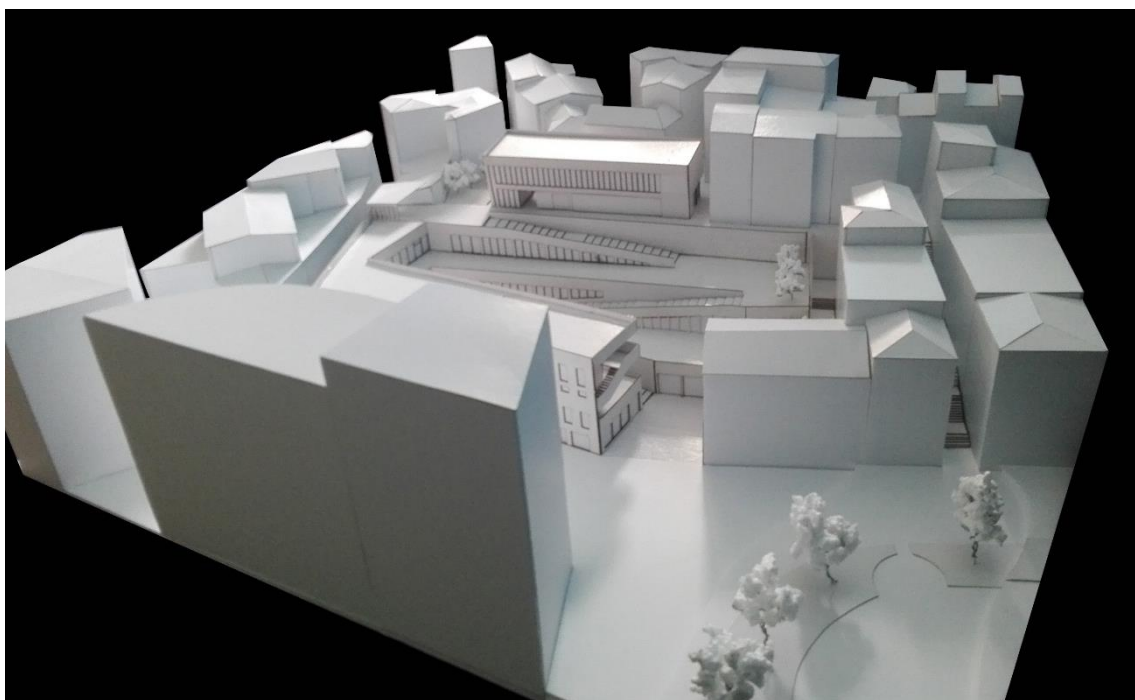
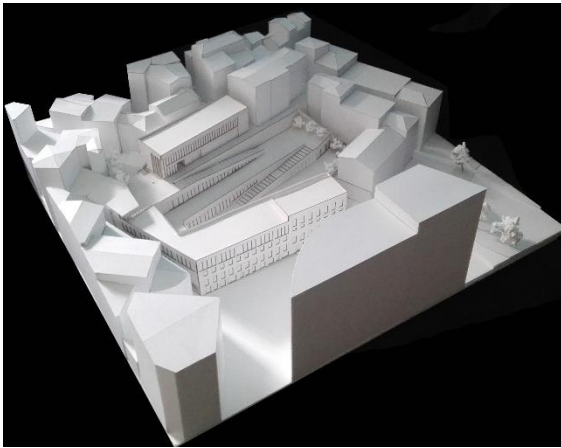


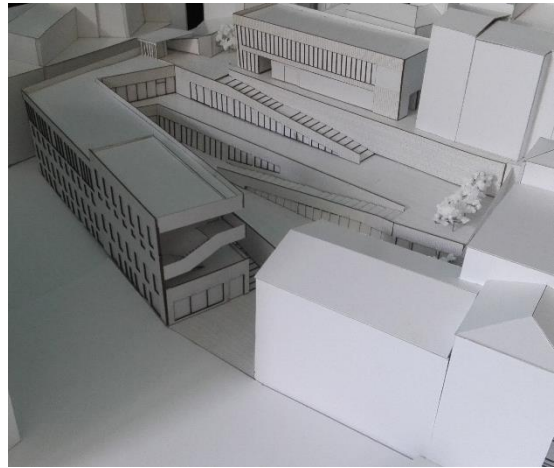
Figura 43. Maquete da Proposta, escala 1:200, registos fotográficos da autora, março de 2018



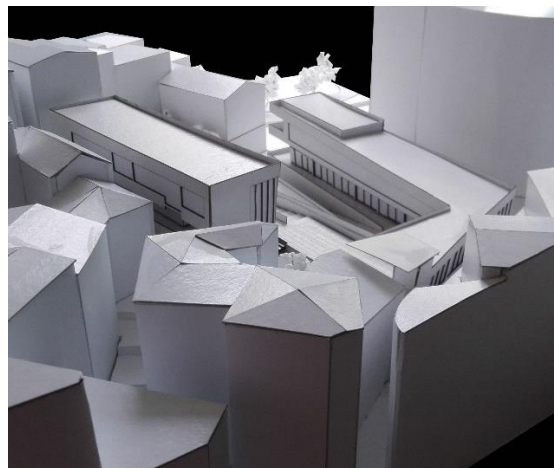
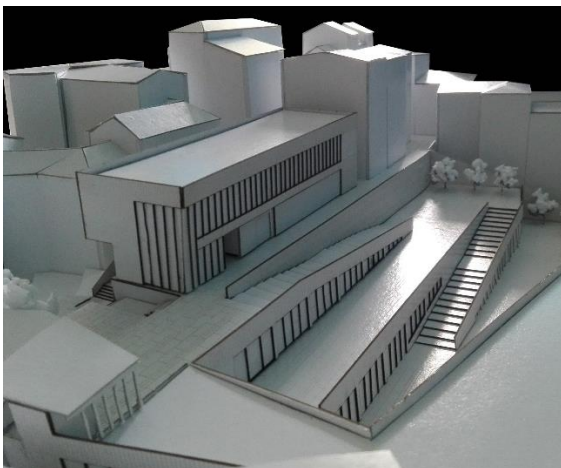
Figuras 44 e 45. Maquete da Proposta, escala 1:200, registros fotográficos da autora, março de 2018



Figuras 46 e 47. Maquete da Proposta, escala 1:200, registros fotográficos da autora, março de 2018



Figuras 48 e 49. Maquete da Proposta, escala 1:200, registros fotográficos da autora, março de 2018





VISTA AÉREA DA CIDADE DE LISBOA: DA COLINA DE S. ROQUE À COLINA DO CASTELO ESCALA 1:2000

— CERCA FERNANDINA

■ PRAÇAS



COLINAS



EDIFÍCIOS NOTÁVEIS



ESQUEMAS DE ANÁLISE ESCALA 1:5500 — VIAS RODOVIÁRIAS PRINCIPAIS ● METRO ● ACESSIBILIDADES

CERCA FERNANDINA

COLINA DE S. ROQUE

COLINA DE SANTANA

COLINA DE S. JORGE

Topografia



COLINA DE S. JORGE VISTA DO MARTIM MONIZ

Edificado



RUA DA PALMA

Usos



COMÉRCIO

Fluxos



TURISMO LARGO DE S. DOMINGOS

Acessibilidades



CALÇADA DO JOGO DA BOLA



COLINA DE S. JORGE VISTA DA COLINA DE S. ROQUE



RUA ARCO DA GRAÇA



HOTELARIA



TURISMO MARTIM MONIZ



VIA RODOVIÁRIA PRINCIPAL - RUA DA PALMA

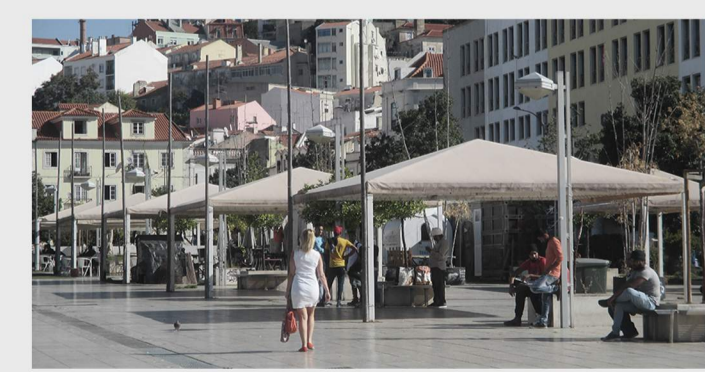
Encontros Multiculturais MARTIM MONIZ

Heterogeneidade

Pessoas Grupos Sociais Modos de Vida

CENTRO MULTICULTURAL

- Espaço de convivência intercultural
- Partilha da diversidade de sistemas culturais
- Pólo de animação e vivificação da zona



PRAÇA DO MARTIM MONIZ

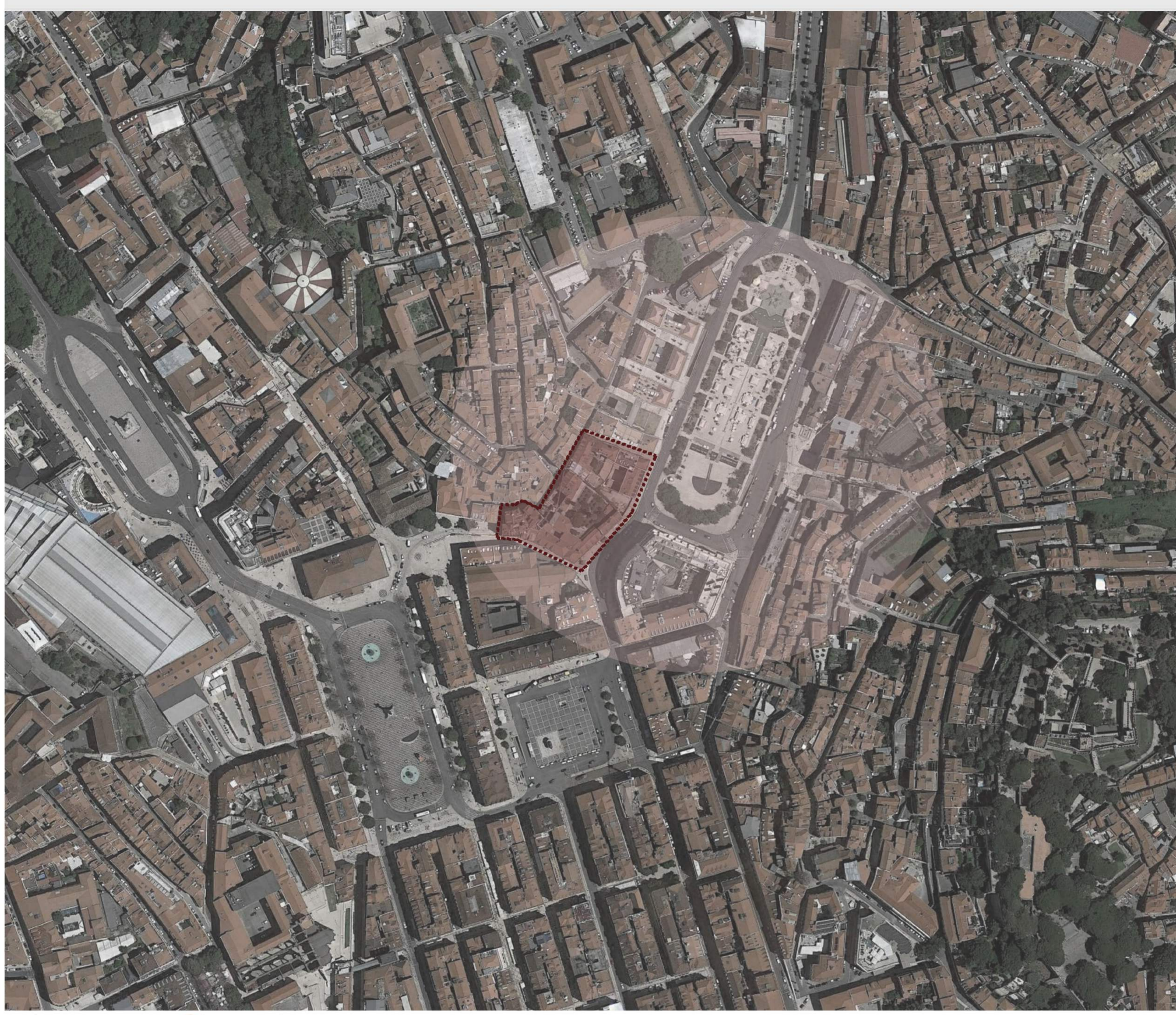
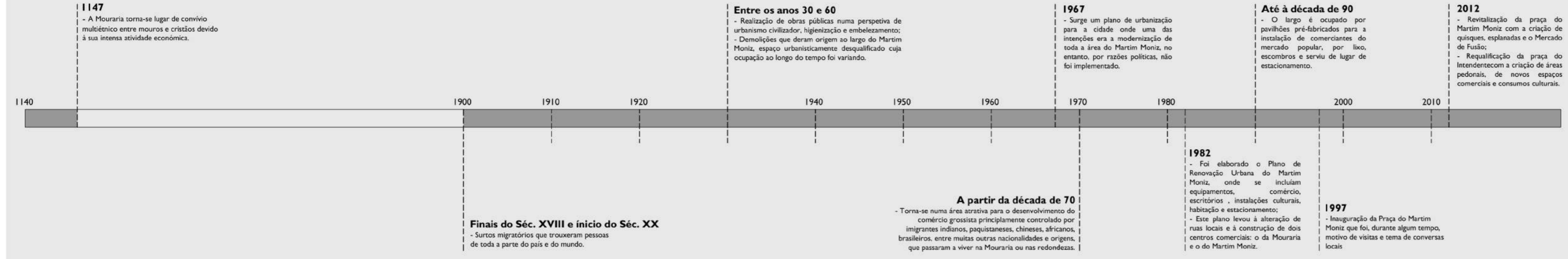


LARGO DE S. DOMINGOS

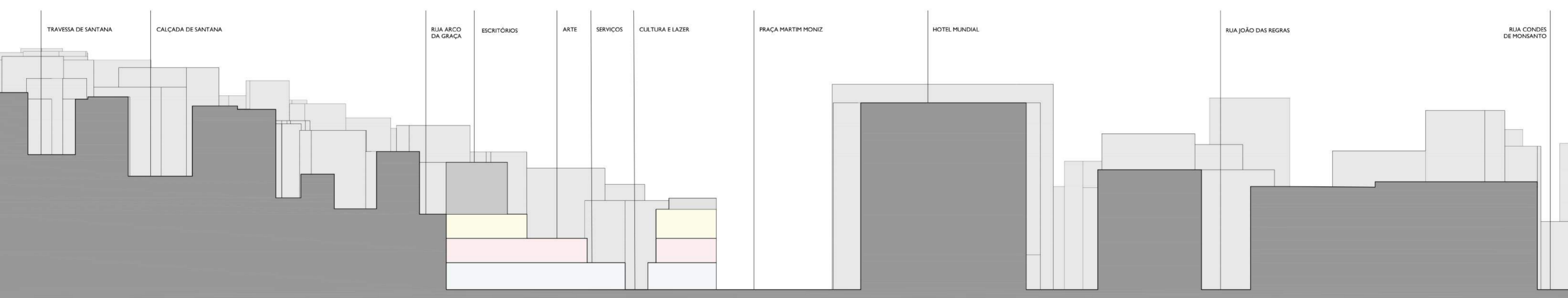


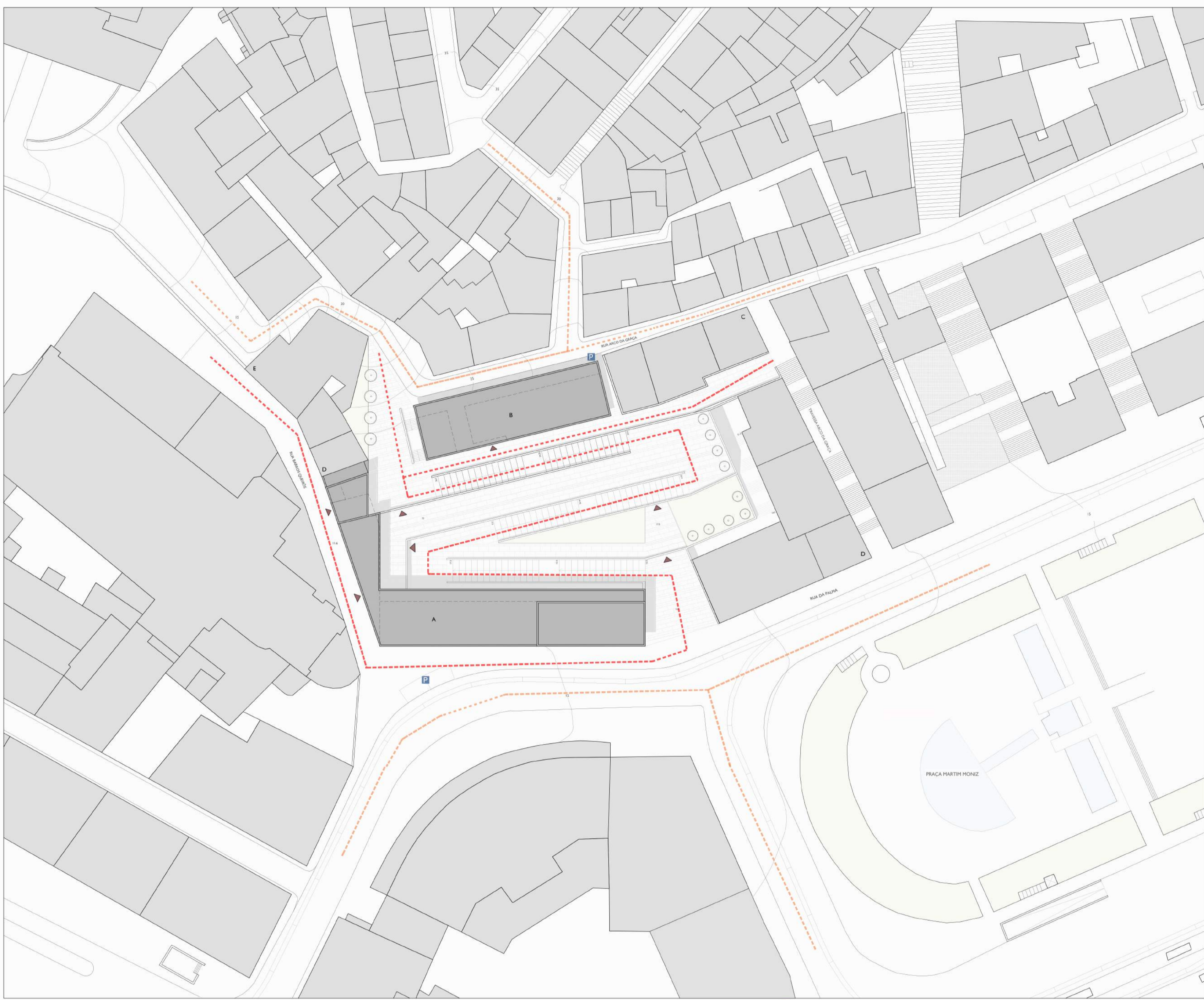
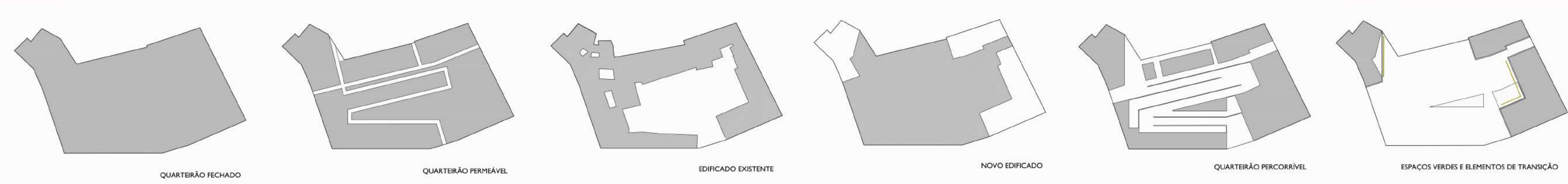
ROSSIO

CRONOLOGIA - MARTIM MONIZ



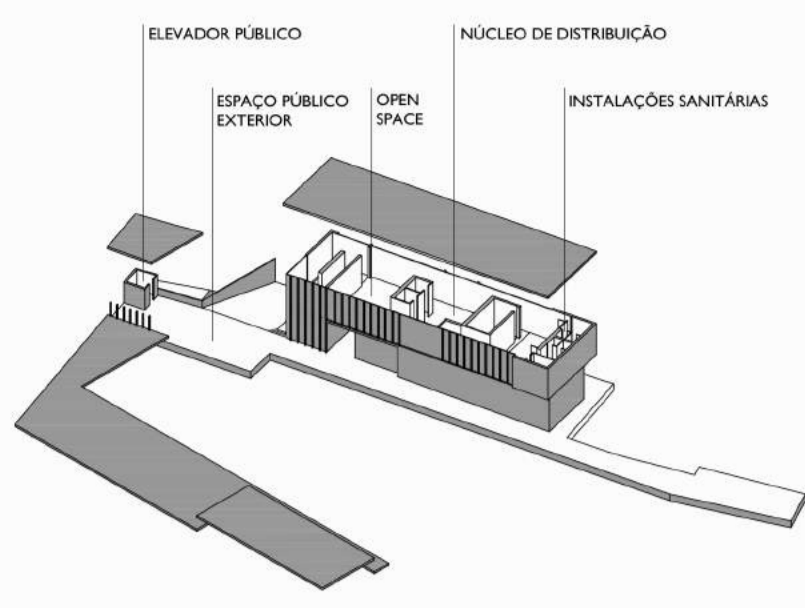
PROGRAMA: CENTRO MULTICULTURAL DE INOVAÇÃO E PROMOÇÃO ARTÍSTICA



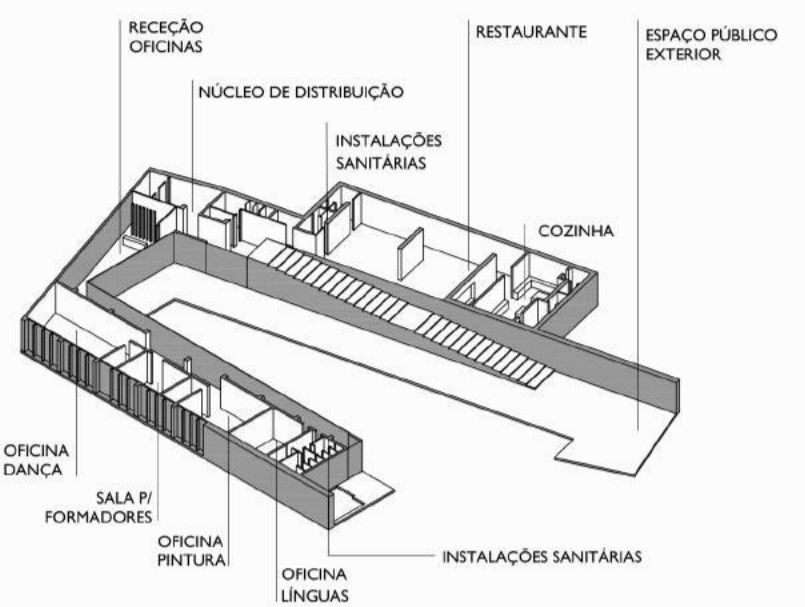


A - CENTRO MULTICULTURAL B - EDIFÍCIO DE ESCRITÓRIOS C - HABITAÇÃO D - HABITAÇÃO E COMÉRCIO E - RESIDÊNCIA
 --- ACESSIBILIDADE PEDONAL --- ACESSIBILIDADE AUTOHÓVEL ▲ ENTRADAS PARA O EDIFÍCIO P ESTACIONAMENTO CARGAS E DESCARGAS

DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL EDIFÍCIO DE ESCRITÓRIOS



PISO 2



PISO 1



PISO TÉRREO



VISTA DA COTA MAIS ELEVADA DO QUARTERÃO (COTA 26,5)



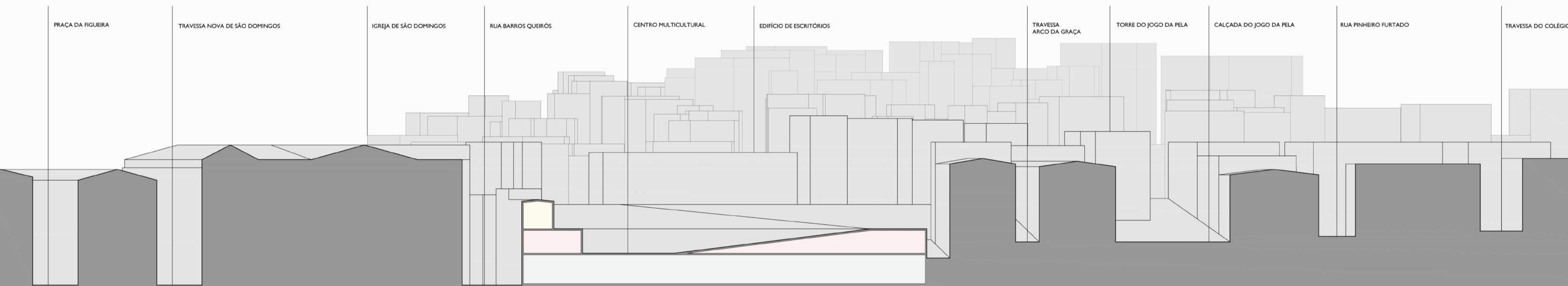
ESPAÇO PÚBLICO VERDE À COTA DA BIBLIOTECA (COTA 17,5)

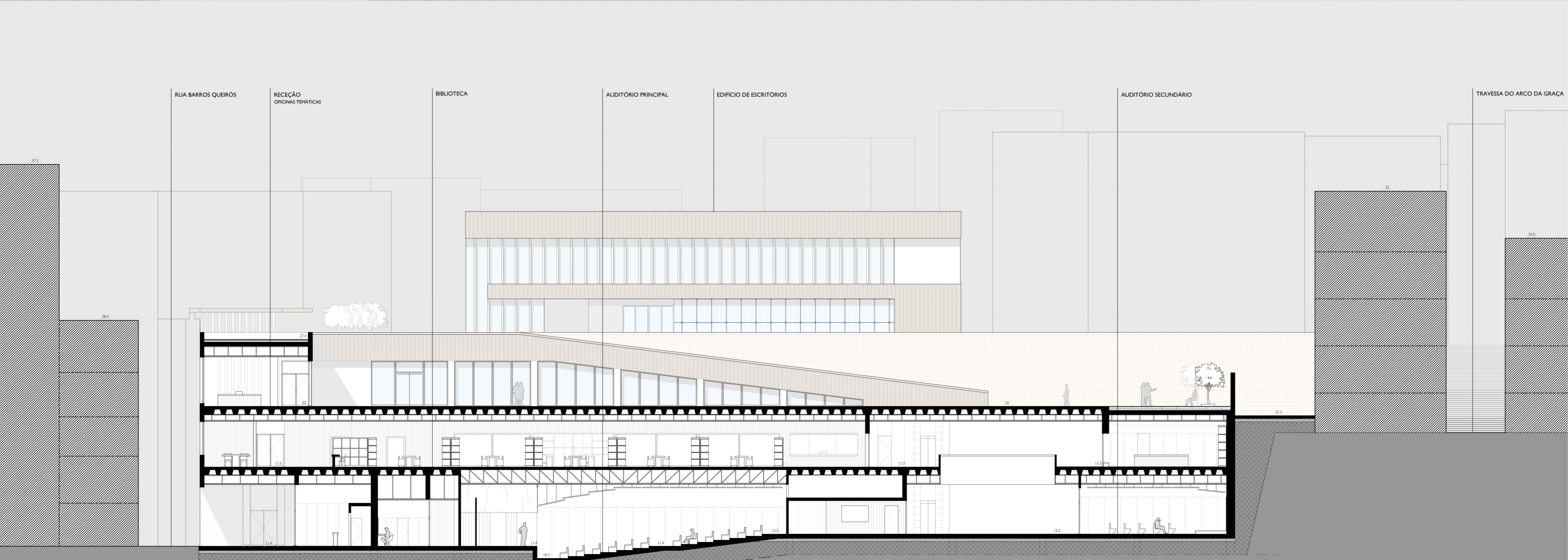


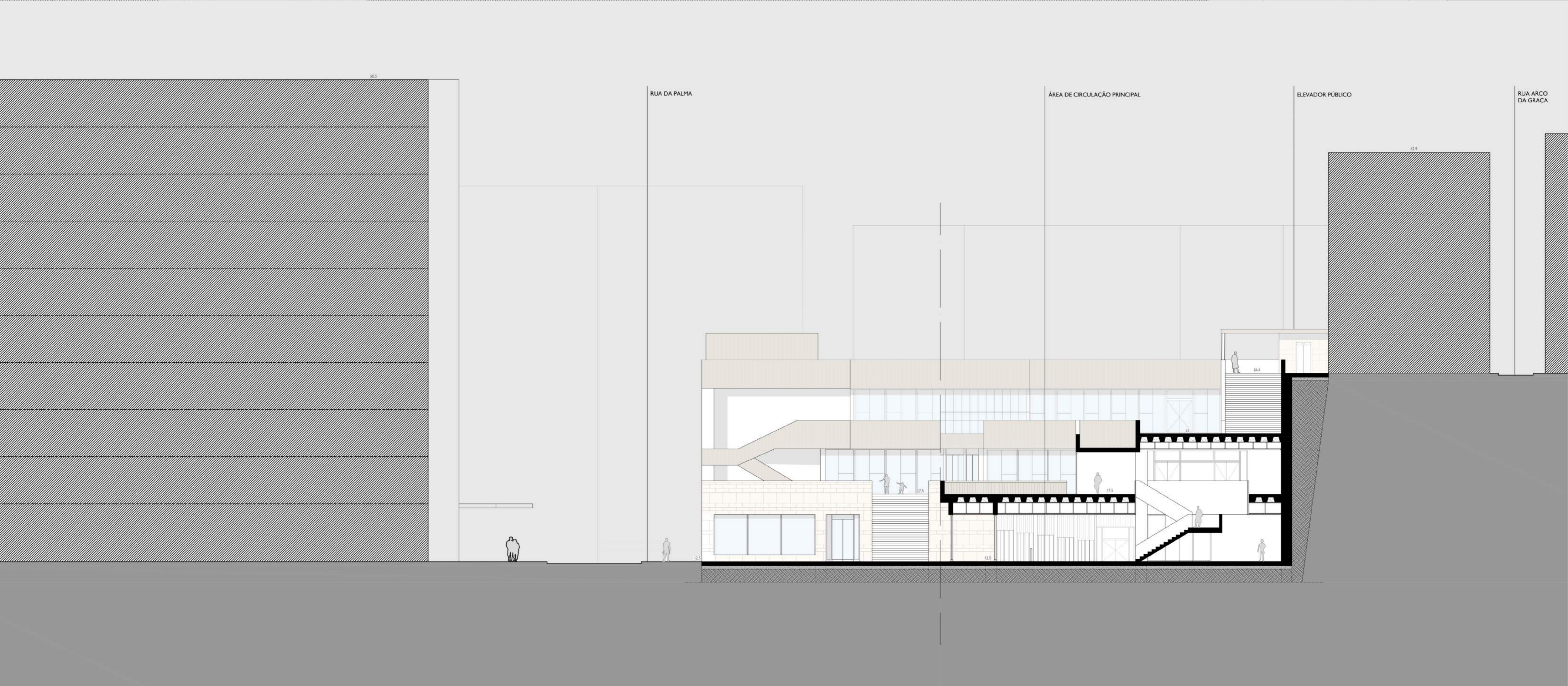
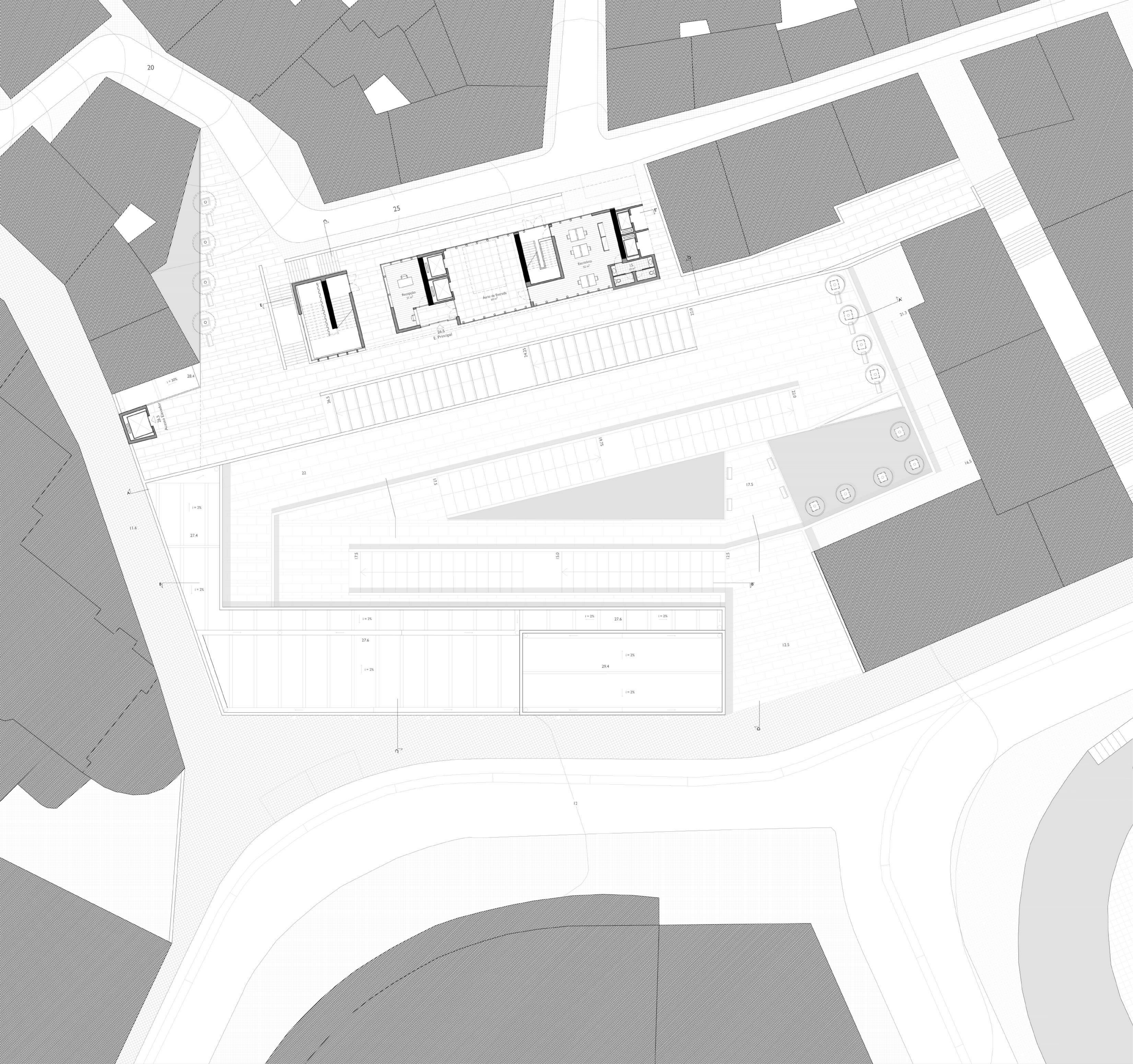
ESPAÇO PÚBLICO IMPERMEÁVEL À COTA DO RESTAURANTE E DAS OFICINAS (COTA 22)

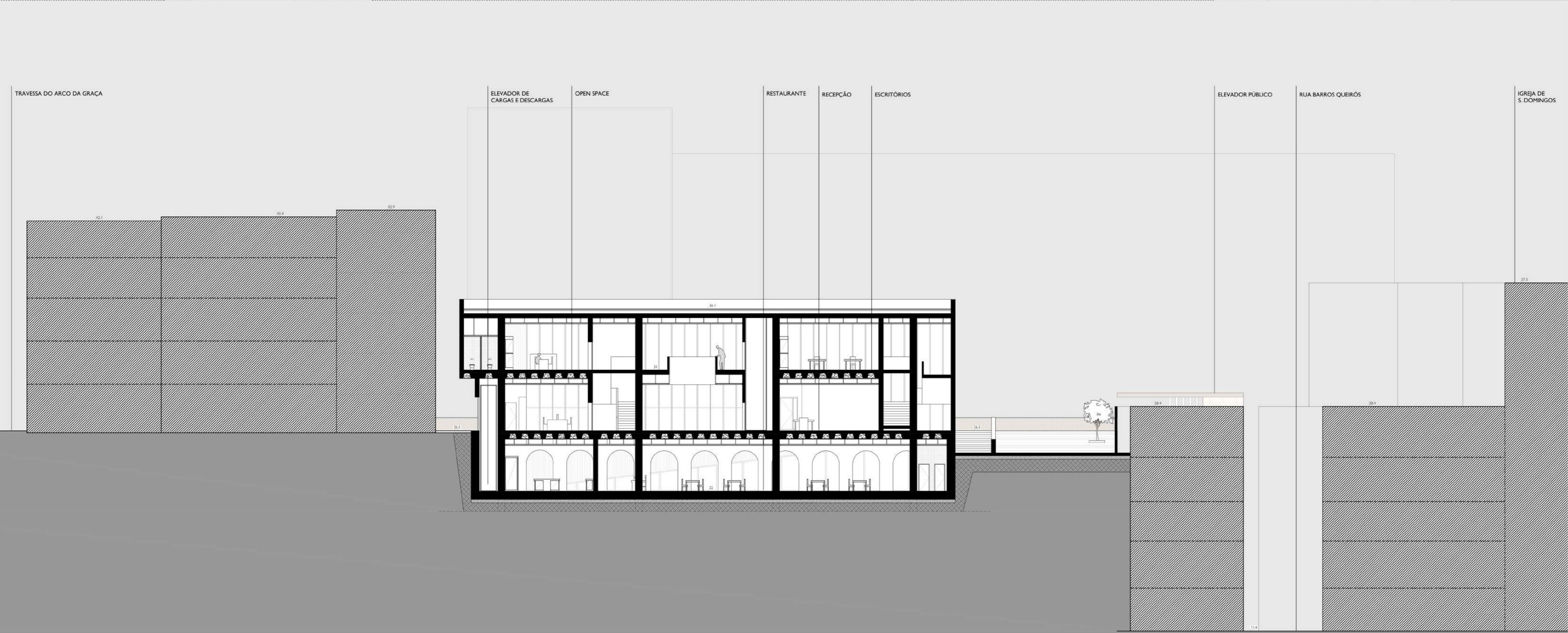
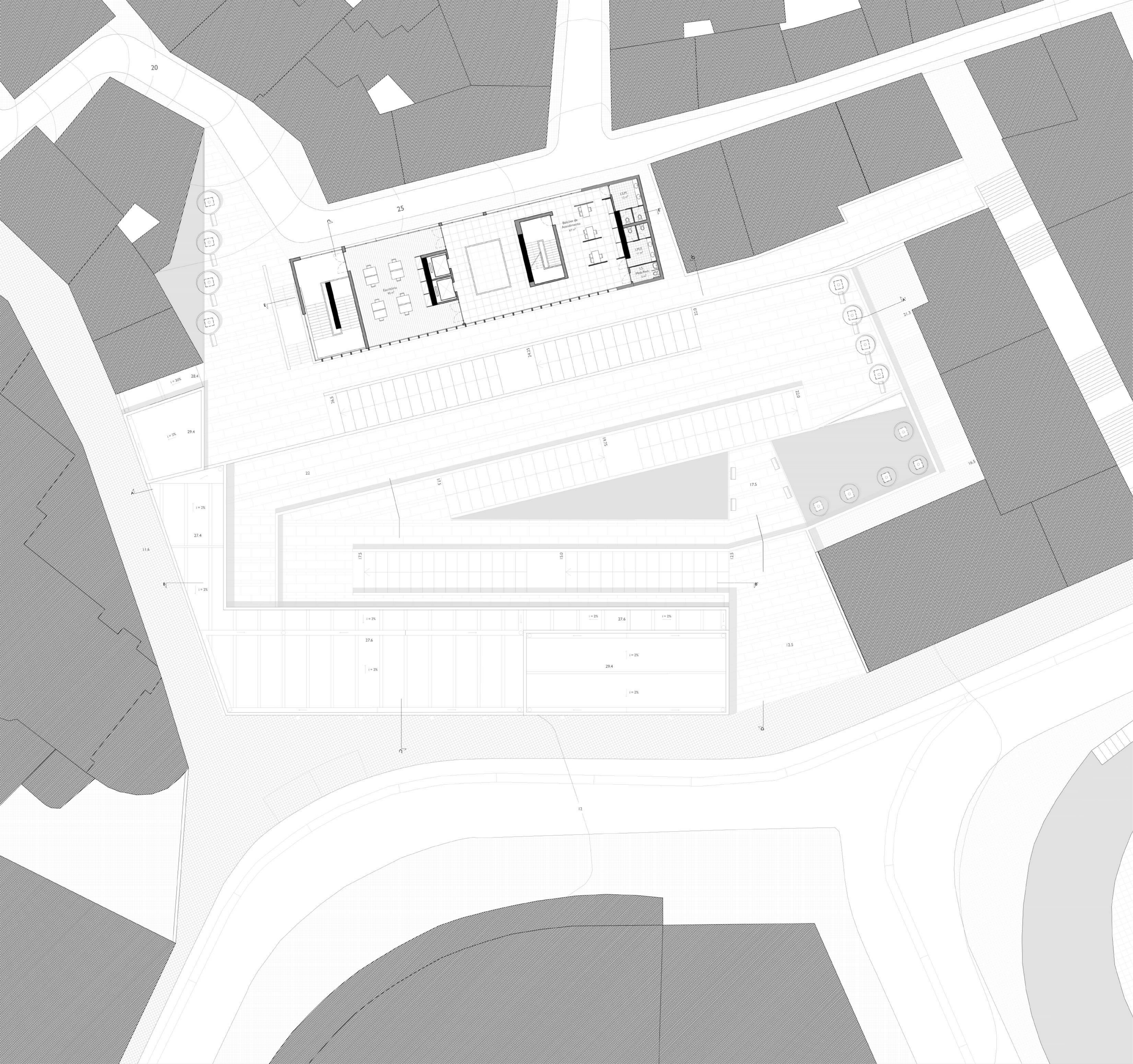


ESPAÇO PÚBLICO COBERTO À COTA DA BIBLIOTECA, PAPELARIA, REPROGRAFIA E CENTRO INFORMÁTICO (COTA 17,5)

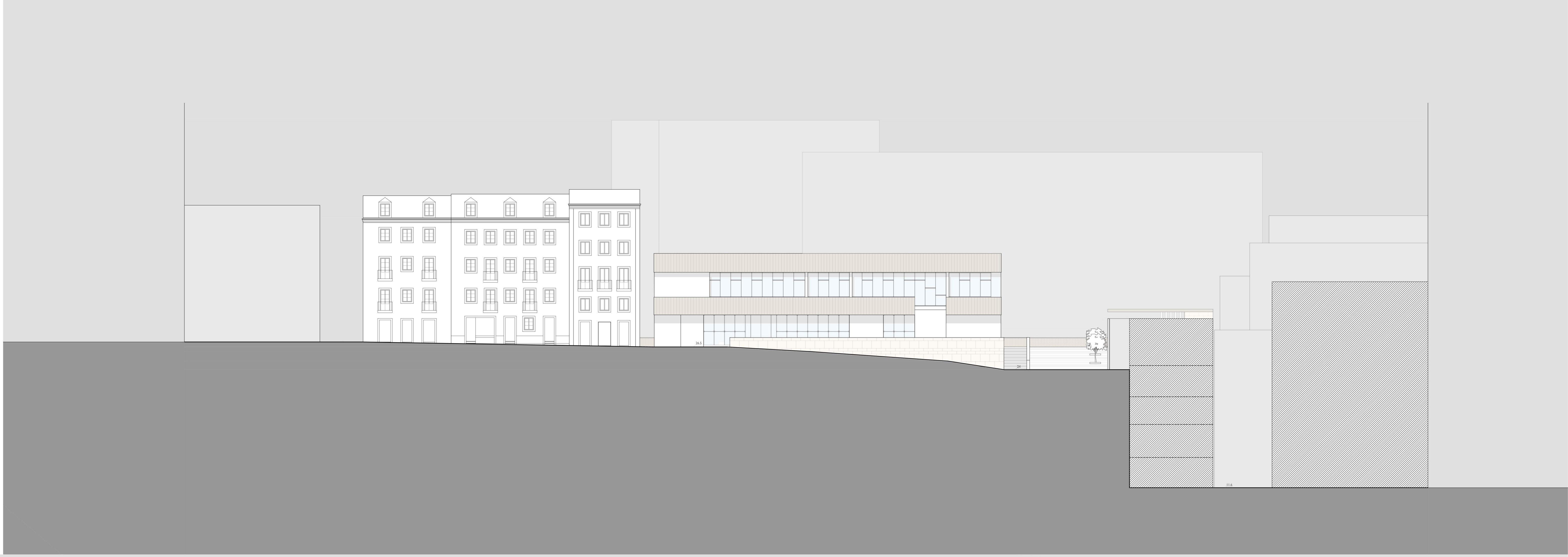


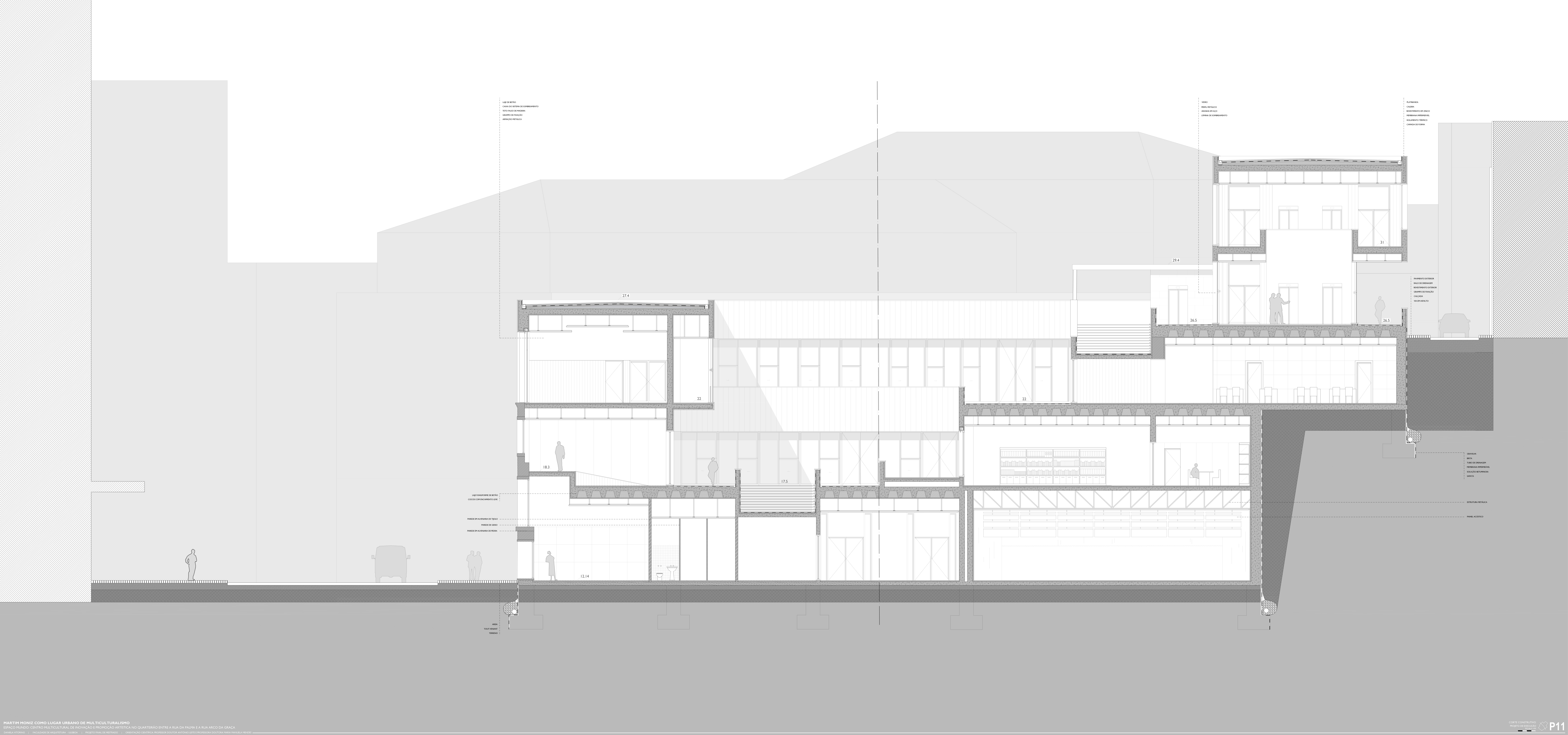












MARTIM MONIZ COMO LUGAR URBANO DE MULTICULTURALISMO

Espaço Mundo: Centro Multicultural de Inovação e Promoção Artística no quarteirão entre a Rua da Palma e a Rua Arco da Graça

Daniela Alexandra Guilherme Vitorino

(Licenciada)

Orientação Científica

Professor Doutor António Leite

Professora Doutora Maria Manuela Mendes

Número Total de Palavras: 14.423 palavras

Lisboa, FAUL, março de 2018